

JORGE MIGUEL MONTEIRO PAULOS

**CONTRIBUTOS DA MÚSICA NA INCLUSÃO DE
ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL**

Orientador: Professor Doutor Horácio Pires Gonçalves F. Saraiva

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2011

JORGE MIGUEL MONTEIRO PAULOS

**CONTRIBUTOS DA MÚSICA NA INCLUSÃO DE
ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Educação Especial conferido pela
Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Orientador: Professor Doutor Horácio Pires Gonçalves F. Saraiva

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2011

Agradecimentos

Em todo o tipo de trabalho, existem momentos melhores que outros, a adversidade e os contratemplos também fazem parte da investigação. Como refere o autor Quivy, R. Campenhoudt, L. (1998) há sempre momentos em que não estamos no melhor caminho para atingir os nossos objetivos.

Várias vezes os sentimentos negativos invadiram a vontade de querer prosseguir, mas a ajuda de várias pessoas próximas a nível pessoal e profissional, tornaram possível este estudo, contribuíram a nível colaborativo, como fonte de inspiração ou de motivação. A todos eles, fica um agradecimento pela força e motivação transmitida para que o trabalho tenha atingido os seus objetivos.

Abstract

Este estudo resulta de uma investigação sobre a importância da música na inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, mais concretamente com os portadores de Paralisia Cerebral.

A revisão da literatura debruçou-se sobre os temas que achamos mais pertinentes para poder desenvolver esta temática. Definição de Deficiência, Paralisia Cerebral, música, importância da música no desenvolvimento humano, Musicoterapia, Educação Musical, musicalização e inclusão.

Como instrumento de recolha de dados foi utilizado um inquérito por questionário a professores do 1º ciclo da Região Autónoma da Madeira e uma entrevista a professores de Educação Musical do Núcleo de Arte Inclusiva da mesma Região.

Os dados foram recolhidos, tratados, analisados e confrontados com a revisão da literatura e com estudos já feitos na mesma temática.

Palavras-chave: música, inclusão, Paralisia Cerebral.

This study is the result of an investigation into the importance of music in the inclusion of pupils with special needs education, more specifically those with cerebral palsy.

The literature review focused on the issues we find most relevant in order to develop this theme. Definition of disability, Cerebral Palsy, music, importance of music in human development, music therapy, music education, music to and inclusion. As data collection tool was used a questionnaire to teachers of the 1st cycle of the Autonomous Region of Madeira and an interview with teachers of Music Education at the Center for Inclusive Arts in the same region.

The data were collected, processed, analyzed and compared with the literature review and studies already done on the same topics.

Keywords: music, inclusion, Cerebral Palsy.

“A música que provém do corpo à semelhança de toda a expressão – reconcilia-nos connosco, coopera e organiza o nosso devaneio, acorda prazeres, sugere o que nós fomos e dá-nos a voz do que queremos ser.” APMT (1998) P. 42.

Índice

Capítulo 1: Introdução

1.1-Justificação do Estudo.....	3
1.2- Introdução.....	4

Capítulo 2: Revisão da Literatura

2.1-Deficiência.....	7
2.2-Paralisia Cerebral.....	9
2.3-Música.....	19
2.4-Importância da música no desenvolvimento humano.....	22
2.5-Musicoterapia e Música.....	26
2.6-Educação Musical.....	29
2.7-Musicalização.....	35
2.8- Inclusão.....	38
2.9- Música e Inclusão.....	44
2.10- Inclusão, Paralisia Cerebral e Música.....	49
2.11-Inclusão pela Música e pela Arte na RAM.....	55

Capítulo 3: Metodologia

3.1-Problema.....	60
3.2-Objetivos de Investigação.....	61
3.3-Hipóteses.....	62
3.4-Instrumentos de Investigação.....	64
3.5-Procedimentos.....	65
3.6-População.....	66
3.7-Dimensão e critérios de seleção de amostra.....	67
3.8-Ética da pesquisa.....	68

Capítulo 4: Análise de dados

4.1-Apresentação dos resultados.....	70
4.1.1-Análise dos questionários.....	70
4.1.2-Análise das entrevistas.....	78

Capítulo 5:

5.1- Apresentação e discussão dos resultados.....	104
---	-----

Capítulo 6:

6.1- Conclusão.....	116
6.2- Linhas futuras de investigação.....	119

Bibliografia.....	120
--------------------------	------------

Anexos.....	125
--------------------	------------

Abreviaturas

- APPC- Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral
- CAP- Centro de Apoio Psicopedagógico
- CAO'S - Centros de Atividades Ocupacionais
- CIF- Classificação Internacional de Funcionalidade Incapacidade e Saúde
- DRE- Direcção Regional de Educação
- DREER- Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação
- GCEA- Gabinete Coordenador de Educação Artística
- ICIDH - Classificação Internacional de Deficiências Incapacidades e Desvantagens
- IMC- Infirmité Motrice Cérébral
- IMOC- Infirmité Motrice D`origine cérébral
- NIA- Núcleo de Inclusão pela Arte
- NEE- Necessidades Educativas Especiais
- OMS- Organização Mundial de Saúde
- ONU- Organização das Nações Unidas
- PC- Paralisia Cerebral
- PEI- Programa Educativo Individual
- PIT - Plano Individual de Transição
- RAM- Região Autónoma da Madeira
- SREC- Secretaria Regional de Educação e Cultura
- UVP- Unidade de Vigilância Pediátrica
- UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Capítulo 1

(Introdução)

1.1- Justificação do estudo

Segundo Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1998), não é fácil gerar conhecimento novo, mas é sempre importante melhorar o significado dos fenómenos. Gerando novas perspetivas a fatos, mesmo que já tenham sido estudados, irão sempre ajudar a compreender com mais nitidez esses fenómenos.

Sendo a inclusão um fenómeno de elevada importância no seio escolar e social, julgamos ser pertinente contribuir para a melhoria o conhecimento e desenvolvimento desse processo.

A música como disciplina escolar e como arte tem um papel fundamental no enriquecimento pessoal e académico nos alunos em geral. É importante contribuir para a sensibilização de todos que numa sociedade toda a gente tem um papel importante a desempenhar e que temos todos muito a aprender uns com os outros.

1.2- Introdução

Este trabalho científico reflecte de uma feição simples a análise sobre a forma como a música pode contribuir para a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais, mais concretamente os da patologia de Paralisia Cerebral.

Numa sociedade que cada vez mais tem a tendência em quebrar preconceitos, onde a escola é um dos principais meios de criação de valores dos seus alunos, a escola inclusiva é cada vez mais um conceito defendido por uns e criticado por outros.

Numa perspetiva de procurar saber as necessidades e as dificuldades dos professores que lidam com estes alunos direccionámos a recolha de dados baseada na experiência e na opinião dos mesmos em relação à inclusão destes alunos através da música.

Esta temática faz despertar determinadas questões: o que será que a música tem de especial para aproximar as pessoas? Será que a música desenvolve o pensamento? Será que a música apenas contagia, ou tem realmente a capacidade de desenvolver competências psicomotoras num indivíduo? São estas questões e outras direccionadas com a inclusão de alunos com Paralisia Cerebral que tentaremos responder na elaboração do trabalho.

Este trabalho de investigação passa pela exploração dos conceitos que estão ligados ao tema: Deficiência, Paralisia Cerebral, música, importância da música no desenvolvimento humano, Musicoterapia, Educação Musical, musicalização e inclusão.

Capítulo 2

(Revisão da Literatura)

Dado o facto de estarmos perante um trabalho de investigação, é estritamente necessário contextualizar o quadro de estudo. Após a identificação da problemática em análise, torna-se indispensável reunir e organizar estudos que se relacionem com a temática. É fundamental criar um resumo sobre o que já existe documentado a respeito dos temas pertinentes neste mesmo estudo.

Fortin (1999) refere que a revisão da literatura é um procedimento que consiste em verificar o registo e o exame crítico do conjunto de publicações pertinentes, sobre um domínio de investigação. No fundo é fazer um balanço do que foi escrito no domínio da investigação em estudo. Segundo o autor a revisão bibliográfica serve para a obtenção de indicações e sugestões para o plano de investigação, quer na recolha de dados, quer na utilização de instrumentos ou amostras.

Num trabalho de investigação é importante criar uma estrutura teórica que possibilite a explicação dos fatos em estudo e produzir uma relação entre eles de acordo com o tema. Os temas aqui aprofundados e relacionados são importantes para a compreensão do objeto em estudo e para a análise dos resultados obtidos. A pesquisa foi feita com base nas palavras-chave: deficiência, paralisia cerebral, música, a música no desenvolvimento do ser humano, musicoterapia, educação musical, musicalização, inclusão.

2.1-Deficiência

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) não há uma definição única de deficiência ou de determinado tipo de deficiência, existem sim variadíssimos conceitos, uns mais divergentes e outros mais parecidos uns com os outros. De autor para autor, e à medida que a sociedade vai evoluindo no sentido de procurar novas descobertas, as definições vão-se modificando.

Desde o início dos anos 80 que a (ICIDH) Classificação Internacional de Deficiências Incapacidades e Desvantagens tem vindo a trabalhar no sentido de criar um consenso na definição de deficiência dentro da nossa sociedade. Com a evolução de termos, de conceitos e dos valores da própria sociedade, em 2002 sentiu-se a necessidade de criar Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF).

A Revista de Saúde Pública de São Paulo (2000), citada por Matheus e Schielemann (2000), descreve a deficiência como: *“perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais.”* Amiralian et al, (2000) P. 98. Citado por Matheus e Schielemann (2000).

Dá que pensar quando, por exemplo, alguns estudos demonstram que está estimado que 10% da população mundial possui alguma deficiência. Segundo a mesma revista, deficiência é associada às limitações básicas para uma vida social, nomeadamente no que diz respeito à mobilidade, comunicação, uso dos sentidos, interação social e cognição. Sendo que, para que se possam qualificar como deficiência, terão de se expressar no corpo num estado permanente ou de longa duração.

Para além de todas essas limitações, existem ainda as barreiras físicas, ambientais, económicas e sociais que, apesar de muitas vezes serem esquecidas pela nossa sociedade, são também fatores que contribuem para que um indivíduo fique em desvantagem em relação aos demais. Ainda se verifica uma certa marginalidade em relação às pessoas com deficiência, contudo ultimamente as coisas têm evoluído para que as diferenças e as barreiras sejam diminuídas. Segundo Bieler (2005), numa abordagem sobre a deficiência como parte do ciclo de vida e desenvolvimento inclusivo, a autora refere-se a deficiência como sendo o resultado

da interação de deficiências físicas, sensoriais ou mentais com o ambiente físico, cultural e as instituições sociais. Através do estudo desta autora chegou-se à conclusão que 80% das deficiências têm origens que se podem prevenir e que muitas vezes podem estar associadas a níveis baixos económicos e sociais, desde falta de condições de saneamento, de alimentação e fatores hereditários.

A deficiência pode-se apresentar essencialmente de 2 formas: física «motora, sensitiva, visual e auditiva» ou mental «alterações psicológicas originadas por desequilíbrios biológicos e ambientais». Apesar desta distinção, existem também as multideficiências que podem ser um misto das duas formas.

A nível clínico, as alterações anatómicas e/ou funcionais por motivos genéticos, denomina-se de anomalia, que podem ser congénitas «adquiridas no nascimento» ou anomalias adquiridas «ocorridas após o nascimento ou próximo dele».

Existem ainda outras denominações como a síndrome, que é a denominação médica onde existem determinados erros durante a formação do embrião.

2.2-Paralisia Cerebral

A Paralisia Cerebral (PC) segundo registos, já vem sendo referida desde há muito tempo. É citada na Bíblia e algumas das personagens mais importantes da história da humanidade foram portadoras desta deficiência. Desde muito cedo se criou muita discussão sobre o tipo de patologia que se tratava, qual a origem e quais as causas e características. A própria denominação e definição foram motivos de muitos estudos e de conseqüentes transformações. Mesmo através de muitas investigações e da evolução da tecnologia, ainda se torna, em alguns casos, difícil de analisar com rigor certos casos desta patologia.

Segundo a revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), a definição de Paralisia Cerebral (PC) passa de um modo geral pela referência a uma lesão originada pela falta de oxigénio no cérebro, esta manifesta-se sobretudo no controlo da postura e movimento à qual se podem coligar perturbações a nível da linguagem, de deficiências sensoriais e de perceção, problemas de comportamento e epilepsia.

A definição desta deficiência foi sendo sujeita a várias transformações, na metade do século XIX foi reconhecida como uma deficiência neuro motora, por volta do ano de 1860, um médico Inglês de seu nome John Little focou-se na importância da baixa oxigenação do cérebro, denominada de hipoxia. Este Senhor deu origem à primeira definição de PC em 1843. Uns anos depois, em 1862 sintetizou vinte anos de investigações, citado por Nielsen L. B.(1999) P.96. William Little afirmou que: *“os espasmos e a deformidade associados à paralisia cerebral se ficavam a dever a hemorragia cerebral resultante de trauma ocorrido no processo de nascimento”*. P. 95. Mais tarde, Sigmond Freud veio dizer que uma das causas de origem da PC se devia a agressões desenvolvidas na fase pré-natal, ou seja, desde a geração até à altura do parto.

Muitos foram os autores que contribuíram para a definição desta patologia. Logicamente que nem sempre foram consensuais umas definições com as outras mas, todas contribuíram para a sua evolução e aperfeiçoamento. Desde muito cedo os autores não tiveram dúvidas de que esta patologia seria provocada por uma lesão encefálica.

Só após a II grande guerra é que este assunto voltou a ter interesse no âmbito internacional. Nos Estados Unidos concluiu-se a formação da Academia de Paralisia Cerebral. Segundo Nielsen (1999), a Academia Americana para a Paralisia Cerebral (American

Academy for Cerebral Palsy) foi fundada em 1947 e a Associação Unida para a Paralisia Cerebral (United Cerebral Palsy Association), uma organização de projeção nacional, foi formada em 1949-1950.

Passado uns anos, num congresso em Edimburgo, conseguiu-se obter um bom resultado de concordância sobre a patologia, vários estudiosos especializados no assunto reuniram-se e chegaram a várias conclusões. No primeiro congresso, chegou-se à conclusão de que a PC seria uma patologia originada por uma desordem do movimento e da postura devido a uma lesão no cérebro. Uns anos depois, como refere a revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), e na mesma cidade, chegou-se à conclusão de que seria: *“uma desordem permanente, mas não imutável, da postura e do movimento, devida à sua disfunção do cérebro antes que o seu crescimento e o seu desenvolvimento estejam completos.”* Baxi (1964), citado pela revista de Educação Especial e Reabilitação (1989) P. 19.

Esta patologia foi tendo várias nomenclaturas ao longo da sua história, como IMC (Infirmité Motrice Cérébral) ou IMOC (Infirmité Motrice D`origine cérébral). Ingman (1984) distingue PC como a não ausência de movimentos, mas sim movimentos involuntários ou descoordenação e que a sua origem nem sempre é cerebral, mas sim intracraniana.

Cahuzac (1985), citado pela revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), distinguiu algo muito importante para o conhecimento desta patologia, segundo o autor os portadores desta patologia apresentavam principalmente alterações a nível motor, separando assim a associação inevitável de atraso mental devido ao próprio nome da patologia. Segundo o autor, uma criança portadora desta patologia pode ter um desenvolvimento mental normal ou até acima da média, o que também não significa que não possa apresentar atraso mental, até devido às lesões a nível cerebral e o que daí possa advir.

2.2.1 - Características da Paralisia Cerebral

Nielson (1999), refere que de acordo com área do cérebro que está lesionada e da extensão no sistema nervoso central, a PC pode evidenciar as seguintes características:

- Espasmos
- Problemas a nível de tonicidade muscular
- Movimentos involuntários
- Problemas de postura e movimento
- Convulsões
- Anomalias no campo das sensações e da perceção
- Problemas de visão
- Problemas de fala
- Deficiência mental

Segundo a revista Diversidades Nº 30 da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação da Região Autónoma da Madeira (2010), a definição de PC foi revista por um grupo de investigadores (Developmental Medicine and Child Neurology, 2000) visando já os dados neuro imagiológicos. No nosso país, a Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral (APPC), fundada em 1960 também tem contribuído no estudo Epidemiológico Europeu. Surveillance of Cerebral Palsy in Europe desde 2006 num projeto de Vigilância Epidemiológica Nacional da «Paralisia Cerebral aos 5 anos», que tem a coordenação da Unidade de Vigilância Pediátrica (UVP).

“Assim, define-se paralisia cerebral como um termo abrangente para um grupo de situações clínicas, que é permanente mas não inalterável, que origina uma perturbação do movimento e/ou postura e da função motora e é devida a uma alteração, lesão ou anomalia não progressiva do cérebro imaturo e em desenvolvimento. As crianças que adquirem esta situação até aos 5 anos de idade devem ser incluídas neste grupo”¹.

¹ Revista Diversidades Nº30 P. 4

Para além da definição, da nomenclatura e das características desta patologia, os autores foram-se virando para as causas de aparecimento, para que assim a pudessem compreender melhor. Segundo a revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), esta lesão pode suceder em 3 momentos da vida: pré-natais, perinatais e pós-natais. À medida que a tecnologia e o conhecimento foram avançando, a definição começou a ter menos contradições e começaram-se então a especificar ainda mais as características desta patologia e todos os aspetos envolventes a ela.

“De acordo com a Associação Médica Americana, 90% dos casos de Paralisia Cerebral ocorrem no cérebro. Entre as suas causas incluem-se: infecção materna com rubéola, ou quaisquer outras doenças víricas que se manifestem na gravidez; parto prematuro, falta de oxigenação da criança devido à separação prematura da placenta; posicionamento inadequado do bebé no momento do parto; trabalho de parto demasiado prolongado ou demasiado abrupto e problemas com o cordão umbilical.”²

Estas são algumas das causas que podem originar esta patologia, que não é alvo de contágio. A Paralisia Cerebral não é contagiosa e raramente está associada a uma condição hereditária. Dado que as lesões cerebrais não se agregam com o tempo. Esta patologia não é progressiva e não é causa primária de morte.

2.2.2- Causas da Paralisia Cerebral

A incidência desta patologia, segundo a Revista de Educação Especial e Reabilitação (1989) é referida segundo Paneth e Kieley (1984) após a revisão de 28 estudos efectuados nos últimos 35 anos, em 2 pessoas por 100. Cahuzac (1985), citado na mesma revista, refere que as causas pré-natais ocupam cerca de 1% do total dos casos de PC, enquanto que no período perinatal, já se verificavam 95%, (50% dos quais de sofrimento fetal são neo-natais). Monreal (1985), citado na mesma revista, constatou que cerca de 60% a 70% de crianças com PC teriam histórias familiares relacionadas com alguns tipos de anomalias neurológicas. Andrada (1986), citada pela revista de Reabilitação (1989), refere que a PC em países em desenvolvimento é mais elevada quem em países industrializados devido sobretudo à capacidade de atender aos cuidados com as crianças nos períodos mais críticos.

² Nielsen L. B.(1999) P.96.

Sendo assim, vamos tentar então conhecer quais as causas que originam esta lesão. Segundo F. Stanley e E. Blair (1984), citado pela revista de Educação Especial e Reabilitação (1989) os fatores etiológicos da PC são:

1- Fatores pré-natais (antes do nascimento)

- Predisposição familiar,
- Influências intra-uterinas precoces ex: alcoolismo da mãe, deficiência de iodina, doença de minamata, metil mercúrio, infecções virais congénitas (rubéola, citomegalovírus, toxoplasmose),
- Influências na gravidez adiantada (hemorragias),
- Segundo Miller (2000), a hipoxia (falta de oxigénio), as exposições a radiações, a diabetes, a tensão alta e a incompatibilidade sanguínea também podem ser fatores para a ocorrência de PC antes do nascimento.

2- Fatores perinatais (durante o parto)

- Fatores de risco intraparto, ex: parto pélvico, parto prolongado, traumatismo de parto,
- Fatores de risco extraparto, ex: kenicterus, meningite, anóxia, hemorragia intracraniana,
- Segundo Miller (2000), intoxicação por medicamentos, hemorragia intraventricular.

3- Fatores pós-natais (depois do parto)

- Infecções virais bacteriológicas,
- Traumatismos,
- Segundo Miller (2000), incompatibilidade sanguínea no feto materno, tumores, hematomas, problemas metabólicos, acidentes cardiovasculares, meningite, encefalite.

Embora a lesão cerebral possa ocorrer em qualquer momento da vida, segundo a revista de Educação Especial e Reabilitação (1989) é determinante para o tratamento de uma Paralisia Cerebral que seja diagnosticado e encaminhado o mais cedo possível. A incidência

maior como afirma Wigglesworth (1984), citado na revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), situa-se desde a concepção até aos primeiros anos de vida, hoje em dia cada vez mais já se aposta na prevenção, reabilitação e inserção social na perspetiva de minimizar os efeitos da doença.

2.2.3- Graus da Paralisia Cerebral

A Paralisia Cerebral é um termo genérico que inclui um conjunto de tipos nosológicos que apresentam quadros muito distintos entre si. Como é referido na revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), não é clara a forma de distinguir a classificação ou uma tipologia pura, até é bastante comum encontrarem-se na mesma pessoa uma combinação de dois tipos de Paralisia Cerebral que têm a denominação de casos mistos.

De acordo com a conjugação dos fatores decisivos na autonomia do indivíduo, local da lesão e os défices motores, a PC pode ser classificada em 3 graus:

- 1- Severo** – quando o indivíduo apresenta uma enorme dificuldade na realização dos movimentos, quase não existe autonomia
- 2- Moderado** – quando o indivíduo necessita de ajuda nas alterações de movimentos
- 3- Leve** - quando o indivíduo apresenta uma autonomia considerável apesar de ainda necessitar de ajuda em movimentos de coordenação e equilíbrio

2.2.4- Tipos Nosológicos da PC

Segundo Bobath (1984), citado pela revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), existem três fatores que devem ser considerados em todos os casos de Paralisia Cerebral: a tonicidade, a inervação recíproca e os padrões predominantes de postura e movimento. Dentro da “tonicidade”, ou seja, dentro do estado permanente de tensão dos músculos que não participam nos movimentos, a PC pode-se classificar em três tipos de

categorias: Espástico, Atetósico e Atáxico. Alguns autores referem-se a estas categorias referindo-as como uma classificação fisiológica, outros como tipos nosológicos.

Segundo a revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), a **Espasticidade** é de todos os tipos nosológicos o mais comum. Gersh (2007) afirma que 80% dos casos de crianças com PC são deste tipo. A espasticidade pode ser definida como um “exagero permanente do reflexo de estiramento, resultante de uma desordem no tónus, acompanhado geralmente de um aumento de resistência”. Bobath (1984), citado pela revista de Educação Especial e Reabilitação (1989) refere-se à espasticidade como uma falta de controlo inibitório dos altos centros nervosos sobre o sistema gama ou alfa. Os indivíduos realizam movimentos lentos, bruscos e sobretudo rígidos devido à exagerada contração dos músculos quando estão em extensão. *“A espasticidade é considerada comumente como uma lesão piramidal afetando primordialmente o movimento contrário”*. Revista de Educação Especial e Reabilitação (1989) P. 20.

A **Atetose** é caracterizada pela ocorrência de movimentos involuntários cuja frequência pode variar de acordo com o estado de excitação do indivíduo. Segundo a revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), este caso representa cerca de um quarto do total de casos de PC. *“Alguns autores distinguem dentro do tipo geral de atetose a disquinésia quando o síndrome se situa nos membros e distonia quando é no tronco que os seus efeitos se fazem mais sentir”*. P. 21. Literalmente significa que a postura não está fixada, podendo afetar principalmente o controlo da cabeça e do tronco.

A **Ataxia** *“é uma lesão cerebelosa que origina uma instabilidade de movimentos caracterizada por uma desadequação às solicitações do meio”*. Educação Especial e Reabilitação (1989). P. 21. O indivíduo apresenta uma grande descoordenação e desequilíbrio e um tremor associado aos movimentos que quer executar, tanto a nível da motricidade fina como a nível global. As principais características são as de uma marcha alargada e descoordenação na linguagem verbal.

2.2.5- Classificação Topográfica

A classificação topográfica tem a ver com o aspeto exterior da pessoa, dependendo da localização e do tipo de anomalia a Paralisia Cerebral pode variar de acordo com a sua gravidade e com as incapacidades que as lesões podem provocar na motricidade e em geral. Na revista Educação Especial e Reabilitação (1989) refere que os tipos nosológicos e a incidência topográfica são dois valores fundamentais a ter em conta quando se perspetiva uma classificação da paralisia. A classificação de Little Club, citado pela revista de Educação Especial e Reabilitação (1989) distingue o tipo nosológico da incidência topográfica e também a etiológica da seguinte forma:

- 1- **Síndromas Espásticos:** -Diplegia
 - Tetraplegia
 - Hemiplegia
- 2- **Síndromas Atáxicos:** - Ataxia congénita
 - Diplegia Atáxica
- 3- **Síndromas Disquinéticos:** - Atetose
 - Distonia

2.2.6- Classificação da Paralisia Cerebral

A revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), refere-se ao uso da designação “plegia” dizendo que está ligado à ausência total de movimento e que “paresia” se liga a uma lesão com um papel de menos gravidade.

Smith (1993), citado pela revista de Educação Especial e Reabilitação (1989) classifica a PC em:

- **Monoplegia** que afeta apenas um dos membros superiores
- **Paraplegia** que afeta os dois membros inferiores

- **Hemiplegia** quando dois membros do mesmo hemisfério são afetados, ou seja, inferior e superior do mesmo lado
- **Triplegia** que afeta três membros. Geralmente os dois membros inferiores e um superior
- **Tetraplegia** quando os quatro membros estão paralisados, sendo que os superiores são atingidos com maior gravidade
- **Diplegia** quando são afetados os quatro membros, sendo que os inferiores são atingidos com maior gravidade
- **Hemiplegia** quando os quatro membros são afetados, sendo que um dos hemisférios está mais afetado que outro

2.2.7- Doenças Relacionadas

Segundo Gersh (2007) a PC abrange distúrbios que afetam a capacidade de mobilidade e equilíbrio. As lesões provocadas pela patologia não deterioram os músculos que estão ligados à espinal medula, mas alteram a capacidade de o cérebro controlar esses músculos. Ora como o cérebro está associado a várias lesões do nosso corpo devido à sua forte ligação, também a PC está associada a outras patologias.

A revista Nº 30 Diversidades da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação da Região Autónoma da Madeira (2010) expõe a importância de serem tidas em conta as necessidades específicas que uma criança com PC apresentam no seu desenvolvimento.

“Uma vez que na paralisia cerebral há uma alteração, lesão ou anomalia que afeta um cérebro imaturo e em desenvolvimento, várias funções cerebrais podem ser perturbadas, sendo a deficiência motora a mais evidente, mas existindo outras

deficiências associadas, nomeadamente da visão e audição, défices perceptivos, cognitivos e na linguagem e comunicação, podendo também haver epilepsia”³

Apesar das principais perturbações da PC terem mais características a nível motor, segundo a revista de Reabilitação (1989), esta patologia também pode estar associada à epilepsia, lesões ao nível da linguagem, audição, visão, cognitivas e relações sociais.

- **Linguagem** - a dificuldade de coordenação e de desempenho nos movimentos, limita bastante a expressividade e os gestos do indivíduo, sem esquecer da fala que é uma ação motora, a respiração e movimentos de articulação e coordenação que interferem na pronúncia das palavras

- **Audição** - o indivíduo sente em geral uma certa dificuldade na perceção principalmente dos sons agudos, o que implica que haja menor capacidade tanto na recepção como na emissão desses sons.

- **Visão** – a insuficiência deste sentido deve-se muitas das vezes à descoordenação dos músculos envolvidos no olho, daí, muitas das vezes alguns indivíduos optam por fechar um dos olhos já que assim envolve menos capacidade de coordenação.

- **Cognição** – a associação do nome Paralisia Cerebral é muitas vezes confundida com atraso mental, o que está errado. Podem-se encontrar indivíduos inteligentes, normais ou com inteligência abaixo da média, muitas vezes depende da lesão que estes apresentam.

- **Relações Sociais** – a criança com PC é muito sensível, na relação com os outros, quando existe deficiência mental é muito difícil existir um bom controlo emocional.

³ Diversidades Nº 30 (2010). P 6.

2.3-Música o que é?

É daquelas coisas que muitos de nós não pensamos muito no seu significado. O que é a música? É algo tão relativo e tão presente no nosso dia-a-dia que é raro pararmos para pensar no que ela significa ou qual a importância que ela tem nas nossas vidas, o que a torna tão especial e tão essencial. Num só dia quantas vezes ela passa por nós? Por vezes estamos atentos à sua presença, outras nem tanto, mas ela está quase sempre presente em nós, e de forma consciente ou inconsciente ela influencia as nossas ações. O escritor francês Victor Hugo escreveu um dia que a música está em tudo, do mundo sai um hino. Significa que a música é algo de dimensão universal, através dela o mundo pode sofrer alterações fazendo de si uma arma de grande dimensão na humanidade.

Brécia (2003), citado por Barreto e Silva (2004), define música como sendo uma linguagem universal que teve um papel sempre importante ao longo da história da humanidade. Desde os mais simples rituais como um casamento até um concerto com milhares de pessoas, a música sempre teve um papel importante, seja para marcar momentos importantes, seja para definir pretextos para que se reúnam ou mobilizem pessoas. A autora refere que a música começou a ser utilizada em rituais importantes na vida do Homem. Os rituais mais conhecidos e antigos do ser humano como: o nascimento, o casamento ou a morte, começaram a ser acompanhados com música, tanto nos momentos de maior euforia como nos de maior tristeza. Esta representação de estado de espírito começou a ter uma importância enorme, os grandes líderes tinham a sua própria música para que assim pudessem ser louvados com distinção. Não só como forma de expressão de sentimentos ou atos comemorativos, a música também começou a fazer parte de um estado de espírito, segundo dados antropológicos, a música começou a ter um papel importante na recuperação de doenças.

Brécia (2003), citado por Barreto e Silva (2004) refere que Pitágoras conseguiu demonstrar que uma sequência correta de sons podia alterar comportamentos e até em alguns casos ajudar na cura de doenças, na Grécia Antiga a música chegou até a ser um dos ensinamentos obrigatórios devido à sua importância.

Com a evolução dos tempos, a tecnologia foi avançando. O Homem tornou-se cada vez mais criativo e foi sentindo necessidade em melhorar as suas condições de vida. Desde

que a música começou a fazer parte da vida do ser humano, fez também parte dessa evolução, quer tenha sido utilizada como forma de conforto, satisfação pessoal, terapia ou simplesmente como forma de praticar um instrumento de música. Hoje é bastante mais fácil e consegue-se de uma forma muito mais versátil ouvir ou produzir música ou sons. Daí que, definir o significado de música se torne um pouco mais complexo do que aquilo que se possa imaginar.

Segundo Brécia (2003), citado por Barreto e Silva (2004), são várias as formas de definir a palavra música. De uma forma geral, por diversos autores é vista como ciência e arte ao mesmo tempo. Ciência, não só pela relação matemática e física entre os elementos musicais, mas também, como uma terapia devido aos efeitos que consegue desencadear no ser humano. E arte pela forma como se pode escolher e organizar os arranjos musicais.

Desde o que ela transmite ao que ela é composta existem muitas formas de definir música. Brécia (2003), citado por Barreto e Silva (2004) descreve-a como uma “(...) *combinação harmoniosa e expressiva de sons e como arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis (...)*”P. 25. Dependendo do fim e da perspetiva, vários autores foram estudando os efeitos da música, quais os seus constituintes principais e a sua grande envolvência. Numa óptica mais a nível da influência no ser humano, Gainza (1988) citado por Barreto e Silva (2004), relata que “*A música e um som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo do homem; impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau*”. P. 22.

A nível estrutural a música pode variar imenso. Existem diversos estilos musicais, uns mais melódicos, outros mais ritmados, uns mais concretos e organizados, outros mais abstratos, mas, todos eles fazem parte de uma família chamada música. Schafer (1993), citado por Costa (1995) refere-se à música como uma combinação de sons, podendo ser através de ritmo ou melodia com o objetivo de ser ouvida. Sons esses organizados no tempo sem esquecer os silêncios que fazem parte da música também. Abrangendo variações no som que podem acontecer sequencialmente ou simultaneamente.

De acordo com tantos fatores pelos quais a música pode variar, desde a sua cadência, ao volume, à expressão, à intensidade, entre outros, Weigel (1988), citado por Barreto e Silva (2004), definiu que a música é composta por 4 fatores muito importantes:

- **Som:** que são vibrações audíveis e regulares de corpos elásticos, que se repetem com a mesma velocidade, como as de um pêndulo de um relógio. As irregulares são denominadas de ruído.

- **Ritmo:** é o efeito causado pela duração de diferentes sons, que podem ser longos ou curtos.
- **Melodia:** é a sucessão rítmica e bem ordenada dos sons.
- **Harmonia:** é a combinação simultânea entre a melodia e a harmonia dos sons.

Numa perspetiva mais filosófica, está definido que a música pode ser considerada por duas formas: naturalista ou funcional. No que diz respeito à perspetiva naturalista a música pode já existir por si só, ela existe antes de ser ouvida e só se poderá considerar como arte quando é interpretada ou então expressada. A outra perspetiva defende que a música tem de ser vista como uma forma de comunicação, uma abordagem artística e funcional que tem o objetivo de estabelecer um «diálogo» entre o compositor e o ouvinte.

2.4- A Música como influência das Emoções e do Desenvolvimento Humano

O filósofo Aristóteles (384-322 a. C.), citado pela Revista Diversidades Nº 24 (2009) refere que a música dá largas ao pensamento e à imaginação. Além da música requerer determinados parâmetros como refere Weigel (1988), citado por Barreto e Silva (2004), esta arte ou ciência como também é considerada, consegue sustentar o rigor matemático com a criatividade de um músico virtuoso inspirado, tornando-a como uma forma de comunicação impar. Gainza (1988), citado por Barreto e Silva (2004), refere que os componentes da música correspondem a aspetos humanos específicos. O ritmo alicia o movimento corporal, a melodia estimula a afetividade e a estrutura musical colabora na ordem mental do homem.

Benezon (1985) diz que a música é uma arte e uma ciência, dois elementos que contribuem para a evolução do ser humano. Todas estas pequenas conclusões favorecem a noção de que a música tem, sem margem de dúvidas, um semblante importantíssimo no desenvolvimento do ser humano. Ela é uma forma de expressão universal que marca gerações e acontecimentos, origina emoções, de tal forma que se pode tornar até numa boa terapia e, além disso, facilita o desenvolvimento cognitivo.

Weigel (1988), citado por Barreto e Silva (2004), confirma que o ritmo tem um papel valorizado na formação e equilíbrio do sistema nervoso. Para o autor a ação musical favorece a descarga emocional e a reação motora. Segundo o autor a música tem a função de romper «barreiras» para facilitar a comunicação entre os seres humanos.

Há autores que defendem que a música está na base de toda a aprendizagem no ser humano. Além das emoções, a música consegue interferir com a capacidade que nós próprios temos em decidir na resolução de situações ou de problemas. Por outras palavras, interfere na nossa inteligência. Gardner (1995), citado por Barreto e Silva (2004), autor da teoria das inteligências múltiplas, distingue 8 inteligências, sendo que uma delas é a inteligência musical. O autor referencia que *“Uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural”*. P.21. A inteligência musical é caracterizada pela habilidade para reconhecer sons e ritmos, gosto em cantar ou tocar um instrumento musical.

Em termos de comportamento humano, a nível das emoções e dos comportamentos dentro da sociedade, a música desempenha um papel bastante importante, através dos seus

efeitos, esta pode ser estimulada de variadíssimas formas, desde as terapias até ao simples lazer sem qualquer planeamento. Benezon (1985) destaca que esta é a arte e a ciência que por sua vez, são elementos importantes no processo evolutivo do desenvolvimento do ser humano.

As alterações que a música provoca no ser humano tanto podem ter efeitos positivos como menos bons. *“La música ambiental durante las actividades docentes estimula la atención del niño e a la vez que actua como sedante.”* Pérez e Martínez (1968) P. 284.

Na própria Bíblia Sagrada, citado por Revista Diversidades Nº 24 num texto do antigo testamento, é relatado um episódio do rei Saul que estava atormentado com uma coisa que o deixava perturbado. A música foi então o «remédio»:

*“se tu, nosso rei nos deres ordens, os teus servos procurarão um homem que saiba tocar harpa, para que quando o mau espírito dominar sobre ti, ele a toque a fim de te acalmar (...) e sempre que o mau espírito atormentava Saul, David tomava a harpa e tocava. Saul acalmava-se, sentia-se aliviado e o espírito mau deixava-o.”*⁴

A música pode também ser vista de uma forma abstrata. O que pode causar desconforto para uns pode causar conforto ou indiferença para outros. A música foi-nos oferecida pela harmonia. Segundo Platão (séc. V a.C.), citado pela Revista Diversidades Nº 24 (2009), esta arte ajuda-nos a entender melhor as nossas emoções, o que faz com que nos conheçamos melhor a nós próprios também. Além disso, ajuda-nos a ter confiança naquilo que sentimos e que acreditamos, uma das maiores virtudes da música é que pode ser feita da forma como se quer, ou seja, da forma como se sente e sem imposições.

Muitos autores têm vindo a estudar os efeitos terapêuticos da música. Desde que se conhece este fenómeno que se vão relatando casos bastante pertinentes para a melhoria do conhecimento sobre a música no desenvolvimento humano e na relação com as suas emoções. Descobrir na música o poder de curar o corpo, fortalecer a mente e desbloquear o espírito criativo são alguns dos objetivos de um livro de Don Campbell sobre o Efeito Mozart. Este termo foi utilizado quando em 1991, Dr. Alfred A. Tomatis afirmou que a música de Mozart é benéfica para melhorar problemas como dislexia, déficite de atenção, autismo e dificuldades motoras. O que começou com o objetivo de tornar crianças mais inteligentes, fez com que se viesse a descobrir que a música estimula a aprendizagem e a memória, fortalece a capacidade

⁴ Revista Diversidades Nº 24 (2009) P.10.

de concentração, reduz a tensão muscular e melhora o movimento e a coordenação corporal. Segundo Don Campbell este fenómeno é impar e contagiante, ele refere a música como um remédio para o corpo, para a mente e para a alma. Segundo Campbell D. (2000), quem tenha reparado numa criança a balançar-se ao ritmo de um som, consegue reparar na forma profunda como a música nos toca.

A música tem muita importância no desenvolvimento dos indivíduos dentro de uma sociedade. Além de funcionar como terapia, também serve na ajuda do desenvolvimento da inteligência, criatividade e disciplina. Segundo o programa de competências, Segundo o Programa de Competências do 1.º Ciclo, (2004), ouvir uma canção ou aprendê-la desperta, estimula e desenvolve o gosto pela vivência da linguagem. O efeito de descontração provocado pela música faz com que as crianças descubram o mundo da aprendizagem ao mesmo tempo que brinca, segundo o programa de competências a criança torna-se mais receptiva.

Quanto a menos pressão um indivíduo for sujeito em determinada tarefa, melhores serão os níveis de stress e conseqüentemente melhor será o estado de confiança e de sucesso. Segundo Barreto e Silva (2004), o relaxamento provocado pela música ajuda no controlo da mente e do afastamento de sensações negativas.

Segundo Barreto e Silva (2004), Villa-Lobos (1946) refere que a música é um alimento indispensável para a alma do ser humano. Segundo Kodály (1929), citado por Gardnard (1974), não há disciplina que sirva tanto o bem-estar da criança a nível espiritual e físico como a música. Esta causa efeitos bio-psico-sociais no desenvolvimento do ser humano:

- Provoca uma sensação de enorme bem-estar;
- Tende a reduzir ou retardar a fadiga e, em consequência, o aumento do tónus muscular;
- Segundo o ritmo, incrementa ou diminui a energia muscular;
- Aceleração da frequência respiratória ou sua regularização;
- Produz efeito marcado, porém variável, na pulsação e na pressão sanguínea;

- Desenvolve o raciocínio a memória (cantigas de roda e as canções de mima, desenvolvem o raciocínio lógico);
- Desenvolve a sensibilidade e amplia a perceção (promove alterações no impacto dos estímulos sensoriais de diferentes modos);
- Com a música pode-se trabalhar alguns aspetos da personalidade e disciplina da criança, estimulando a sua formação global. Uma criança muito rebelde, por exemplo, descarrega toda sua energia manipulando um instrumento;
- Desenvolve a autoestima da criança (a timidez das crianças pode ser superada com as aulas de música; o tocar ou cantar num coro, faz com que a criança passe a sentir a sua própria voz e comece a soltar-se, a perceber a importância do trabalho em grupo, da cooperação entre pessoas. Estas aulas poderão ser uma forma destas crianças demonstrarem as suas potencialidades, o seu sentimento de potência, sentindo-se aceites e fazendo parte de um grupo);
- Facilita a expressão de sentimentos espirituais e promove conforto espiritual;
- Auxilia na expressão de dúvidas, raiva, medo e questões relacionadas ao significado da vida e finitude;
- Promove entretenimento e diversão;
- Desenvolvem a coordenação motora, expressão corporal (através dos instrumentos, danças, e realização de ritmos ela aumenta a atividade voluntária, como por exemplo, digitar, e incrementar a extensão dos reflexos musculares empregues no escrever, desenhar,);
- Melhoram as habilidades matemáticas das crianças (a área cerebral responsável pela música está muito próxima da área de raciocínio lógico-matemático (ou seja, as conexões nervosas acionadas ao executarem uma obra clássica são muito próximas daquelas usadas ao fazer-se uma operação aritmética ou lógica, no córtex cerebral esquerdo);
- Desenvolvimento da linguagem pode ser estimulado por meio de atividades musicais tais como lengalengas, trava-línguas e pequenas canções (desenvolvendo a comunicação/compreensão, estimulando habilidades sócio comunicativas);
- Socialização (considerando que estas crianças geralmente vivenciam o seu quotidiano de uma forma isolada, ela funciona como ponte entre as diferenças culturais e o isolamento).

2.5-Musicoterapia e Música

A grande diferença entre os conceitos de musicoterapia e música está na forma como esta é utilizada, com que objetivo. Ouvir música simplesmente pode servir para distrair, enquanto que a musicoterapia exige a utilização desta mas de uma forma planeada com o fim de atingir determinados objetivos. A musicoterapia é basicamente uma forma terapêutica na utilização da música e dos seus efeitos.

São várias as definições para esta terapia. *“Musicoterapia é a utilização da música e ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um paciente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas”*.⁵

O ser humano tem por hábito utilizar a música como indutor de relaxamento ou excitação. Muitas das vezes quando se procura mudar o estado de espírito recorre-se à música. Esta já foi no passado utilizada para exorcizar ou curar doenças, com a evolução dos tempos e com o aumento dos conhecimentos, foi-se descobrindo a causa das doenças e cada vez mais em pormenor os efeitos da música até se chegar a um caráter mais científico. Desde o efeito dos ritmos musicais no ritmo cardíaco ao relaxamento muscular, a música começou a fazer parte de uma utilização terapêutica. Essa terapia pode ser feita de modo ocupacional ou então de uma forma verdadeiramente psicoterapêutica.

O primeiro Instituto de Musicoterapia nasce em Estocolmo no ano de 1942. A primeira denominação foi a de Psicorritmia, mais tarde os Estados Unidos da América criaram a denominação de “National Association for Music Therapy”. Antes de se espalhar pelo mundo, a Grã-Bretanha, em 1959 criou a denominação de “Society for Music Therapy and Remedial Music”

Benezon (1985) é por muitos encarado como o pai da musicoterapia, ele descreve musicoterapia como uma psicoterapia que utiliza o som, a música e os instrumentos corporais-sonoros-musicais para constituir uma ligação entre o musicoterapeuta e o paciente

⁵ Federação Mundial de Musicoterapia inc. (1996).

ou grupos de pacientes, permitindo melhorar a qualidade de vida, recuperando e reabilitando o paciente para a sociedade.

A musicoterapia, segundo os terapeutas, é uma atividade que procura o bem-estar social, físico e psicológico. Baseia-se na prática de atividades musicais controladas e organizadas especificamente para determinado(s) sujeito(s). Os instrumentos musicais são a «ponte» de ligação gradual e espontânea entre o «paciente» e o terapeuta. Através da aproximação dos instrumentos, o paciente vai-se «abrindo» cada vez mais ao terapeuta, mostrando-se, para que assim se possa acionar uma melhor progressão e reabilitação, como refere (Sousa 2005) um dos objetivos da musicoterapia é criar uma ligação comunicativa. Segundo o autor não importava o tipo de música produzida mas sim os sentimentos que através dela se produziam.

Esta terapia visa a independência e a autonomia dos pacientes, proporciona atividades que criam condições para o desenvolvimento no domínio humano pretendido. “*A musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ ou restabelecer funções do indivíduo para que ele / ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, em consequência, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento.*” Federação Mundial de Musicoterapia inc. (1996).

A música e a musicoterapia são conceitos que estão bastante ligados um ao outro mas, têm objetivos diferentes. A música é reconhecida pelos seus efeitos no Homem desde a antiguidade, a musicoterapia já é um processo ordenado que implica um planeamento e uma metodologia.

Ainda a nível do tratamento psicopedagógico, existe um processo que se denomina de ludo psicopedagogia-musical. Este sistema consiste no tratamento psicopedagógico associado à música. Envolve duas áreas de intervenção, a área lúdica e a música. Grosso modo este processo envolve atividades musicais «brinquedos, instrumentos musicais ou melodias» através de formas de brincar direcionadas para um trabalho específico no tratamento de uma deficiência.

Apesar de não existir um significado de linguagem específico a nível das organizações sonoras, a música não deixa de ser um veículo de expressão. Autores como Weigel (1988), referido por Barreto e Silva (2004), investigaram os efeitos da música sobre a aprendizagem e os comportamentos relacionados com esse processo. A música, além de ser um ótimo

veículo para o conhecimento íntimo, é também uma ótima atividade lúdica. O processo ensino/aprendizagem tem melhores performances quando é acompanhado por atividades como esta, a música facilita na comunicação, expressão e linguagem e o facto de ser acompanhada com uma índole lúdica, deixa de parte sentimentos negativos e abre espaço às emoções que facilitam a aprendizagem.

As atividades de ludo psicopedagogia-musical desenvolvem o domínio cognitivo porque desenvolvem os sentidos das crianças, a visão, audição e expressão. A nível psicomotor facilitam o controlo muscular, o equilíbrio e a coordenação. Em termos sociais este processo desenvolve a capacidade de se relacionar e conviver com os outros.

2.6-A Educação Musical

As atividades musicais feitas nas escolas não são dirigidas para a criação de músicos profissionais, segundo Bréscia (2003), referido por Barreto e Silva (2004), são feitas com o objetivo de proporcionar uma vivência e uma compreensão da linguagem musical, para a facilitação da expressão de emoções e ganhos na cultura geral e de integração do ser. Segundo o autor a música pode melhorar o desempenho em disciplinas como o Português e a Matemática. Gainza (1988), referido por Barreto e Silva (2004), afirma que as atividades musicais na escola podem ter objetivos profiláticos, nos seguintes aspetos:

-Físico: oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga;

-Psíquico: promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro;

-Mental: proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão.

A Educação Musical é o conjunto de experiências dirigidas a transmitir a prática e a teoria da música que inclui:

- **Musicalização:** métodos destinados a iniciar o estudante na prática vocal ou instrumental antes do ensino da teoria musical

- **Prática Instrumental:** ensino e treino de técnicas específicas de cada instrumento

- **Prática Vocal:** ensino da teoria musical, escalas, rítmica, harmonia e notação musical

- **Percepção Auditiva:** treino da percepção melódica (alturas e intervalos) e rítmica.

Da mesma forma que a Musicoterapia utiliza a música de uma forma metódica e planeada, a Educação Musical também o faz. Na Musicoterapia são os terapeutas que utilizam a música para os seus objetivos, na Educação Musical, são os Professores. Apesar de os

resultados de ambos os processos por vezes não diferirem muito, os métodos são bastante distintos. Mesmo estando a música sempre relacionada, a Educação Musical está direcionada na aquisição de conhecimentos específicos, na Musicoterapia, mesmo que se adquiram algumas competências nesse nível, só a saúde e a reabilitação é que interessam verdadeiramente ao Psicoterapeuta. Por outro lado, o Professor tem o dever de motivar e estimular o desenvolvimento da prática de determinada habilidade, embora também possam daí resultar efeitos que beneficiem a saúde, como refere Louro (2006) a Educação Musical educa e reabilita. Dalcroze, Kodály, Orff, Villa Lobos e Suzuki foram alguns dos Educadores que contribuíram para a evolução desta disciplina.

Em Portugal esta disciplina passou por várias fases. A música também tem a capacidade de refletir os valores de uma sociedade. Na época do fascismo só alguns tinham o direito de usufruir da música e de forma controlada, na escola nem sequer era mencionada. Com um país com uma industrialização bastante atrasada e com uma forte emigração, os artistas e os intelectuais estavam reprimidos. Gagnard (1974) refere que a música sofreu durante cinquenta anos uma ofensiva de repressão e só alguns privilegiados puderam usufruir dela.

Assim que surgiu a democracia no ano de 1974 com a revolução, a música passou a ficar acessível a quem a quisesse «consumir». Ao nível do Ensino, em 1990 criou-se uma nova reforma do Sistema Educativo e através do surgimento do Decreto-lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro houve já avanços significativos, uma vez que as áreas de expressão adquiriram «direito de cidadania».

A partir daí, o Governo, através do novo programa fez com que se garantisse uma educação de base para todos. A educação passou a ser um processo de formação para o indivíduo ao longo da vida e não apenas na fase inicial, o que envolveu conceder uma particular atenção às situações de exclusão e também ao desenvolvimento de um trabalho de esclarecimento de exigências quanto às Expressões.

Mais tarde, em 1998 o Ministério da Educação reorganizou o currículo do Ensino Básico. Na perspetiva de uma aprendizagem melhor e considerando que a escola necessitava de assumir um espaço distinto para a cidadania, para as aprendizagens diversificadas e para as atividades de apoio e estudo, consagrou então três novas áreas curriculares não disciplinares. Entre elas a Educação Musical que se encontra integrada na Área de Expressão e Educação

Artística. A Educação passou assim a ter uma maior diversidade cultural e lúdica como podemos ler no seguinte artigo:

*“As escolas, no desenvolvimento do seu projeto educativo, devem proporcionar aos alunos atividades de enriquecimento do currículo, de carácter facultativo e de natureza eminentemente lúdica e cultural, incidindo, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia na educação.”*⁶

No Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de Novembro, que estabelece as bases gerais da organização da educação artística pré-escolar, esclarece que a educação artística é imprescindível na formação global equilibrada da pessoa. A música e as outras expressões começaram assim a ser encaradas não só como uma forma de entretenimento, mas sim como um caminho de ligação multidisciplinar, nas quais se favorecem valores e competências que estavam reprimidas noutras disciplinas sem a exigência de técnicas artísticas apuradas.

(Snyders, 1996), referido por Barreto e Silva (2004), refere que a Escola tem a função de preparar os jovens para o futuro, segundo este autor a melhor forma de o fazer é criando momentos positivos realçando-os. As expressões nas escolas são uma mais-valia porque além de se poderem articular de forma multidisciplinar com as outras disciplinas, são bastante motivadoras tanto na aprendizagem como no comportamento dos alunos. Segundo o autor, é necessário que os esforços dos alunos recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente.

2.6.1- Educação Musical no Pré-Escolar

As orientações curriculares para a Educação Pré-escolar envolvem três grandes áreas: formação social, formação pessoal e expressão e comunicação que inserem a expressão motora, dramática, plástica e musical.

Apesar de a disciplina de Educação Musical ocupar um lugar secundário na Educação, muitos foram os Educadores que contribuíram para que esta disciplina fizesse parte da Lei de Bases do Sistema Educativo. Silva (1997) conta que a música deve iniciar-se logo na primeira infância para que assim se possa criar um ambiente com a família em casa onde se possa ouvir

⁶ (artigo 9 - Decreto-Lei n.º6/ 2001 de 18 de Janeiro) P. 7.

e explorar a música. Desde a identificação dos sons até ao brincar na identificação dos sons do meio ambiente «cantando e trauteando».

No Ensino Pré-Escolar, as orientações para a música baseiam-se num trabalho muito básico de sons e ritmos para que a criança comece desde logo a ter noção das diferenças de intensidade «fraco/forte», timbre «modo de produção», duração «longo/curto» e altura «grave/agudo». O trabalho nesta fase desenvolve-se na execução de alguns itens que devem ser abordados com a maior proximidade possível de sons do nosso meio ambiente. São eles:

-escutar: identificar sons como os da natureza, água a correr por ex.

-cantar: explorar a linguagem e formas de ritmo

-dançar: desenvolvimento motor

-criar: o seu próprio instrumento. Basicamente os objetivos desta primeira fase são o aperfeiçoamento da audição e da emissão de sons e de alguns movimentos corporais. Os objetivos desta primeira fase, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, passam principalmente pelo aperfeiçoamento da audição e da emissão de sons e de alguns movimentos corporais.

2.6.2- Educação Musical no 1º Ciclo do Ensino Básico

No Primeiro Ciclo do Ensino básico, segundo as orientações Curriculares, as direções baseiam-se mais no aperfeiçoamento a nível do canto. Nesta fase, a voz é o instrumento mais importante, ela é uma ferramenta muito importante na comunicação e por isso, tem de ser estimulada. Algumas das estratégias mais sugeridas são as práticas através de jogos de roda, movimentos corporais entre outros. O corpo é também outro instrumento pelo qual o aluno comunica imenso, desde as palmas, batimentos de várias intensidades e outras variantes dinâmicas importantes na forma de expressão e de reconhecimento do corpo. Segundo o programa do 1º ciclo:

*“Sentir, no corpo em movimento, o som e a música é, na criança, um forma privilegiada e natural de expressar e comunicar cineticamente o que ouve. O movimento, a dança, a percussão corporal são meios de que o professor dispõe para, com pleno agrado das crianças, desenvolver a sua musicalidade”.*⁷

⁷ Programa do 1.º Ciclo p. 69.

2.6.3- 2º e 3º Ciclo e Secundário

No 2º Ciclo, a disciplina é lecionada por um docente da área e tem o nome de Educação Musical. Os objetivos a desenvolver são semelhantes aos do 1º Ciclo mas, uma vez que os alunos nesta fase já têm as competências mais desenvolvidas, podem-se assim realizar um conjunto de tarefas mais específicas na área musical. Desenvolver o poder de reflexão, observação, perceção e memorização, educar o ouvido musical, desenvolver habilidades rítmicas, e expressar a criatividade em conjunto com as outras expressões são algumas das competências a desenvolver.

A disciplina de Educação Musical no 3º Ciclo e no Ensino Secundário é de carácter opcional, o que faz com que não haja muitos alunos matriculados. O trabalho desenvolvido no 1º ciclo no domínio de flautas, do canto, dos cordofones (instrumentos de corda) e do instrumental Orff (instrumentos de precursão adaptados) nem sempre é continuado ainda mais quando a disciplina mais tarde se torna opcional. Segundo Paulos Esteireiro, coordenador de Educação Artística na Região Autónoma da Madeira, a disciplina de Música mesmo estando prevista no currículo nacional, não é lecionada de forma contínua o que faz com que o trabalho feito inicialmente nem sempre seja prosseguido, o que enfraquece um pouco a disciplina.

2.6.4- Educação Musical na Região Autónoma da Madeira

A Região Autónoma da Madeira é um caso muito particular no que diz respeito à inclusão da música no 1º ciclo. Desde 1980 que as expressões musical e dramática têm vindo a ser implementadas neste nível de ensino embora só em 1989 é que foi oficializada através da sua primeira lei orgânica, integrada no Decreto Legislativo Regional n.º 26/89/M de 30 de Dezembro, com a designação de «Gabinete de Apoio à Expressão Musical e Dramática».

A Educação Artística no 1º Ciclo foi regulamentada pelo Decreto-Lei nº344 de 1990, passou por algumas alterações, aumentou as competências e em 1997 foi criado o Gabinete Coordenador de Educação Artística (GCEA), que é uma Direcção de Serviços da Direcção

Regional de Educação (DRE), que integra a Secretaria Regional de Educação e Cultura (SREC), da Região Autónoma da Madeira (RAM).

Em 2002, Paulo Esteireiro, Coordenador do Centro de Investigação e Documentação do Gabinete Coordenador de Educação Artística (GCEA), criou um projeto de regionalização do currículo da Educação Musical no 2º ciclo com o objetivo de conservar a música tradicional da Madeira.

2.7-Musicalização o que é.

Desde a antiguidade que a música está relacionada com valores morais. Já na Grécia antiga, acreditava-se que esta participava na formação e na construção da cidadania das pessoas. Mais tarde começou a ser encarada como uma forma de relacionar emoções com outras ações como a integração social e a aprendizagem. A música começou a ser utilizada como uma forma de inspiração para influenciar o desempenho de determinadas tarefas.

A musicalização é um procedimento que permite com que a música seja o objeto de formação de um indivíduo. Antigamente apenas se sabia que este termo se associava à iniciação musical de crianças. Hoje em dia já se sabe muito mais, alguns autores referem-na como sendo uma aula individual ou em grupo onde se pretende, de uma forma metodológica, atingir determinados objetivos. Segundo Bréscia (2003), citado por Barreto e Silva (2004):

*“É um processo de formação de conhecimento cujo objetivo não é apenas criar o gosto pela música mas também pelo desenvolvimento de outras aptidões como a sensibilidade”, a criatividade, o sentido rítmico, a imaginação, memória, concentração, atenção, auto-disciplina, respeito ao próximo, sociabilização, afectividade, expressividade, coordenação motora, percepção auditiva e consciencialização corporal”.*⁸

As atividades de musicalização deveriam ser mais exploradas no ensino, não só porque melhoram a aprendizagem como trazem benefícios a nível da sociabilização. Segundo Bréscia (2003) o canto ajuda na aprendizagem, na sociabilização e no conhecimento do que nos rodeia. Gainza (1982), referido por Barreto e Silva (2004) certifica que *“O objetivo específico da educação musical é musicalizar, ou seja, tornar um indivíduo sensível e recetivo ao fenómeno sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo, respostas de índole musical”.* Gainza (1982), citado por Barreto e Silva (2004)

O trabalho da musicalização pode começar a ser feito a partir dos 2 anos de idade, tanto que, hoje em dia a música é obrigatória na escola desde o pré-escolar. Segundo Barreto e Silva (2004), a musicalização na escola desenvolve a concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina.

A experiência é uma forma muito rica de obter conhecimento. Estes dois conceitos estão diretamente relacionados, quanto mais diversificadas forem as situações de processo

⁸ Bréscia (2003), citado por Barreto e Silva (2004)

ensino/aprendizagem, melhores resultados daí virão. Segundo Weigel (1988), citado por Barreto e Silva (2004), as atividades de musicalização podem melhorar em muito alguns domínios de desenvolvimento nas crianças. A nível cognitivo/linguístico, através da música é possível desenvolver os sentidos «visão, tato e audição», a criança pode dançar ou repetir gestos trabalhando a coordenação motora e a atenção, ao mesmo tempo que pode cantar ou imitar sons tornando-a mais familiarizada com o ambiente que a rodeia. A nível psicomotor, o ritmo tem um papel muito importante na formação e no equilíbrio do sistema nervoso. Ao mesmo tempo que uma criança canta e faz um ritmo ou uma dança, permite que esteja a desenvolver varias competências ao mesmo tempo, neste caso concreto, o sentido rítmico, a coordenação motora e a aquisição de leitura ou escrita. Quanto ao desenvolvimento sócio afetivo, a música tem também um papel importante, na medida em que a criança vai formando a sua identidade e a sua autoestima, a sua forma de se relacionar com os outros e de se sentir incluído. Há atividades musicais entre crianças que favorecem a participação em grupo apelando a valores de cooperação, entreajuda e sociabilização.

Através da música pode-se trabalhar um conjunto muito vasto de conhecimentos que se podem relacionar com outras áreas. Pode-se pegar no timbre do som e diferenciar, classificar, atribuir intensidade, tempo, etc. De acordo com as capacidades da criança e com as áreas de interesse o Professor pode problematizar situações e daí aperfeiçoar conhecimentos e competências para o aluno de uma forma motivante. Além disso pode ainda torná-los mais proativos, autónomos e determinados como refere Benezol (1985) no manual de musicoterapia: *“A música deve desempenhar um papel importante na educação em geral, pois ela responde aos desejos mais diversos do Homem; o estudo da música é o estudo de si mesmo.”* Dalcroze citado por Benezol (1985) P. 173.

As atividades de musicalização possibilitam à criança um conhecimento melhor dos seus domínios e da sua capacidade de relacionamento e comunicação com os outros. Nos dias que correm, são cada vez mais os atrativos visuais com que as crianças vão sendo seduzidas. A imagem tem um poder tremendo na nossa sociedade e para que o ditado popular, «uma imagem vale mais que mil palavras», não seja comparado em relação ao som, é bastante importante que as crianças sejam estimuladas à capacidade de captar e distinguir os sons. Da mesma forma que um professor pede ao aluno para descrever uma ação por meio de palavras ou de desenhos, também o pode pedir por meio de sons. O facto de distinguir sons mais graves ou agudos, mais intensos, curtos ou longos, ou de os conseguir reproduzir e diferenciar

faz com que a criança esteja a desenvolver um conjunto muito completo de competências e domínios, ao mesmo tempo que desenvolve a sensibilidade auditiva. Brécia (2003) destaca que se podem fazer jogos muito didáticos na fase infantil através dos sons. Distingue 3 tipos de jogos, o Sensório-Motor onde a criança até à idade dos dois anos realiza atividades que relacionam o som e o gesto, reproduzindo sons através do corpo. O Simbólico onde se procura o desenvolvimento da linguagem através do som relacionado com a imagem, realiza-se até aos quatro anos. O Analítico que envolve o relacionamento com os outros e aprendem as regras básicas de disciplina, realiza-se a partir dos quatro anos de idade.

2.8-Inclusão o que é.

Há muitos anos atrás, pensava-se que a escola só servia para tornar as crianças mais cultas e fazer delas boas pessoas, pensava-se também que os que não aprendiam era simplesmente porque tinham menos capacidade do que os outros. O que é certo é que ao longo da história da humanidade fomos conhecendo alguns «maus alunos» que se tornaram verdadeiros génios.

Cada vez mais a escola é vista como uma instituição de muita importância no desenvolvimento de uma sociedade. Grande parte do tempo de uma criança está dividido entre a escola e o lar onde reside. É na escola que se fazem grande parte das primeiras amizades, é lá que as crianças começam a descobrir o mundo e o que querem que ele seja no futuro. É lá que estes adquirem os valores e as aprendizagens necessárias para se integrarem da forma mais autónoma numa sociedade que futuramente estará também dependente desses mesmos alunos. A escola neste sentido tem o dever de incluir o aluno na sociedade, como refere o guia de professores com alunos com NEE na sala de aula, a inclusão é um processo que envolve a integração dos alunos sem qualquer distinção.

“A inclusão, a pretender portanto, que todos os alunos, tenham direito a uma educação igual e de qualidade. Que todos os alunos sejam vistos quanto ao seu todo, no seu crescimento e desenvolvimento. Que a todos os alunos seja provida uma educação que respeite as suas necessidades e características que, na sua essência, constituem direitos fundamentais de toda a criança. Que a todos os alunos seja facilitada a sua transição para a vida ativa, por forma a que eles se venham a mover na sociedade a que por direito pertencem com maior autonomia e indecência possíveis.”⁹

A educação serve a sociedade, hoje em dia é considerada um direito do ser humano. Já há alguns anos começou-se a pensar na importância da educação no reflexo de uma sociedade, segundo a Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU 1948). O Concílio do Vaticano 11 declara que toda a pessoa tem direito à educação.

Visto que todo o indivíduo deve ter os mesmos direitos, olhando por esse prisma, a escola deve “acolher” todos sem distinção. Nem todas as crianças têm as mesmas possibilidades, nem todas têm os mesmos moldes culturais e cada uma tem as suas próprias

⁹ Nielsen L. B.(1999) P.9.

capacidades. A educação não é um direito só de alguns e cada criança apresenta características, interesses, habilidades e necessidades únicas de aprendizagem. A escola tem de estar preparada para recolher todas estas diferenças e tentar preparar todas as crianças sem que se sintam prejudicadas ou de alguma forma tratadas de forma diferente.

A educação, através da sua reforma educativa, tem lutado cada vez mais por uma escola eficaz e abrangente para todos os alunos. A escola tem-se desenvolvido no sentido de prevalecer os valores da igualdade de direitos e condições. Cada vez mais se aposta numa escola inclusiva onde os alunos com deficiência aprendem juntamente com os alunos do ensino regular na procura de uma maior integração e de um enriquecimento de valores sociais. Estas alterações têm mudado o sistema de ensino, especialmente no papel dos professores e nas exigências que essas mudanças provocam.

Ao longo do tempo quebraram-se algumas barreiras que existiam, mudaram-se algumas mentalidades, surgiram novos valores sociais e conseguiu-se criar condições para que um aluno com NEE (Necessidades Educativas Especiais) tenha igualdade na educação em relação aos restantes. Alguns autores pensam que a inclusão já está implementada e outros acham que este sistema ainda não resulta porque nem as escolas, nem os professores, nem os pais estão ainda completamente preparados, como refere Correia (2003). Não são só os elementos mais diretamente envolvidos neste processo que devem estar preparados, toda a sociedade deve estar sensível a esta mudança para benefício de todos.

A educação especial no passado era vista de outra forma. Os deficientes mentais eram internados em orfanatos ou manicómios, junto daqueles que na altura não eram úteis para a sociedade, velhos e pobres, eram marginalizados, postos de parte. As primeiras instituições especializadas para portadores de deficiência aparecem no século XIX. A sociedade sentiu necessidade em proteger os civis sem deficiência daqueles que eram diferentes, predominando assim valores discriminatórios e de preconceito, passou-se de rejeição para um protecionismo exacerbado. No nosso país, nos anos 40 surge o primeiro centro de observação e diagnóstico médico-pedagógico para deficientes, o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira.

Nos anos 60 começa-se a falar em integração, começa-se a pensar em inserir alguns dos alunos com deficiência com alunos do ensino regular, o objetivo era proporcionar um maior campo social para estes alunos.

Em Portugal, a integração começou-se a experimentar em alguns liceus. Mas só em 1986, através da publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, com a lei (46/86 de 14 de Outubro) alínea J, artigo 7º é que permitiu que pela primeira vez, jovens deficientes e jovens não deficientes estudassem no mesmo espaço. Este foi um decreto muito importante na história dos direitos inclusivos. Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo, o ensino adopta um cunho universal de maneira a assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses. O seu cunho universal abrange todos os indivíduos, sem discriminação. No 2.º ponto do Artigo 2º da Lei de Bases do Sistema Educativo (1998) o Estado compromete-se a fomentar a democratização do ensino, garantindo o direito à igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.

Em 2008 a este decreto foram reforçados alguns objetivos e algumas finalidades em relação ao antigo, veio trazer melhores condições e um maior número de direitos. *“Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades”* Alínea J Decreto-Lei n.º3/2008 de 7 de Janeiro.

Este Decreto veio alargar o Ensino Especial até ao Pré-escolar e ao Ensino Particular e os encarregados de educação passaram a ter deveres de participação na educação do aluno. Foi criada a CIF (Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde), o PEI (Plano Educativo Individual) acompanhado por um PIT (Plano Individual de Transição) tornando o trabalho da educação mais cooperativo com os outros técnicos profissionais, com o objetivo de melhorar a aprendizagem e integração do aluno.

Através de uma resolução das Nações Unidas, a Declaração de Salamanca – 1994, é que se desenvolveram os princípios, políticas e práticas do Ensino Especial. Esta declaração foi elaborada pelo Congresso Mundial sobre NEE, realizada pelo Governo Espanhol em colaboração com a UNESCO, com a participação de 92 países e 25 Organizações Internacionais. Esta declaração é considerada um dos mais importantes documentos que visam a inclusão social, surge devido aos movimentos a favor dos direitos humanos e abre uma nova perspetiva inclusiva. A escola deve ser o meio mais competente para combater atitudes discriminatórias, formando mentalidades mais abertas e compreensivas de modo a formar uma sociedade inclusiva. Segundo Crespo (2005), a escola inclusiva valoriza todos os alunos, mesmo tendo eles diferenças são acolhidos e respeitados.

“ (...) As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através de uma pedagogia centrada na

criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades.” Declaração de Salamanca UNESCO (1994) P. 2.

Este acordo permitiu que o Ensino Especial deixasse de ser uma instituição isolada para passar a fazer parte do ensino como um serviço reconhecido. Os alunos com NEE, cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares, passaram a ter direito a frequentar o ensino regular e de aceder ao currículo comum por via de um conjunto de adaptações adequadas às suas necessidades e às suas características. Nesta declaração pedia-se às escolas que acolhessem todas as crianças independentemente das condições físicas, intelectuais, económicas, sociais ou linguísticas, para que aprendessem juntos sempre que possível independentemente das diferenças existentes.

Todas estas alterações exigiram profundas reestruturações tanto a nível humano, pais, professores, alunos, como em termos dos espaços físicos, adaptações de acesso e funcionalidade, como a nível de pedagogias.

Esta alteração é geradora de controvérsias. Segundo Correia (2003) ainda há muito a fazer para que as escolas inclusivas tenham bons resultados. Devido à heterogeneidade de alunos a inclusão é importante mas é mais importante ainda gerar condições para haver as respostas certas. Segundo o autor, os pais, os professores e os colegas ainda não estão completamente sensibilizados com esta mudança ao ponto de poderem passar para os alunos com NEE toda a confiança para que estes sejam integrados. É preciso ajudar os professores que ainda não estão completamente preparados e os espaços físicos têm de ser reorganizados. Correia (2003) refere que a escola inclusiva deve defender um trabalho de equipa desenvolvido por todos os órgãos da escola, desde a gestão, aos professores, técnicos, terapeutas, psicólogos, auxiliares e pais. Todos eles são responsáveis pela integração e aprendizagem dos alunos.

Para compreender melhor a evolução da relação que a escola teve em relação à sociedade no que diz respeito à inclusão e integração, temos de distinguir dois conceitos. O termo inclusão é um termo recente. Tem vindo a ter algum destaque na área educativa e está na sua história, ligado à defesa e à valorização da pessoa com deficiência. Começou-se a falar em inclusão no princípio dos anos 80 quando a ONU organizou o ano internacional da pessoa com deficiência. A inclusão refere-se às metodologias e à pedagogia diferenciada necessária para que os alunos com NEE se sintam em igualdade com os outros. A integração tem o mesmo sentido de incluir os alunos com necessidades perto dos que não as têm. É anterior ao

conceito de inclusão já que a principal preocupação deste conceito é centra-se na integração e normalização dos alunos com deficiência junto dos outros.

Rodrigues (2003) afirma que colocar a criança na escola comum não indica que ela está efectivamente incluída; é necessário ajudar os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças nas escolas e prepará-los para ensinarem aquelas crianças que estão atualmente excluídas das escolas por qualquer razão.

Se na preparação para a inclusão de alunos com deficiência todos os intervenientes estiverem bem preparados todos podem ficar a ganhar numa escola inclusiva. Para Hoffmann (2000), existem muitas vantagens na inclusão de alunos com deficiência. O autor refere que através da inclusão os alunos alcançam experiência e capacidades humanas, melhoram o ensino e ficam mais bem preparados para a vida adulta numa sociedade.

Segundo relatórios de Educação Inclusiva na sala de aula, a partir de estudos de caso em 15 países europeus, constatou-se que nas salas de aula inclusivas o que é bom para os alunos com NEE é igualmente bom para todos os alunos. Os professores necessitam de apoio e de colaborar com os colegas, com a escola e com os profissionais exteriores. A cooperação entre os pares é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos. A heterogeneidade permite que as estratégias de aprendizagem se tornem mais flexíveis e diversificadas, ao mesmo tempo que exigem regras que melhoram o funcionamento da sala de aula. O Programa Educativo Individual (PEI) dá lugar a uma abordagem de ensino eficaz e mais qualitativo, onde se valorizam os progressos.

Uma sociedade inclusiva tem características de abertura que considera e valoriza as diferenças e consegue criar oportunidades iguais para todos os seus elementos. A Constituição da República Portuguesa refere no artigo 71 que o Estado obriga-se a reabilitar e integrar cidadãos portadores de deficiência. A escola passa então a ter um desafio notável, o de desenvolver uma pedagogia focada no aluno, mesmo naqueles que apresentam mais dificuldades e incapacidades.

Ao nível de adaptações pedagógicas, a inclusão pode ser feita com maiores ou menores adaptações, dependendo da especificidade, têm processos de adaptações específicos. Os alunos com alguma modificação, têm uma inclusão de certos objetivos ou metodologias. O aluno passa a maior parte do tempo na sala do ensino regular. Nas modificações

significativas, os alunos passam longos períodos fora da sala do ensino regular, onde recebem reforço em áreas específicas.

“A soma de todas as diferenças de cada um pode produzir resultados harmoniosos e enriquecedores, onde é possível viver uma socialização sem barreiras” (Carvalho 2006) citado pela revista Diversidades RAM nº 24 (2009) P. 14. A heterogeneidade das escolas inclusivas é um fator de grande mudança do papel do professor no ensino. As grandes diferenças existentes entre as crianças, fazem com que cada aluno seja visto como uma potencial fonte de conhecimento benéfico para todos os outros elementos. Como não aprendem todos da mesma maneira, como não estão todos no mesmo patamar de capacidade e como alguns apresentam desvantagens, o professor tem o papel proativo face às necessidades dos alunos com o objetivo de minimizar ao máximo as diferenças. Esse processo permite ao docente ganhar competências ao nível de estratégias de ensino/aprendizagem, assim, à medida que se vão aperfeiçoando e reinventando as metodologias, e ao mesmo tempo que se vão diferenciando as pedagogias, torna a inclusão um processo de aprendizagem mútua, onde todos aprendem e todos ensinam. Para que o ensino resulte nesta pedagogia diferenciada, é essencial compreender quais os objetivos pretendidos a cumprir de acordo com as capacidades de cada aluno, cada evolução deve ser valorizada. O facto de se adaptar o ensino às necessidades é uma grande mais-valia para o processo de ensino/aprendizagem, não só porque permite maximizar os pontos fortes e minimizar os pontos mais fracos como o faz sentir satisfeito e valoriza um fator muito importante em qualquer tipo de desempenho académico, a motivação.

A Região Autónoma da Madeira encontra-se num processo em desenvolvimento. Segundo a Directora Regional do Ensino Especial, a Dra. Maria José Camacho numa entrevista à RTP Madeira, ainda existem crianças com deficiência cujos familiares ainda não procuraram ajudas junto das entidades especializadas. A integração é feita pela DREER (Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação), por CAO'S (Centros de Atividades Ocupacionais) e por algumas associações.

2.9-Música e inclusão

Após uma abordagem sobre os temas nucleares desta investigação, é importante agora relacioná-los entre si para que se possa a partir daí compreender a afinidade existente entre eles no estudo em causa.

Com a escolaridade obrigatória estendida para todas as crianças, incluindo portadoras de deficiência, é que se regulamentou a perspetiva de escola igual, gratuita e de qualidade para todos.

Desde o início dos anos 90 que as nossas escolas se têm preocupado em dar mais ênfase às expressões físico-motoras e artísticas. É nelas que por vezes se faz a «triagem» de talentos nos alunos para que assim estes possam seguir desde cedo na área em que sentem mais aptidão ou talento. É prova de que estas disciplinas não só são importantes para a comunidade e para o bom encaminhamento do ensino tendo em vista a orientação vocacional, como e principalmente para demonstrar que estas áreas são importantíssimas no desenvolvimento da criança e na aprendizagem em geral. As áreas da Língua Portuguesa e da Matemática têm sempre ganho mais protagonismo nos conteúdos programáticos e na carga horária. Mas pouco e pouco foi-se verificando que as expressões «musical, plástica e tecnológica, físico-motora e dramática» têm vindo a manifestar alguma importância não só isoladamente mas também numa perspetiva multidisciplinar.

Em qualquer tipo de relação entre seres humanos, a envolvência entre as partes é um fator importante para que se possa criar uma forma de comunicação mais produtiva. Quando se conseguem criar laços entre as pessoas, torna-se mais fácil captar a atenção ou mesmo a vontade dos outros. *“Diz-me e eu esquecerei; ensina-me e eu lembrar-me-ei; envolve-me e eu aprenderei”* (Provérbio Chinês), citado pelo Projeto Educativo da EBI/ Jardim de Infância do Couço (2009) P. 1. Frases como esta, dão-nos conta da importância que as expressões têm no ensino. No processo de ensino/aprendizagem a inclusão tem de ser sentida, através da convivência as diferenças amenizam-se favorecendo valores como o companheirismo e colaboração.

“Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico que meramente repetir a

*lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura do Espírito”.*¹⁰

A música, segundo Snyders (1992), citado por Barreto e Silva (2004), é “*Uma atividade criativa e integradora. Ela atrai e envolve os alunos, serve de motivação, estimula áreas do cérebro, desenvolve a criatividade, autoestima, capacidade de concentração, raciocínio lógico, socialização e expressão corporal.*”P.12.

Uma das maiores dificuldades das escolas inclusivas deve-se ao facto de muitos professores não estarem ainda completamente preparados para enfrentar as adversidades deste processo. Em algumas situações, alguns professores não sabem gerir uma turma onde estejam incluídos alunos com NEE, muitos deles nunca tiveram qualquer tipo de formação especializada. A música pode ser um dos veículos importantes para diferenciar metodologias de ensino e principalmente para amenizar situações mais complicadas na relação entre todos os agentes da turma.

Rodrigues (2003) refere que o ensino tradicional, com as suas técnicas e métodos baseados na transmissão de conhecimentos e na individualização das tarefas constitui uma barreira no caminho da escola inclusiva. A competição, a homogeneização de respostas e comportamentos e o medo de errar impedem o reconhecimento das diferenças e a riqueza que trazem para o desenvolvimento de todos.

Não é fácil para um Professor, nem para ninguém quando enfrenta um desafio novo, pode até mais tarde vir a ser um desafio estimulante mas, pelo menos numa fase inicial os níveis de confiança não serão os melhores. As dificuldades na adaptação curricular e na forma como deve lidar com as limitações dos alunos com NEE perante a turma, são processos que requerem muito trabalho, experiência e sobretudo confiança. É muito importante também o companheirismo entre colegas. Principalmente na partilha de experiências, torna-se uma ajuda preciosa quando um professor com menos experiencia tem o auxílio de outros que já enfrentaram problemas semelhantes. Florian (1998), citado por Coelho (2011): “*Um professor sem formação apropriada, por muito aberto e bem intencionado que seja, não conseguirá dar a educação apropriada a alunos com dificuldades de aprendizagem ou outras necessidades educativas especiais se não tiver o apoio dos colegas mais experientes*”. P. 45.

A música é uma forma de comunicação bastante forte. Através dela o professor pode motivar os alunos à aprendizagem. Sobretudo os alunos com mais dificuldades de

¹⁰ Paulo Freire (2009).

aprendizagem, a música pode abrir caminhos para uma melhor performance. Correia (2003) refere que os professores titulares e os professores de educação especial, que trabalham em colaboração apresentam melhores resultados que os professores com métodos tradicionais.

Numa escola inclusiva, a música pode ser a porta de entrada para que haja uma maior entrega por parte de todos os seus intervenientes. Esta tem a capacidade de se expressar e atingir todas as pessoas, de as modificar, de as afastar ou de as aproximar umas das outras. Através da música é possível criar uma atmosfera partilhada por todos os que a ouvem, pode até ser sentida de diferentes formas mas ela torna-se algo que todos têm em comum em determinada situação. O dom de poder criar imagens mentais e de desenvolver competências criativas e introspectivas é algo que a torna numa atividade incrível.

Segundo Gardner (1995), referido por Barreto e Silva (2004), e a sua teoria das inteligências múltiplas a música tem a capacidade de influenciar o homem física e mentalmente, podendo contribuir para a harmonia pessoal, facilitando a integração e a inclusão social. Alunos com dificuldades na área da matemática podem desenvolver algumas capacidades ao mesmo tempo que podem usufruir da música. Esta desenvolve a capacidade de concentração e memorização, quando é praticada por algum instrumento ou pela voz proporciona o desenvolvimento de competências da área da física e da matemática, a própria disposição e intensidade de sons varia numa escala matemática.

“A aplicação da música na reabilitação ganhou visibilidade durante as duas guerras mundiais, quando os veteranos incapacitados, física e emocionalmente apresentavam rápidas melhorias na sequência das visitas de músicos aos hospitais de campanha.” Soares C. (2003) P. 130-131.

Juntar a música com a filosofia da escola inclusiva, é claramente uma aposta de sucesso. Dão a possibilidade aos alunos de: *“viverem, sentirem, escutarem, apreciarem, conhecerem, pensarem, explorarem, descobrirem... a música, a partir de experiências lúdicas e socializadoras”* (Amaral & Martins, 2009) citado pela revista Diversidades RAM Nº 24 (2009) P. 13. Pretende-se que através da música o ensino se torne aberto a todos numa forma livre e motivante de ensinar e aprender.

Quanto mais à vontade uma criança estiver, mais facilmente se relaciona com os outros e mais facilmente capta conhecimento. Se a criança não estiver bem consigo mesma, fica inibida e fechada ao contato com os que a rodeiam e conseqüentemente ficará fechada

quebrando o desenvolvimento das competências sociais, cognitivas e motoras. Segundo o livro “*para la integracion del deficiente*” de Pérez e Martínez (1986) as atividades musicais são bastante úteis para quebrar barreiras de comunicação entre seres humanos, como explica o autor,

“(...) La expresión y la acción se unen en el canto, revistiendo especial importancia, de ahí nuestra atención hacia el canto colectivo, ya que en él debe conseguirse la participación e comunicación de todos. El sensibilizar las aptitudes, así como el canto orienta hacia la recuperación psíquica, libera al niño e debe la ayuda a manifestar-se tal como es.”¹¹

As próprias atividades de musicalização desenrolam-se a favor da inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais. Como o objetivo das aulas de Educação Musical não passa por formar músicos profissionais, o carácter livre e lúdico permite que o aluno fique mais aliviado de possíveis pressões, favorecendo a descontração e o envolvimento. Estes fatores são decisivos para a inclusão principalmente de alunos com dificuldades especiais, ao mesmo tempo que criam condições para que todos os alunos se sintam capacitados de demonstrar novos interesses e aprendizagens. Para crianças hiperativas que normalmente não têm grandes resultados académicos, ou aquelas que são mais ansiosas, a concentração é algo sempre muito difícil de controlar, uma vez que estas crianças geralmente apresentam uma respiração curta e descontrolada.

Além das competências individuais como a aprendizagem em geral e o desenvolvimento cognitivo, as atividades musicais estimulam as crianças nas competências de relacionamento com os outros. A inclusão de crianças com NEE que apresentem dificuldades no controle de movimentos específicos, é feita muitas vezes graças a atividades de musicalização. A música dá o estímulo ideal para o controle dos movimentos pretendidos, ao mesmo tempo que estes se sentem mais à vontade para se expressarem com os restantes alunos. Segundo Brécia (2003), citado por Barreto e Silva (2004), estas atividades valorizam a expressão de todos e desenvolvem a autoestima geral. O autor refere ainda que a música alivia a tensão e facilita a linguagem. Além de a música contribuir para tornar o ambiente escolar mais recetivo, também pode dinamizar a aprendizagem de outras disciplinas, ganhando um papel multidisciplinar. Isso permite dinamizar a aprendizagem e torná-la como forma de oportunidade de assegurar possibilidades de igualdade para que todas as crianças se possam educar através da música.

¹¹ Pérez e Martínez (1968) P. 285.

Para que qualquer indivíduo se sinta integrado, seja num grupo de pessoas, seja na própria sociedade, é decisiva a forma como se sente com ele mesmo. Quem não está bem consigo próprio, dificilmente o estará com os outros. As combinações de sons que acompanham a melodia tornam-se em harmonia. Essa harmonia é sentida de forma individual, cada pessoa sente a música de maneira diferente. A dialética corpo/mente ajuda a ser desenvolvida pela interpretação desses conjuntos de sons, o que permite uma maior tomada de consciência corporal.

Campbell D. (2000) ao comentarem sobre a inteligência musical resumem os motivos pelos quais ela deve ser valorizada na escola:

- Conhecer música é importante.
- A música transmite nossa herança cultural. É tão importante conhecer Beethoven e Louis Armstrong quanto conhecer Newton e Einstein.
- A música é uma aptidão inerente a todas as pessoas e merece ser desenvolvida.
- A música é criativa e auto-expressiva, permitindo a expressão de nossos pensamentos e sentimentos mais nobres.
- A música ensina os alunos sobre seus relacionamentos com os outros, tanto em sua própria cultura quanto em culturas estrangeiras.
- A música oferece aos alunos rotas de sucesso que eles podem não encontrar em parte alguma do currículo.
- A música melhora a aprendizagem de todas as matérias.
- A música ajuda os alunos a aprenderem que nem tudo na vida é quantificável.

2.10-Inclusão, Paralisia Cerebral e Música

Se a música influencia o homem de todas as formas, influencia ainda mais quando se trata de pessoas com uma sensibilidade acima da média. Bréscia (2003) diz que crianças mentalmente deficientes e autistas geralmente reagem à música, quando tudo o mais falhou. A terapia musical foi, por exemplo, utilizada para melhorar a coordenação motora nos casos de paralisia cerebral e distrofia muscular. Também é usada para ajudar a controlar a respiração e a dicção nos casos em que existe distúrbio da fala. Para além do mais palpável, a música também proporciona o domínio emocional, favorecendo-a na linguagem. *“A música pode ajudar a criança no controlo da motricidade, na sua organização espaço-temporal e na expressão oral dando-lhe ao mesmo tempo oportunidade de expressão livre e prazer evitando bloqueios emocionais.”* APMT I (1998). P. 84.

A terapia feita através da música tem-se mostrado competente no tratamento e reabilitação de pessoas com PC. Esta patologia tem a característica principal da falta de capacidade em controlar os músculos de forma voluntária. Muitas vezes esse fator deve-se a uma certa inibição por parte dos portadores, prejudica-os nos movimentos e sobretudo na comunicação. A música é um meio bastante valioso na exteriorização criativa, além disso melhora a atenção, o relaxamento e vocalização.

O equilíbrio emocional provocado pela ação da música também favorece a integração social e a inclusão dentro da sala de aula. A criança ao se sentir mais descontraída, sente mais vontade de se relacionar com os outros. *“Os aspetos lúdicos que a música proporciona à criança ajudam-na no seu equilíbrio emocional e na sua maturação e integração social.”* APMT I (1998) P. 84.

Uma das maiores dificuldades que a criança com PC sente na sua integração é o seu controle muscular. Quando estas crianças sentem a música, o seu corpo reage de forma mais coordenada, os mecanismos de ação da música melhoram o desempenho no controlo muscular, e a reação aos sons e à harmonia musical permitem uma melhoria no controlo respiratório e da fala. Brescia (2003), citado por Barreto e Silva (2004), refere que a terapia musical foi usada para o melhoramento da dicção em casos de distúrbio da fala.

A confiança é meio caminho para a vitória. Qualquer que seja o desempenho de um indivíduo, sendo ou não importante, o nível de confiança está normalmente relacionado com o desempenho. Uma criança que tem dificuldade no controlo da fala e dos movimentos, não tem propriamente uma confiança que se possa considerar muito alta para desempenhar tarefas de sociabilização. A música por si já é um “companheiro” que aproxima as pessoas e que as põe em igualdade, todos a estão a ouvir e isso torna-se numa partilha comum entre todos. Na escola inclusiva é importante haver laços entre todos os colegas. Uma criança com PC precisa do apoio dos colegas.

*“O professor deve selecionar um aluno da classe para assumir as funções de companheiro mais íntimo do aluno com paralisia cerebral (...) a escolha do professor deve recair sobre um aluno merecedor de confiança que não só proporcionará apoio mas que muito mais importante, será também um companheiro.”*¹²

Essa base de confiança tem de se transportar para fora da sala de aula e tem de ter um caminho de continuidade. A criança com PC não se relaciona apenas com os colegas de escola, ela está sujeita a comunicar e a conviver com outras pessoas. *“Este é um trabalho de equipa ente os pais, os terapeutas o educador ou professor da classe e o professor de música.”* Textos de musicoterapia APMT I (1998) P. 83. Se principalmente todos os intervenientes na sua recuperação fizerem um trabalho de equipa entre si, não só vai aumentar a confiança da criança como irá usufruir de um cuidado muito mais elaborado e personalizado.

*“A intervenção exige um trabalho de equipa transdisciplinar que inclui o médico, enfermeiro, terapeutas (fisioterapeuta, terapeuta ocupacional e terapeuta da fala), psicólogo, técnico de serviço social, educadores, professores e ainda os pais que devem fazer parte integrante da equipa, colaborando de habilitação e na educação do seu filho (...).”*¹³

Além disso, os profissionais têm o papel de fazer o transfere dos procedimentos para a casa da criança, através da família.

“ O professor de música ou musicoterapeuta tem um papel importante na equipa que se propõe apoiar a criança e a família. A criança com paralisia cerebral tem grandes dificuldades no controlo da postura e movimento, devido à paralisia ou

¹² Nielsen L. B.(1999) P.98.

¹³ Textos de musicoterapia - APMT I (1998) P. 83.

*parésia dos membros, coordenação motora, movimentos involuntários e perturbações de equilíbrio.”*¹⁴

Mesmo o benefício da recuperação através das indicações dos profissionais que lidam com a criança, é importante ter em atenção que esta pode apresentar mais do que dificuldades no controlo muscular e da fala. *“Além da deficiência motora pode haver défices sensoriais de visão e audição, dificuldades perceptivas, défice de linguagem e fala, atraso cognitivo, e problemas emocionais e de comportamento.”* Textos de musicoterapia I APMT (1998) P. 84. Uma família preparada para enfrentar as dificuldades é também uma família preparada para contribuir para a inclusão da criança na escola e na sociedade.

Incluir uma criança com PC numa sala de aula através da educação musical ou através de atividades musicais gera normalmente benefícios gerais para todos. As crianças com NEE sentem-se mais perto dos restantes alunos e da comunidade e todas se sentem “partilhadas” por algo tão contagiante como é a música. Com a música podem-se trabalhar variadíssimas competências individuais e de grupo, para crianças com dificuldade ou mesmo com as que não apresentam qualquer patologia ou dificuldade na aprendizagem. Competências como a disciplina, ou a entreajuda são aspetos importantíssimos a desenvolver em qualquer turma onde se desenvolva o processo ensino/aprendizagem, ainda mais quando se trata de uma escola inclusiva. *“A capacidade de manter a atenção é também um aspeto que pode ser desenvolvido através da música.”* Textos de musicoterapia I - APMT (1998) P. 84. A nível de competências de grupo, a música é um grande meio para promover valores como a sociabilização, a cooperação e o respeito pelas diferenças. *“É um meio muito importante de sociabilização, uma vez que permite a participação e comunicação em grupo, favorecendo o equilíbrio socio-afetivo da criança.”* Textos de musicoterapia I APMT (1998) P. 84.

Em Portugal, graças aos interesses no apoio às crianças com PC tem-se desenvolvido um trabalho positivo nesse sentido. *“Desde 1971 que o centro de reabilitação de paralisia cerebral Calouste Gulbenkian tem tido apoio de educação musical no curriculum educacional das crianças que frequentam o centro.”* Textos de musicoterapia I - APMT (1998) P. 84. A reabilitação através da música, quer seja através de musicoterapeutas, quer através de professores de educação musical ou simplesmente através de atividades musicais, tem vindo a dar alguns frutos. Gabriela Rodríguez de Gil, licenciada argentina em

¹⁴ Textos de musicoterapia - APMT I (1998). P. 83.

Musicoterapia, trabalha desde 1999 no Núcleo Regional de Faro da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral (APPC). Segundo a musicoterapeuta a música pode atuar como um processo de auxílio importante dos movimentos. Através de atividades musicais pode-se ativar o sistema nervoso e daí desenvolver variadas respostas motoras. Com a experiência a musicoterapeuta vem dizer nas “Jornadas Ibéricas de Musicoterapia” que é possível melhorar a qualidade de vida das crianças e jovens com paralisia cerebral através da música. A utilização de instrumentos adaptados às crianças com PC aumenta a autoestima. A partilha e a demonstração das emoções através dos instrumentos adaptados melhoram não só a performance tanto das produções vocais como instrumentais, através desse processo e com a interação em grupo, transmitem e partilham as suas emoções. A escolha dos instrumentos adaptados é importante nos resultados. “ (...) *é necessário encontrar para cada criança o instrumento mais ajustado ao tipo e grau de incapacidade e a parte do corpo que a criança controla melhor.*” Textos de musicoterapia I - APMT (1998) P. 85.

Sendo um dos objetivos da inclusão, inserir o mais possível os alunos com deficiência na sociedade, a escola tem de ser um molde fiel à sociedade. Na nossa sociedade existem pessoas com mais dificuldades que outras, tanto a nível de integração com os outros como a nível de limitação psico-motora. Alunos com deficiência obtêm melhores resultados a nível comportamental quando aprendem junto de crianças sem deficiência. “ (...) *vários estudos que comprovam que crianças deficientes integradas com outras crianças, advêm daí efeitos mais positivos no plano comportamental.*” Vayer, Roncin (1989) P. 159. Especificamente, os alunos com PC também apresentam mais evolução quando estão junto dos outros. No que diz respeito à aceitação pelos restantes alunos, depende da preparação da escola e dos professores, “*Os sujeitos com paralisia cerebral são bem aceites com as outras crianças quando não exigem cuidados especiais.*” Vayer, Roncin (1989) P. 159. Por outro lado existem casos em que é benéfico passarem por centros especializados, alunos com PC por exemplo, de acordo com o diagnóstico necessitam de cuidados especiais:

*“O aluno com Paralisia cerebral pode e deve ser integrado no ensino regular, todavia, por vezes, poderá ter necessidade de frequentar Centros mais especializados, onde equipes transdisciplinares, intervindo junto da criança e da família, garantem um melhor desenvolvimento e a continuidade de cuidados específicos de que ela necessita, de forma a tornar possível uma maior autonomia e uma futura integração na escola e na sociedade”*¹⁵

¹⁵ (Nunes, 2001), citado por P. 28 Fontes M. (2008).

Ao incluir alunos com deficiência numa turma com outros alunos há que ter em atenção diversos fatores. É importante manter um equilíbrio para que a turma não se torna demasiado virada para os alunos com NEE, nem que se note em demasia aqueles que têm dificuldades ou apresentem deficiência. Uma turma tem de ter uma identidade equilibrada, um modelo à imagem da sociedade. No planeamento da turma é determinante criar condições para que nenhuma das partes saia prejudicada. Segundo Vayer, Roncin (1989),

*“É difícil quando se trata de integrar uma população particular numa sociedade pois, a partir de uma certa percentagem de indivíduos diferentes, a população de origem teme perder a sua identidade. É ainda mais difícil quando se trata de integração de crianças deficientes na classe, pois nos chocamos com um elenco de objecções devido ao facto de que essas crianças são definidas como inadaptadas.”*¹⁶

O equilíbrio centra-se em duas necessidades, a necessidade vital da diferença entre os indivíduos e a necessidade social da boa convivência, estes dois dados devem estar ao máximo em harmonia. O equilíbrio centra-se em duas necessidades, a necessidade vital da diferença entre os indivíduos e a necessidade social da boa convivência, estes dois dados devem estar ao máximo em harmonia.

Crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem e na integração social devido a algumas das suas incapacidades, não devem ser uma barreira na escola inclusiva, pelo contrário, devem ser encaradas como um desafio. As crianças com PC têm dificuldades motoras, apesar disso algumas delas conseguem executar tarefas como por exemplo pegar num lápis ou tocar um instrumento. É sinal que mesmo havendo algumas desvantagens em relação às crianças que não apresentam qualquer tipo de lesão, não implica que não executem determinada tarefa ou que não possam interagir com os outros. Uma criança mesmo não tendo qualquer tipo de lesão motora pode não ter a mesma capacidade para tocar determinado instrumento que uma criança com PC por exemplo. Se uma criança com PC for bem acompanhada pelos professores e por toda a equipa que o envolve na inclusão, esta pode perfeitamente obter um bom aproveitamento a nível da aprendizagem. Quando o acompanhamento não é o ideal ou quando simplesmente a escola não está preparada, verifica-se a maior parte das vezes que o rendimento não é tão positivo.

Para Fischer, citado por (Hoffmann, 2000), no caso da inclusão de alunos com PC, o problema não está apenas na preparação profissional, também está no conhecimento sobre a

¹⁶ P. 11. Vayer, Roncin (1989).

patologia. Segundo o autor o contato com estas crianças requer alguma atenção já que têm características salientadas o que requer uma preparação diferenciada pelo professor. O desempenho dos professores depende não só dos conhecimentos que conseguir adquirir como da própria persistência e também do número de alternativas que conseguir criar. Mariane da Silva, uma das autoras de um estudo do 5º ano do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará, quando as escolas não têm as condições para receber alunos com PC ou quando simplesmente os professores não têm formação específica acontece que apenas se vê uma turma normal e entre eles há um aluno com PC. Professores que tiveram formação específica para lidar com estas situações, estão mais capacitados para desenvolver uma comunicação alternativa para facilitar a inclusão e minimizar as diferenças e os preconceitos. A música pode ser uma alternativa bastante positiva para que se possa estabelecer comunicação.

“Ana Isabel, 13 anos, não tem atraso mental, mas a paralisia cerebral deixou-a sem coordenação dos membros e impossibilitada de falar. Embora não consiga seguir o ritmo na perfeição, acompanha a letra através dos desenhos e tecla os sons no órgão, graças a um capacete equipado com um ponteiro.”¹⁷

¹⁷ Soares C. (2003) P. 130-131.

2.11-Inclusão pela Música e pela Arte na RAM

“Para a população com necessidades especiais, a arte reitera uma ação educativa e uma intervenção terapêutica, orientada para a criação e consubstanciada numa praxis transdisciplinar e holística que entusiasma, promove, une, habilita e reabilita.” Maria José Camacho – Directora Regional de Educação Especial e Reabilitação Revista Diversidades Nº 24 (2009) P. 3.

A música é uma arte, como tal, é nessa perspetiva, uma forma de desenvolver a mente e de promover a comunicação e a criação, a deficiência não deve ser um obstáculo a todo este processo, respeitando as diferenças e adaptando-as às capacidades, é possível obter óptimos resultados na reabilitação e educação.

Personalidades ao longo da história da humanidade foram encontrando a sua forma de comunicar e de vencer determinados medos através da arte, que mais tarde fez deles artistas de referência.

Na Região Autónoma da Madeira existem vários projetos de inclusão social através das artes. A música é uma arte impar, para Gautier, Heine e Stael, (citados pela revista diversidades nº 24) *“a música é o mais querido de todos os ruídos; é uma arte que vai para além de todas as artes; é a arquitectura dos sons; tem o poder de agir, simultaneamente, sobre o espírito e sobre os sentidos”* Revista diversidades nº 24 P. 10.

O Projeto “Oficina Versus” é um dos exemplos de arte inclusiva feito na RAM. Nasceu pela mão do Professor Eleutério de Aguiar em 1989 e o grande objetivo então era o de incluir crianças com NEE através de várias práticas artísticas. Este projeto teve um contributo decisivo nesta matéria, teve continuidade através de outros projetos chegando aos dias de hoje com o Núcleo de Inclusão pela Arte (NIA). Desde a dança, a música, o teatro e as artes plásticas, foram-se desenvolvendo as condições para que fosse possível vencer a diferença. Criar e afirmar oportunidades artísticas e mudar atitudes sociais pela arte são alguns dos objetivos da NIA.

A Arte Inclusiva representa um papel importantíssimo na mudança de atitudes sociais em relação à diferença, *“É o processo bilateral pelo qual a sociedade se adapta para*

poder incluir nos seus sistemas sociais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir os seus papéis na sociedade.” (Sasaki, 1997) citado por revista diversidades nº 24 P. 7. O Projeto “Dançando com a Diferença” é outro programa de arte inclusiva, formado em 2001 por Henrique Amoedo, esteve ativo na DREER até 2007 e hoje está tutelado pela Associação do Amigos da Arte Inclusiva – Dançando com a Diferença. A união entre a música, a dança e a projeção de imagens faz deste grupo, constituído por elementos com e sem deficiência, um dos projetos de arte inclusiva com mais reconhecimento a nível nacional. O elenco é todo ele bastante heterogéneo o que exige bastante versatilidade, ao que têm conseguido responder com sucesso. Têm tido também diferentes coreógrafos com métodos diferentes, o que por si só já faz de si uso do seu nome: “Dançando com a Diferença”. Este grupo tem dado um grande contributo social ao mesmo tempo que vai enriquecendo cada vez mais as suas potencialidades como artistas e como pessoas. Um dos objetivos é fazer com que a deficiência seja olhada com naturalidade demonstrando que na arte não há limites. O reconhecimento do preconceito e da diferença dão a este grupo uma força muito maior no carácter da inovação. As adaptações feitas por este grupo inclusivo nas diferentes coreografias, trouxeram diferentes perspetivas sociais em diferentes formas de arte. Clara Andermatt, uma das coreografas confessa que descobriu coisas junto dos bailarinos, conseguiu ultrapassar dificuldades físicas, e ultrapassar os limites do corpo e da mente em momentos intensos junto de todo o elenco. Henrique Amoedo director artístico e mentor da Associação dos Amigos da Arte Inclusiva, refere que *“O conhecimento é a maior arma contra o preconceito, que normalmente ocorre quando estamos distantes de algo que não conhecemos o suficiente. Isto também ocorre no universo da deficiência.”* Citado por revista diversidades nº 24 P. 7.

Flávia Cintra esteve presente no 1º encontro inclusivo de dança na Madeira, aquela que foi consultora de Alline Moraes, actriz que interpretou «Luciana» na novela «Viver a Vida» da Rede Globo é um excelente exemplo de inclusão, sofreu um acidente que a deixou tetraplégica e mesmo assim nunca deixou de lutar, refere que:

“Estamos muito habituados a identificar as coisas que as pessoas com deficiência não podem fazer. Contudo, para cada dificuldade, existem mil possibilidades. E quando a gente trabalha com inclusão, acostumamo-nos a verificar

o número de opções e de possibilidades. E é verdade. A minha limitação é grande mas as minhas possibilidades são maiores.”¹⁸

O coro “capinhas” é um trabalho desenvolvido pelos CAO’s, surgiu no ano de 2001 com o objetivo de pessoas deficientes cantarem os reis. Mais tarde, começou a explorar um maior número de expressão artística, desde a dança, o canto ou a execução de instrumentos tradicionais, começou por criar a possibilidade de desenvolver a autoestima e a comunicação de pessoas com deficiência para o público.

A orquestra Orff da DREER é mais um dos bons exemplos desenvolvidos na RAM. Inspirada na pedagogia musical de Pierre Van Hawve e nos métodos Orff e Kodaly, tem também desenvolvido um bom trabalho inclusivo através de temas tradicionais do folclore português e estrangeiro, assim como composições e arranjos inéditos.

Um exemplo excelente de música inclusiva existente na ilha da Madeira é o Coro da Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação (DREER) cuja maestrina é cega. Noélia Ferreira pertencente ao Serviço Técnico de Educação para a Deficiência Intelectual, refere que são muitas as adaptações que esta tem de fazer tanto para ela com as suas partituras em Braille, como para os restantes 30 elementos do grupo. Segundo a maestrina, o mais importante neste trabalho musical é que a música faz parte da vida do Homem, sendo ela de que estilo for, cada um interpreta-a à sua maneira e todos os obstáculos se superam para dar voz ao sonho de se expressar através da música.

O Projeto 5.^a Punkada é um projeto de longa data que tem desenvolvido um bom trabalho na inclusão pela arte. De salientar que a maioria dos seus elementos é constituída por pessoas com PC, o seu objetivo é sobretudo obter prazer através da música, utilizando instrumentos convencionais tentando produzir música de todos os estilos. Segundo a Psicóloga Teresa Paiva, é espantoso como através da excelente qualidade musical conseguem comunicar com o público após o choque inicial de os ver «amarrados» às suas cadeiras.

¹⁸ Revista Olhar (2010) - Nº 26127 p. 16/17.

Capítulo 3

(Metodologia)

“A investigação em ciências sociais segue um procedimento análogo ao do pesquisador do petróleo. Não é perfurando ao acaso que este encontrará o que procura.”
(Quivy, R. Campenhoudt, L. 1998) P. 15.

O sucesso de qualquer procura, ou de qualquer busca, está no seu procedimento. Quanto maior conhecimento tivermos sobre o que desejamos procurar, maior será a probabilidade de sucesso para adotarmos os meios adequados para o atingirmos, para assim, conseguirmos chegar mais rapidamente e de forma mais assertiva ao objetivo desejado. Um dos problemas que mais «apoquentam» o investigador é sem dúvida a metodologia da investigação, ou seja, a forma como vai trabalhar o seu problema. Todos nós sabemos que não é nada fácil gerar conhecimentos novos, não só pelo rigor imenso que isso exige mas também, porque o que hoje é uma verdade, amanhã poderá já não o ser.

Como tal, é importante contribuir para que haja uma boa comunicação entre o investigador e os leitores deste trabalho. Pretende-se neste capítulo que se entenda o que se fez para resolver o problema de pesquisa, quais as orientações e procedimentos que se tomaram para transformar os conceitos em fenómenos que possam ser medidos e registados. Fortin (1999) refere que as decisões metodológicas são elementares para assegurar a fiabilidade e a qualidade dos resultados de investigação.

No desenvolvimento de um trabalho de investigação, a metodologia pode muitas vezes estar sujeita a ter de ser revista, obrigando a recomeçar e a alterar fases anteriores do trabalho, umas vezes porque algo não estava correto e outras pela busca de maior pertinência a fim de melhorar a qualidade e validade deste. Segundo Gaston Bachelard, citado por Quivy, R. Campenhoudt, L. (1998), o processo científico, resume-se em algumas palavras: O facto científico é conquistado, construído e verificado. Conquistado a ponto de o podermos utilizar para a nossa investigação em nosso benefício, construído através da razão para que seja válido, e verificado através de atos para que se possa comprovar. Podemos até ter muito conhecimento sobre o tema que queremos investigar, mas se não o soubermos aplicar corretamente nos moldes que o queremos expor, corremos o risco de ter de rever de novo o trabalho feito anteriormente, para que possa prosseguir de forma correta e válida.

Por vezes, o ponto de partida de um trabalho de investigação pode ser provisório, primeiro começa-se por traçar um plano que depois pode ter de vir a ser reformulado, é necessário analisar muito bem os caminhos a tomar. No manual de investigação, (Quivy, R.;

Camphenoudt, L. 1998) referencia-se que para que haja uma verificação frutuosa de um estudo, tem de existir um quadro teórico bem estruturado. O ponto de partida, a «base» do trabalho deve começar por uma pergunta. Essa pergunta que tem de conter determinadas características, deve ser unívoca, concisa e pertinente, deve ajudar a compreender fenómenos e de uma forma realista deve também ajudar a compreender o problema de partida, deve definir o problema num contexto específico e concreto.

Para que a análise científica seja adequada ao problema e ao objeto, o plano do investigador tem de estar bem estruturado. Segundo (Quivy, R.; Camphenoudt, L. 1998) o modelo de análise é o prolongamento natural da problemática, articulando as pistas que vão orientar o trabalho de investigação e análise. O problema da investigação, tem de conter características que o tornem válido cientificamente, deve espelhar tanto o que se pretende estudar como o que não se quer.

3.1 - Problema

Tuckman (2008), refere que um problema de investigação deve constituir uma questão de forma clara e sem ambiguidade numa relação entre duas ou mais variáveis que possa ser testada empiricamente, ou seja, através da recolha de dados.

O tema de investigação deste trabalho centra-se principalmente em tentar saber quais os contributos que a música consegue oferecer na inclusão de alunos com a patologia de paralisia cerebral. Inicialmente formulámos a questão: «Quais os contributos da música na inclusão de alunos com paralisia cerebral, com os seus pares dentro de uma sala de aula?». No decorrer da revisão da literatura e na construção dos instrumentos, sentimos a necessidade de colocar a questão de uma outra maneira, pretendíamos criar um problema que relacionasse a temática da música e da inclusão em alunos com a patologia da PC mas não apenas focado no relacionamento com os seus pares, mas sim com a aprendizagem, com a integração e com a melhoria do seu estado geral. Para que a questão não se tornasse demasiado longa para abranger todos esses conceitos, criámos uma que abrangesse tudo sem se tornar demasiado específica e que ao mesmo tempo fosse clara: «Quais os contributos da música na inclusão de alunos com paralisia cerebral na sala de aula?»

3.2- Objetivos de Investigação

3.2.1- Objetivos Gerais

- Saber se a música contribui para a inclusão de alunos com PC e com NEE,
- Saber se a formação na Educação Especial melhora os conhecimentos e a preparação dos professores que tenham alunos com NEE e PC.
- Obter informação sobre como se encontra a inclusão atualmente.

3.2.2- Objetivos Específicos

- Apurar se os Professores do 1º ciclo utilizam a música nas suas aulas e se esta trás resultados na aprendizagem e no desenvolvimento geral,
- Saber se os Professores do 1º ciclo e os de Educação Musical do 1º e 2º ciclo sabem o que se entende por inclusão, deficiência e paralisia cerebral,
- Perceber qual é o relacionamento de alunos com NEE e PC em relação ao resto dos alunos,
- Saber quais os principais benefícios da música em alunos com PC e NEE,
- Conhecer o nível de preparação dos professores para a inclusão escolar e para lecionar com alunos com NEE e PC.
- Averiguar qual a opinião dos Professores em relação à inclusão de alunos com PC utilizando a música como veículo.

3.3- Hipóteses

Tendo em vista o modelo de análise e a formulação do plano de investigação, é muito importante criar outras questões relacionadas com o objetivo geral do estudo, suposições mais específicas para que se torne mais claro o problema original. Segundo Tuckman (2008), uma hipótese é uma sugestão de resposta ao problema estabelecendo um juízo entre duas ou mais variáveis de forma clara e declarativa.

As variáveis são tudo aquilo que se possa estudar e representar por um investigador, são os dados que as hipóteses relatam. A variável dependente é aquela que se relaciona com a resposta que se pretende procurar, a variável independente é aquela que se pode manipular e que está relacionada com o resultado da variável dependente.

Segundo Fortin (1999), o tipo de estudo *“descreve a estrutura utilizada segundo a questão de investigação vise descrever variáveis ou grupos de sujeitos, explorar ou examinar relações entre variáveis”* P. 133.

1- Introduzir momentos musicais dentro da sala de aula melhora o relacionamento dos alunos com NEE e PC em relação à turma.

V.I. – Introduzir momentos musicais.

V.D.- Bom relacionamento dos alunos com NEE e PC perante à turma.

2- A música melhora a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo-motor dos alunos com NEE e PC.

V.I. - Música.

V.D. – Melhora a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo--motor dos alunos com NEE e PC.

3- O aluno com paralisia cerebral reage bem com a música e sente-se, por isso, mais confiante para interagir com os seus colegas.

V.I. – Reagir bem com a música.

V.D. – Confiança para interagir com os colegas.

4- Quanto maior for a formação do Professor a nível do ensino especial maior é a sua preparação para a inclusão de alunos com PC e NEE.

V.I. – Formação académica do Professor no Ensino Especial.

V.D. – Preparação para a inclusão de alunos com PC e NEE.

5- Quanto maior for o contato com a música maior será a probabilidade de inclusão de alunos com PC e NEE.

V.I. – Contato com a música.

V.D. – Inclusão de alunos com PC e NEE.

6- A Música é tão importante no desenvolvimento das capacidades dos alunos como as áreas da Matemática ou Português.

V.I. – Importância da Música no Ensino.

V.D.- Desenvolvimentos das capacidades dos alunos.

3.4- Instrumentos de Investigação

Para Fortin (1999), os instrumentos de colheita de dados são úteis para colher as informações que fornecerão respostas às questões de investigação ou às hipóteses. Na realização de um estudo, existem várias formas de colher informação específica sobre determinado problema. Desde a recolha de documentação, às entrevistas ou aos questionários, todos estes métodos requerem logicamente um rigor científico que permite obter uma informação válida e que ao mesmo tempo seja realmente útil para um estudo científico. Daí, como refere Quivy, R. Campenhoudt, L. (1998), não se pode atuar logo sem que primeiro haja um longo caminho de preparação para o fazer, que método utilizar, de que forma, e em quem.

Toda a pesquisa deste trabalho de investigação foi feita de forma cuidada e focada no âmbito do estudo pretendido. Existiu sempre uma preocupação na busca de material pertinente de investigação já publicado nesta temática. Relativamente à questão inicial, apenas foi possível encontrar alguns conceitos relacionados e não todos eles no mesmo contexto específico e com os mesmos objetivos. Para responder ao problema de partida foi feita uma revisão da literatura existente sobre os temas que dizem respeito à temática.

Pegámos num estudo denominado de «De que forma a música contribui para a inclusão de alunos com NEE na sala de aula» e utilizámos o questionário que tinha já sido utilizado como instrumento de recolha de dados, formulámos algumas modificações tendo em vista este estudo para que depois os resultados pudessem ser confrontados na análise dos dados.

O método utilizado neste estudo é o método qualitativo descritivo. Inicialmente constituído através de 2 Inquéritos por questionário que estão apresentados em anexo. Um dirigido a Professores do 1º ciclo a exercer na RAM, constituído por 21 questões, 6 abertas e 15 fechadas, umas de resposta «sim» ou «não» e outras de resposta numa escala de valores tipo Likert onde os inquiridos escolhem o nível de concordância com as questões apresentadas. O outro, destinado a Professores de Educação Musical do 1º e 2º ciclo a exercer atividade na RAM que tenham alunos com NEE ou PC, constituído por 25 questões, sendo que 7 são abertas e 18 são fechadas, da mesma forma, umas de resposta «sim» ou «não» e outras de resposta numa escala de valores tipo Likert onde os inquiridos escolhem o nível de concordância com as questões apresentadas. Devido ao facto de não existir um número

significativo de Professores de Educação Musical que tenham alunos com PC ou NEE, optou-se por se realizar uma entrevista para que a amostra se tornasse mais credível.

A partir dos questionários, aplicados de forma não casual, por conveniência a Professores do 1º ciclo da RAM e das entrevistas aos Professores de arte inclusiva do 1º e 2º ciclo de Educação Musical da RAM, iremos obter informações que permitam principalmente saber se a música é ou não um instrumento que contribui para a inclusão de alunos com PC e NEE.

Especificamente aos Professores de música que tenham alunos com as patologias desejadas foi alterado o instrumento de forma a obter uma informação mais específica, descritiva, abrangente e válida para o estudo. A entrevista é composta por 25 questões abertas que especificam o uso da música na integração de alunos com PC e NEE. Segundo Tuckman (2008), as entrevistas permitem aos investigadores transformar a informação recolhida em material de estudo de uma forma mais credível, o entrevistado passa mais o que «sente» e não tanto o que acha mais correcto responder, além disso, assim o entrevistador consegue desvendar alguns estados de emoção nas respostas do entrevistado. De acordo com Fortin (1999), a utilização da entrevista possibilita obter taxas elevadas de resposta, assim como apresenta a vantagem de poder ser utilizada na maioria dos sectores da população, e permite detetar facilmente erros de interpretação.

Posteriormente à validação destes questionários, serão recolhidos os dados para que sejam tratados e analisados de forma estatística e descritiva para assim se poderem discutir os resultados com os do trabalho anterior. As conclusões serão feitas através da verificação dos objetivos abrindo espaço se possível para novas linhas futuras de investigação.

3.5- Procedimentos

Dezembro – Elaboração da Metodologia.

Janeiro – Elaboração da Metodologia, Investigação sobre o tema em estudo e levantamento da Bibliografia.

Fevereiro – Elaboração da Revisão da literatura.

Março – Revisão da literatura, delimitação do estudo, elaboração dos instrumentos de recolha de dados e pedidos de autorização de aplicação.

Abril – Elaboração dos instrumentos de recolha de dados e expectativa de aplicação.

Maio – Aplicação dos instrumentos de recolha de dados.

Junho – Expectativa para a recolha dos instrumentos. Alteração de um dos questionários para uma entrevista.

Julho – Recolha dos instrumentos, tratamento e análise dos dados recolhidos e elaboração das respectivas conclusões.

3.6- População

Segundo Fortin (1999), uma população consiste numa coleção de elementos ou de sujeitos que partilham características comuns, definidas por um conjunto de critérios. De acordo com o mesmo autor, desde que o investigador delimite a população potencial para o estudo deve logo precisar os critérios de seleção dos seus elementos. A escolha da amostragem é direcionada por estes critérios, e alguns deles dizem respeito às características requeridas para que um elemento ou sujeito faça parte da amostra. Neste estudo os requisitos na recolha das entrevistas baseou-se na escolha de Professores de Educação Musical que atendessem a alunos com PC e NEE na Região Autónoma da Madeira. Entendemos que através de entrevistas a estes professores seria mais eficaz obter informações pertinentes para o desenvolvimento do estudo. Quanto à aplicação dos questionários, baseou-se na procura de uma população de professores que coincidissem com a população do estudo anterior «de que forma a música contribui para a inclusão de alunos com NEE» ou seja, professores do 1º ciclo da RAM escolhidos de uma forma não causal, por conveniência. Como foi utilizado o mesmo instrumento na recolha de dados de investigação, o questionário adaptado ao novo estudo, a amostra foi a mesma mas com maior significância, ou seja, num maior número para aumentar a validade do estudo. Os resultados serão analisados e confrontados com os do estudo anterior.

3.7- Dimensão e critérios de seleção de amostra

Segundo Fortin (1999), a eleição de uma amostra é sujeita a um mecanismo denominado de amostragem, ou seja, é procedimento no qual um grupo de indivíduos de uma população é selecionado com intuito de conseguir informações comparadas com um fenómeno, e de tal forma que toda a população avaliada pelo investigador seja representativa. As informações que se desejavam procurar neste estudo enquadravam-se no esclarecimento da forma como a música funciona na inclusão de alunos com PC e NEE. Como é utilizada, quem a utiliza e de que forma estes alunos reagem com a sua presença.

Os critérios de inclusão na seleção desta amostra foram essencialmente a procura de características que nos pudessem auxiliar no confronto com o estudo anterior “de que forma a música contribui para a inclusão de alunos com NEE”, ou seja, criar uma amostra constituída por professores do 1º ciclo escolhidos por conveniência que estivessem a lecionar na RAM. Os questionários foram entregues em várias escolas do 1º ciclo da RAM em formato de papel A4 e por correio eletrónico através do «Google Docs».

Os critérios de inclusão na seleção da amostra recolhida pelas entrevistas basearam-se especialmente nos Professores de Educação Musical da RAM que atendessem a alunos com PC e NEE. Foi estabelecido contato com a DREER e com a coordenação do Núcleo de Arte Inclusiva da RAM. Esta seleção foi feita por conveniência, uma vez que estes professores utilizam de uma forma especializada a música como instrumento de inclusão de alunos com PC e NEE.

Nem sempre se pode associar o número de inquiridos à representatividade da amostra, ou seja, não podemos relacionar o facto de obter um grande número de inquiridos, maior é a representatividade, depende das características dos indivíduos e do instrumento utilizado na recolha dos dados. Fortin (1999) refere que quando o propósito de estudo é explorar e descrever fenómenos, a dimensão da amostra deverá ser reduzida. Sendo que nos estudos exploratórios de natureza qualitativa ou quantitativa em que a finalidade é a descoberta de novos conhecimentos num domínio, pequenas amostras são suficientes para obter informação sobre o fenómeno em estudo.

Os professores de música que foram entrevistados, foram contactados através da coordenação do Núcleo de Arte Inclusiva da RAM porque é lá que se faz inclusão através da música a alunos com PC e NEE, achámos por isso conveniente procurar descrever o que estes profissionais têm para testemunhar através da sua experiência. Nas entrevistas foi utilizado um gravador de voz e um bloco de notas. Um gravador para ser possível registar a informação sem perder detalhes e o bloco de notas para apontar indicações pertinentes para a recolha de informação. Os locais escolhidos para as entrevistas foram escolhidos em conjunto com o entrevistado e o entrevistador pensando sempre no conforto, disponibilidade e tranquilidade de ambos os intervenientes.

3.8- Ética da pesquisa

Durante o estudo a ética e os seus procedimentos obrigatórios num trabalho de investigação foram sempre cumpridos. As identidades dos inquiridos e a dos próprios alunos cujo estudo se inclinava foram sempre protegidas. Existiu em todo o desenvolvimento do trabalho um cuidado na elaboração dos inquéritos e das entrevistas no sentido que apenas passasse para o estudo a informações profissionais pertinentes para o estudo. Todos os dados pessoais no que respeita à identidade foram mantidos no anonimato. Todas as regras de descrição e de direitos pessoais foram mantidas.

Foram elaborados pedidos de autorização à DREER e à Direcção Regional de Educação para a aplicação dos questionários e das entrevistas, encontram-se ambos apresentados em anexo. A informação foi recolhida diretamente através de uma reflexão em formato de respostas diretas às perguntas também diretas que se encontravam nos questionários e nas entrevistas. Foi inclusivamente estruturado um consentimento informado para salvaguardar a legalidade do estudo.

Capítulo 4

(Análise de dados)

A organização das entrevistas e dos questionários é fundamental para a compreensão e interpretação dos dados e dos próprios resultados. Segundo Fortin (1999), a recolha de dados não é mais que a colheita da informação de forma sistemática através do auxílio de instrumentos de medida.

Tudo o que se escreve ou tudo o que se diz é passível de ser sujeito a uma análise de conteúdo. Neste trabalho de investigação, os dados foram recolhidos através de um questionário e de uma entrevista, esses dados foram analisados para que assim possam mais facilmente ser interpretados. Fortin (1999) refere que a análise dos conteúdos deve ser adequada aos objetivos e ao próprio desenho de estudo.

Neste trabalho de investigação será feita uma análise descritiva e estatística da informação recolhida de forma a afirmar ou refutar as hipóteses levantadas nesta investigação. Relativamente ao resultado da informação obtida através do questionário, será confrontada com a revisão da literatura de forma descrita e comentada de questão em questão através de tabelas e dos gráficos mais representativos, os menos representativos ficaram em anexo. Os dados serão ainda confrontados com os resultados do trabalho cujo mesmo instrumento tinha sido já utilizado anteriormente: “de que forma a música contribui para a inclusão de alunos com NEE”.

O resultado das entrevistas será apresentado pela ordem das questões que foram colocadas aos entrevistados. Primeiro por uma tabela, para que assim mais facilmente se possam comparar as informações, posteriormente em confrontação com a revisão da literatura e com os próprios entrevistados textualmente. Assim, ao mesmo tempo que se procuram as respostas aos problemas do estudo, confrontam-se as ideias dos entrevistados.

4.1- Apresentação dos resultados

4.1.1- Análise dos questionários

A recolha dos dados deste trabalho de investigação incidiu sobre Professores do 1º ciclo da RAM através de um inquérito por questionário. Foram inquiridos 161 professores. Foram entregues 450 questionários, 250 por formato digital para o endereço eletrónico através do programa «Google docs» e 200 em formato de papel A4 em algumas escolas da RAM.

Como foram recolhidos 161 no total, dá uma percentagem de recuperação de 35 %. Dado que o questionário é composto por 21 questões, relacionando com o número de questionários aplicados significa que esta amostra é considerada representativa.

Após a recepção dos questionários distribuídos pelos vários docentes foi feita a análise dos instrumentos de avaliação, a apresentação dos resultados será apresentada através de alguns gráficos e de tabelas para favorecer a compreensão e interpretação. Apenas estão aqui descritos os gráficos mais representativos, os restantes encontram-se em anexo.

Tabela 1 – Disciplina que lecionam.

a) Características dos Docentes inquiridos:

Disciplina que leciona	Número de Professores
Ensino Recorrente	9
Apoios Educativos	7
1º Ciclo Regular	122
Educação Musical	6
Expressão Plástica	7
Educação Física	3
Ensino Especial	7

Todos os Professores inquiridos são do 1º ciclo, grande percentagem pertencem ao Ensino Regular, concretamente 73%, os restantes lecionam no 1º ciclo mas em áreas extracurriculares.

Tabela 2 – Tempo de serviço

Tempo de Serviço	Número de Professores
Menos de 5 anos	14
Entre 5 e 10 anos	76
Entre 10 e 15 anos	44
Entre 15 e 20 anos	15
Mais de 20 anos	12

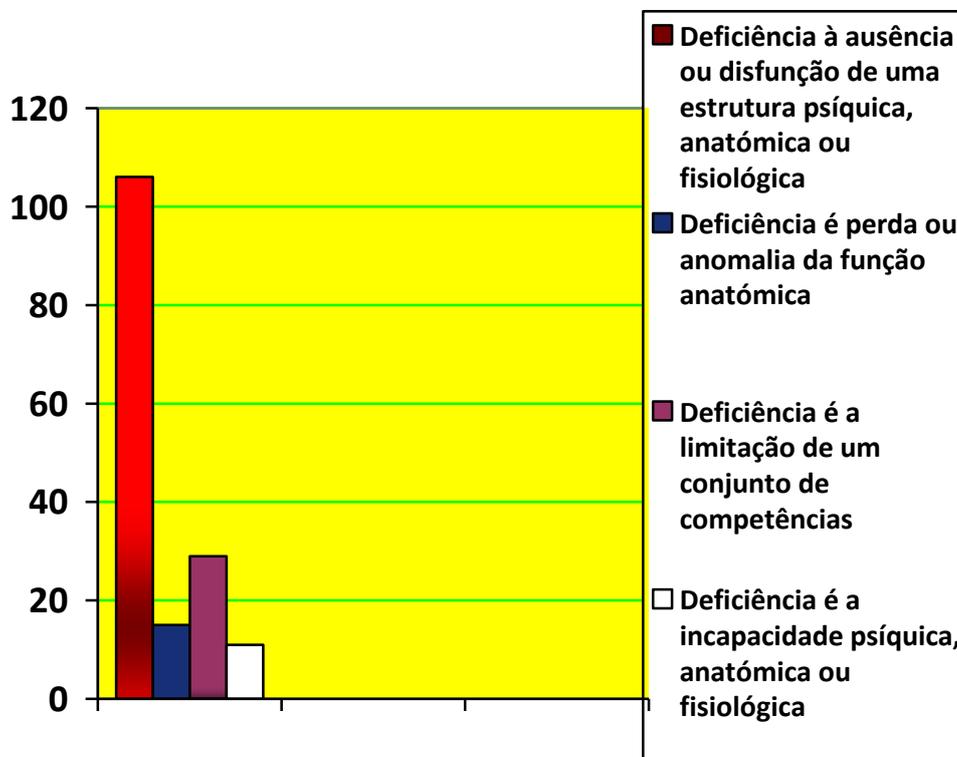
O tempo de serviço é, de certa forma, um dado representativo da experiência de um profissional. De qualquer forma, como referiu a entrevistada de Educação Musical nº2 a formação e a experiência têm um certo peso na competência dos docentes.

No curso de Formação Inicial, 88% dos Professores afirmam ter tido uma cadeira sobre NEE's. Como afirma o Entrevistado nº1, a formação específica é muito importante para o desempenho das atividades. Embora nem todos estes docentes tenham alunos com NEE's, é importante ter a noção que existem ainda alguns docentes que têm nas suas aulas alunos cuja sua formação não lhes deu nenhum preparo para lidar com esses casos. Dos docentes que afirmam ter tido uma cadeira nessa temática correspondem aos que têm menos tempo de serviço, podemos deduzir que os que se licenciaram mais tarde, tiveram mais informação sobre alunos com NEE's. “Necessidades Educativas Especiais”, “Introdução ao Ensino Especial” e “Necessidades Educativas Especiais e Dificuldades de Aprendizagem” foram as nomenclaturas para a disciplina que tiveram nos seus cursos de formação inicial.

11% Dos Professores inquiridos possui formação específica na área do Ensino Especial. A designação foi unânime: «Pós Graduação em Ensino Especial – Domínio Cognitivo e Motor».

b) Conhecimento de conceitos sobre Ensino Especial e experiência na área.

Gráfico 1 – Definição de inclusão

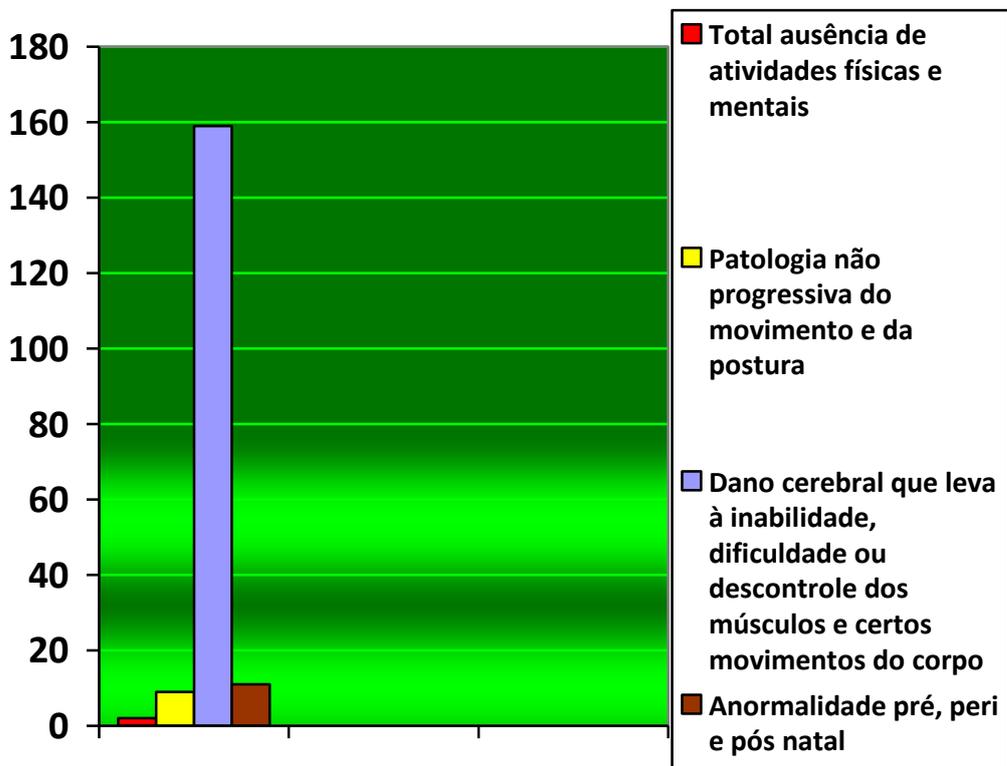


Relativamente ao conhecimento dos Professores inquiridos, é bastante visível pelo gráfico que a definição que estes acharam mais correta corresponde à primeira opção. A resposta nº 3 gerou algumas confusões, que embora não esteja errada, não corresponde à mais acertada.

76% Dos Professores inquiridos afirma já ter trabalhado com alunos com NEE's. As patologias com as quais já conviveram nas suas aulas originaram respostas muito variadas. Alguns afirmam não se recordar muito bem, apenas um diz ter trabalhado com um aluno com Síndrome de Roth. Paralisia Cerebral, Trissomia 21, Autismo, síndrome de Down, síndrome surdez, dislexia e hiperatividade foram as respostas que obtiveram maior frequência.

No que diz respeito ao relacionamento dos alunos com NEE'S em relação aos outros alunos, é importante referir que nenhum dos inquiridos respondeu que o é muito mau. Foi a resposta mais equilibrada de todas, 86 responderam que o relacionamento é bom, 7 muito bom, 65 razoável e 3 responderam que o relacionamento é mau.

Gráfico 2 – Definição de Paralisia Cerebral



Das definições apresentadas sobre Paralisia Cerebral, destaca-se no gráfico a 3ª resposta. 88% dos inquiridos preferiram a resposta nº3 como aquela que mais se enquadra com a definição mais correta. A que menos foi escolhida foi a 1ª opção.

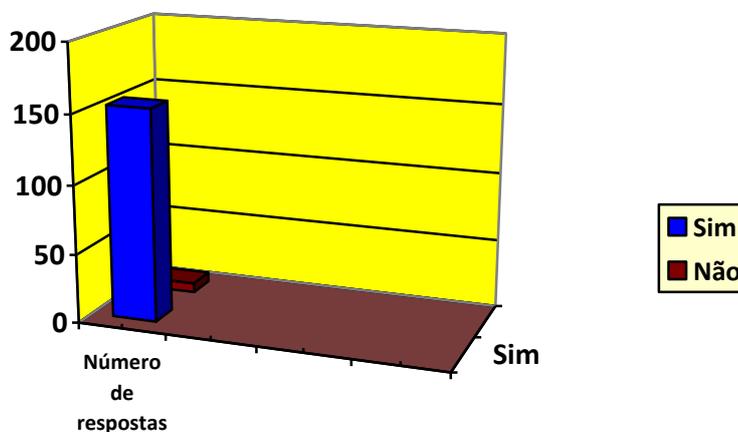
“A inclusão é um processo que respeita as diferenças nas crianças promovendo-as socialmente ao mesmo tempo que lhes proporciona aprendizagem”. Foi esta a opção que obteve maior escolha por parte dos professores. 87% da amostra escolheu esta opção.

Grande maioria dos inquiridos acha que a inclusão deve ser feita em alunos com PC pelo motivo de que estes têm esse direito. “Direito à igualdade de oportunidades” e “Direito à Educação” foram as respostas mais frequentes no questionário relativamente a esta questão. Outros referiram-se ao nível da melhoria individual desses alunos: “Melhoria das competências”, “Melhoria da aprendizagem”. Outros frisaram a questão moral desse direito: “Fazê-los sentir integrados com os outros”, “Favorecer a sociabilização”. A nível social outros responderam que: “Adaptá-los às circunstâncias da sociedade” e “favorecer a sociabilização”, “impedir a exclusão e discriminação”. Apesar de esta questão não perguntar diretamente se os inquiridos concordam ou não com a inclusão, alguns mostraram-se

discordantes com a prática desta neste tipo de alunos, justificando que a inclusão simplesmente não resulta. Outros mostraram apenas um ponto de vista mais crítico não discordando completamente, não concordam com a inclusão mas apenas em determinados moldes, *“há alunos que não obtêm grande benefício com o processo da inclusão, tanto os que estão a ser inseridos como os que inserem os outros.”*

Gráfico 3 – Inclusão de alunos com PC através da música.

c) **Inclusão e música em alunos com Paralisia Cerebral:**



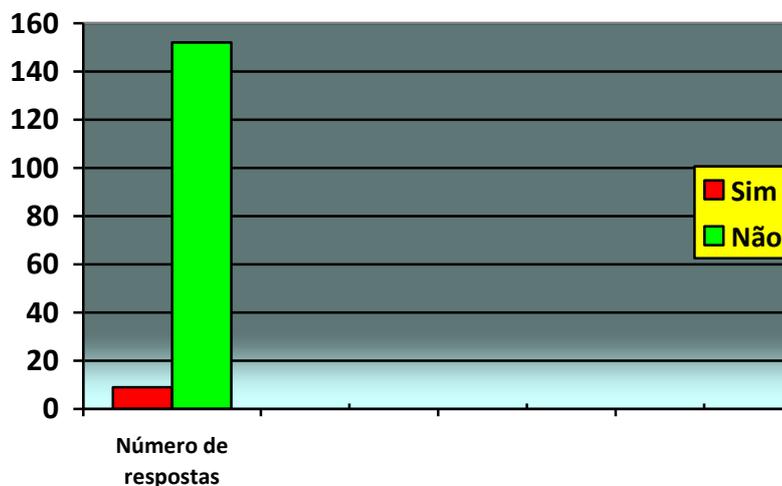
Este gráfico representa a quantidade de pessoas que beneficiaram da música no processo ensino/aprendizagem de alunos com Paralisia Cerebral, 154 responderam que sim. As justificações variaram um pouco, desde o desenvolvimento, em geral, do aluno até ao estado de espírito que provoca, foram várias as respostas. Da grande diversidade de respostas muitas enquadraram-se no que a música pode melhorar para que o aluno aprenda melhor, “A música é uma disciplina motivadora”, melhora a concentração”, estimula os sentidos”, “desperta emoções”, além disso provoca alterações físicas emocionais: “melhora a comunicação”, “ajuda no controlo muscular” e “tem um efeito relaxante”.

Tabela 3 – Contributo da música no aluno com PC

	Desenvolvimento Cognitivo	Desenvolvimento Motor	Sociabilização
Nada	0	0	0
Muito pouco	0	0	0
Pouco	5	0	1
Alguma coisa	37	12	16
Muito	125	149	144

77% Dos inquiridos afirma que a música contribui para o desenvolvimento cognitivo de um aluno com Paralisia Cerebral. São ainda em maior número, aqueles que acham que a música desenvolve os alunos com PC a nível motor, concretamente 149 dos 161 inquiridos. A nível da sociabilização, também não restaram dúvidas, a música contribui e muito.

Gráfico – 4 – Importância da Educação Musical em relação aos outros conteúdos programáticos.



O gráfico representa a quantidade de inquiridos que discordaram da afirmação: A música tem menos importância que as outras áreas, como a Matemática. Uns espantosos 94% dos professores afirmam que a música não é menos importante que as outras áreas. Quanto à justificação dessa premissa, os inquiridos responderam de várias maneiras. As respostas obtidas mais vezes foram a de que a música é uma linguagem universal e que é multidisciplinar. Também responderam dizendo que a música tem um “grande valor educacional”. Outros disseram que desenvolve várias competências, tais como: motoras, sociais e intelectuais. Alguns referem ainda que todas as áreas são importantes no desenvolvimento dos alunos incluindo também a música.

Em referência à última questão “utiliza com que frequência a música nas suas aulas”, os professores mostraram-se um pouco divididos. 60% Utiliza a música com alguma frequência, 15% utiliza muitas vezes, 19% utiliza pouco, 4% muito pouco e apenas 2% dizem não utilizar música nas suas aulas.

Nas questões número 7 «Como é o relacionamento do(s) alunos com NEE’S em relação ao resto do grupo», 11 «Na sua opinião a música contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno com PC», 11.1 «A música tem um papel importante no desenvolvimento de capacidades motoras» e 11.2 «A nível da sociabilização dos alunos com PC, a música contribui» houve opções que nunca fora selecionadas. Concretamente a opção «Muito Mau» da pergunta 7, e as opções «Nada» e «Muito Pouco» da questão 11, «Nada», «Muito Pouco» e «Pouco» da pergunta 11.1 e «Nada» e «Muito Pouco» da questão 11.2.

A resposta que teve mais adeptos foi a resposta sim da questão número 9. Os inquiridos afirmam que a música contribui de forma positiva para o processo ensino/aprendizagem de alunos com PC.

A opção que obteve resposta mas que teve menos apoiantes verificou-se na questão 11.2, apenas uma pessoa respondeu «Pouca Coisa» quando foi perguntado se a nível de sociabilização dos alunos com PC a música contribui.

4.1.2- Análise das entrevistas

(Quivy, R. Campenhoudt, L. 1998) refere que a investigação qualitativa tem como objetivo o entendimento do significado ou da tradução dada pelos próprios sujeitos inquiridos, com frequência e de modo implícito, aos acontecimentos que lhes dizem respeito e aos comportamentos que exteriorizam. Através da entrevista consegue-se perceber mais corretamente o conhecimento dos professores sobre a inclusão de alunos com estes problemas através do uso da música. Assim, de uma forma qualitativa e descritiva conseguiremos ver os pontos de vista, as opiniões e as alternativas que gostariam de verificar neste contexto.

Dos Professores de Educação Musical do Núcleo de Inclusão pela Arte da RAM, foram entrevistados 4. A mesma entrevista foi também aplicada a um Director Artístico de um grupo de inclusão pela arte com reconhecimento internacional que é mestre em performance artística/dança, o que faz aumentar o número de entrevistas para 5. O método utilizado para a seleção da amostra foi o método de amostragem não causal, por conveniência.

Segundo (Quivy, R. Campenhoudt, L. (1998), só a partir do momento em que analisamos o material já recolhido é que podemos falar em dados da investigação. Os dados de investigação só serão considerados como tal depois de serem tratados, depois de organizadas todas as transcrições, gravações ou anotações. Neste trabalho de investigação, as entrevistas foram gravadas e anotadas, posteriormente foram descritas de questão em questão pelos 5 entrevistados de forma a se poderem comparar facilmente as respostas.

Para proteger a identidade dos entrevistados, os nomes apresentados serão fictícios.

Tabela nº 4 - Dados sobre a formação académica e experiência profissional.

	João (entrevistado 1)	Vânia (entrevistado 2)	Márcio (entrevistado 3)	Sérgio (entrevistado 4)	Raul (entrevistado 5)
Curso / Ano de início e conclusão	Licenciatura em Professor de 1.º Ciclo Variante Educação e Expressão Musical. 2000/2004 Mestrado em Educação Musical em Londres.	Licenciatura em Educadores de Infância. 1999/2003	Licenciatura em Professor de 1.º Ciclo Variante Educação e Expressão Musical.	Licenciatura em Professor de 1.º Ciclo Variante Educação e Expressão Musical.	Licenciatura em Educação Física e Desportos. 1990/1995 Mestre em Performance Artística/Dança
Universidade	-Escola Superior de Educação de Setúbal .	-Universidade da Madeira.	Instituto Politécnico de Bragança.		Faculdades Integradas de Guarulhos – São Paulo – Brasil.

<p>Atividade no momento</p>	<p>Professor de Educação Musical no núcleo de arte inclusiva.</p> <p>Director Artístico da Orquestra da DREER</p>	<p>Professora de Educação Musical no núcleo de arte inclusiva.</p> <p>Elemento de um grupo de arte inclusiva há 10 anos.</p>	<p>Professor de Educação Musical no núcleo de arte inclusiva.</p>	<p>Professor de Educação Musical no núcleo de arte inclusiva.</p>	<p>Director Artístico de um grupo de arte inclusiva.</p>
<p>Tempo de serviço</p>	<p>6 anos.</p>	<p>7 anos.</p>	<p>6 anos.</p>	<p>5 anos</p>	<p>20 anos.</p>
<p>Dificuldades encontradas ao</p>	<p>A forma como a música está a ser encarada no</p>	<p>Dificuldades em conseguir chegar a</p>	<p>Entender determinados</p>	<p>Conseguir apropriar as atividades aos alunos</p>	<p>Proporcionar autonomia enquanto o</p>

longo da carreira com alunos com PC ou NEE.	Ensino Especial atualmente.	todos os alunos da mesma forma. Refere a heterogeneidade dos alunos como uma das maiores dificuldades enquanto professora.	comportamentos dos alunos do Ensino Especial.	com mais dificuldades.	resto do grupo social envolvente não colabora.
Facilidades encontradas ao longo da carreira com alunos com PC ou NEE.	Confessa que os alunos com deficiência são extremamente acessíveis, define-os como fascinantes. Diz que é muito gratificante trabalhar com estes alunos.	Realça a empatia, a receptividade, o empenho que se mostra maior por parte dos alunos com deficiência.	A forma como os alunos interagem, entre colegas e com o professor.	A alegria que os alunos demonstram quando sentem o carinho dos outros.	Facilidade dos alunos da Educação Especial na participação das atividades.
Formação em relação à	O professor refere que a formação específica é	A professora diz que a formação vale o que	O professor confessa que a formação é	É muito importante haver formação	Não.

ocupação atual	muito importante.	vale, salienta a experiência e a dinâmica para o sucesso de um bom profissional.	muito importante e que se deveria apostar na musicoterapia.	específica, ela proporciona mais alternativas ao profissional.	
Disciplina de Ensino Especial no Curso inicial	Necessidades Educativas Especiais.	Necessidades Educativas Especiais.	Necessidades Educativas Especiais.	Necessidades Educativas Especiais.	Educação Física Adaptada.
Formação Específica na Área do Ensino Especial	Não possui nenhuma especialização na área mas demonstra interesse em fazê-lo.	Frequentou formações na área mas não possui nenhuma especialização.	Não possui nenhuma especialização na área.	Não possui nenhuma especialização.	Especialização em Consciencialização Corporal, Investigação sobre a influência da dança no resgate da sexualidade de pessoas com lesão medular traumática.

Sobre a tabela N°4 notam-se diferenças quanto às raízes de formação. É certo que todos eles têm pelo menos uma licenciatura mas nem todos foram formados para a atividade que estão neste momento a desenvolver. Tirando o entrevistado n° 5, todos eles se encontram a lecionar educação musical no 1º ciclo no Núcleo de Inclusão pela Arte da DREER da RAM. A entrevistada n°2 não tem formação em Educação musical mas, como até faz parte de um grupo de inclusão há 10 anos diz gostar muito do que faz e sente que tem bons resultados. Entende que a formação vale o que vale, querendo prevalecer que a dinâmica e a experiência fazem dela uma melhor profissional. Vânia Entrevistada n° 2, refere: *“o saber não ocupa lugar, por isso estou a procurar mais formação mas, os alunos precisam de professores dinâmicos que trabalhem a pedagogia de situação”*. O entrevistado n° 1 é mestre em Educação Musical, e o entrevistado n° 5 é mestre em Performance artística/dança.

Para o entrevistado n° 1, o João, uma das maiores dificuldades é aceitar que em algumas situações a música deixou de ter uma perspetiva Educativa, passando apenas a ser vista por ser uma forma terapêutica. Ele refere que o que aprendeu no curso foi ensinar a música e não reabilitar, embora se sinta feliz em fazê-lo. A Vânia, entrevistada n° 2, confessa que não é fácil trabalhar com estes casos, *“é complicado adaptar as atividades a todos de uma forma que os motive por igual” “cada um tem a sua dificuldade” “com os alunos com mais dificuldades trabalho mais os instrumentos de percussão, os que têm mais capacidades já consegui com que tocassem varias músicas na flauta de bisel”*. O professor Márcio, entrevistado n° 3, confessa que não é fácil compreender o que estes alunos sentem, *“não é fácil para mim compreender os seus comportamentos”*. O entrevistado n° 4, o Sérgio diz que muitas vezes não é fácil encontrar atividades que motivem todos os alunos, *“não é fácil motivar todos os alunos com a mesma atividade, por vezes tenho de improvisa para sentir que não prejudico ninguém”*. O entrevistado n° 5, o Raul, acha que a maior dificuldade é trabalhar para a autonomia dos alunos quando a sociedade ainda não coopera, *“a maior dificuldade é tentar proporcionar-lhes o máximo de autonomia possível quando todos as demais pessoas que compõem a sua rede social, estando conseqüentemente envolvidas no seu processo de educação global não colaboram no mesmo sentido.”*

A nível das facilidades/pontos positivos encontradas pelos professores é de salientar o que o entrevistado n° 1 relata que é muito gratificante trabalhar com pessoas com deficiência, *“são pessoas muito acessíveis”*. Já a entrevistada n° 2 diz *“depois da*

envolvência, depois de os conquistar é muito mais fácil controlar a motivação” “trabalho jogos onde fomento o comportamento e a disciplina”. O entrevistado nº 3 refere a potencialidade da interação destes alunos. O Márcio afirma que: *“Penso que a interação com os alunos é um ponto muito importante a explorar, tento-o fazer constantemente porque além de ser gratificante sei que é muito importante para eles e para mim”*. O entrevistado nº 4 salienta a alegria quando os alunos se sentem atendidos: *“é muito gratificante para mim observar um sorriso nestes alunos quando sentem que lhes damos incentivo.”* O entrevistado nº 5 salienta a disponibilidade que estes alunos têm na participação das suas atividades.

Relativamente à formação específica na Educação Especial, entrevistado nº1 salienta que é muito importante ter formação específica. Confessa que o seu estágio profissional o marcou quando lidou com cegos, gostaria de um dia se especializar em musicoterapia: *“seria uma grande mais-valia”*. A entrevistada nº2 refere que: *“trabalho com um grupo de arte inclusiva há 10 anos, tenho tido formação através do grupo de arte inclusiva onde estou também inserida e é daí que tenho vindo a ganhar alguma da dinâmica que consegui adquirir”*. O entrevistado nº3 não hesita em dizer que a formação é determinante, ele chega a dizer que a formação que os professores têm não chega a ser suficiente para lidar com estes casos. Refere ainda: *“Deveria ser inserido nos cursos de Educação Musical disciplinas com componentes sobre a Educação especial (Psicologia, sociologia, NEE mais intensiva, Musicoterapia) ”*. O entrevistado nº 4 também não tem dúvidas em referir que a formação é preponderante no desempenho do professor, *“todo o profissional melhora o seu desempenho quando tem uma formação especializada.”* O entrevistado nº 5 responde que não tem formação específica na área da Educação Especial, logo diz não ter formação suficiente embora na sua especialização tenha feito investigações na área da consciencialização corporal que lhe permitiram obter um maior conhecimento sobre as questões da deficiência.

	João (entrevistado 1)	Vânia (entrevistado 2)	Márcio (entrevistado 3)	Sérgio (entrevistado 4)	Raul (entrevistado 5)
Definição de inclusão	Um trabalho com os alunos com NEE'S com o objetivo de os fazer sentir integrados e não marginalizados.	Criar laços com os alunos, criar valores, empatia e envolvimento.	É um processo que visa integrar alunos com algum tipo de dificuldade.	Criar as mesmas oportunidades a todos os alunos pertencentes a uma sociedade.	Preparação das pessoas com deficiência para assumir os seus papéis sociais, sempre com competência e assertividade.
Definição de deficiência	Dificuldade física/mental que causa prejuízo.	É uma pessoa normal que tem uma limitação.	Dificuldade/ausência de determinada parte corporal, psíquica ou fisiológica.	Limitação física ou motora que afeta o desempenho de determinadas tarefas.	Ausência ou a disfunção em estruturas psíquicas, fisiológicas, anatómicas e/ou

					sensoriais.
Definição de Paralisia Cerebral	Falha de movimento dos membros devido a congelamento no cérebro.	Pessoa que tem dificuldade no controlo dos movimentos.	Malformação ou inconstância dos problemas motores corporais.	É a falta de oxigenação no cérebro que desencadeia limites motores ou até mentais.	Pode ocorrer nos períodos pré, peri ou pós-natal, o sistema nervoso central sofre uma lesão que vai acarretar, na maioria das vezes, disfunções sensoriomotoras.

Tabela Nº 5 – Nível de conhecimento dos entrevistados – Conceitos

A nível dos conhecimentos sobre os conceitos referidos os professores responderam o seguinte:

”O entrevistado nº2 perspetiva a inclusão como *“uma forma de não marginalizar as pessoas, quer a nível social quer a nível laboral”*, critica a sociedade dizendo que existem ainda muitas barreiras arquitectónicas e sobretudo a nível de raciocínio que impedem ainda a inclusão de pessoas com deficiência. *“Existe uma grande ignorância ainda nas pessoas ao lidar com estas pessoas”*. O professor confessa que gosta de ver os seus alunos bem, *“para fazer os alunos da orquestra juvenil incluídos faço-os tocar a música que eles mais gostam de ouvir”* O entrevistado nº1 refere-se à inclusão como: *“a inclusão para mim é envolver e criar empatia com as pessoas”* *“para fazer sentir um aluno incluído é importante aceitar a deficiência, respeitá-lo e não o deixar de parte”* *“aproveitar as potencialidades de cada um mesmo que seja de forma adaptada”* *“o mais importante para mim é ver o sorriso na cara deles”*. O entrevistado nº 3 salienta a importância que deve haver na preparação dos alunos a serem integrados e de todos os elementos que fazem parte desse processo. É importante incluir mas saber incluir bem, ele declara o seguinte: *“O aluno deve ser apresentado à turma e comunidade Escola onde vai ser inserido. Deve-se promover um esclarecimento com a turma sobre a dificuldade do aluno, porque a partir daí toda a turma estará ciente da diferença do colega e mais consciente em o poder ajudar e com a normalidade do dia-a-dia fazê-lo sentir mais um menino e não «o menino».”* O entrevistado nº 4 salienta a igualdade de oportunidades, não só a nível da aprendizagem mas também a nível social, *“a inclusão é criar as mesmas oportunidades a todos alunos sem os discriminar, tanto a nível social como a nível escolar”* O entrevistado nº 5 relaciona o termo inclusão em dois sentidos: *“Num deles devemos preparar as pessoas com deficiência para assumir os seus papéis sociais, sempre com competência e assertividade. No outro sentido devemos dar condições para que a sociedade as receba, aceitando as suas diferenças, sem preconceitos ou condescendências.”* Acaba dizendo que mesmo assim o mais importante é que se deve preparar o aluno a fazer aquilo que mais gosta aceitando sempre as suas próprias condições.

O entrevistado nº1 define deficiência como uma dificuldade física/mental de certas pessoas que precisam de ferramentas de apoio para aprender a ultrapassar as dificuldades. A Vânia, a entrevistada nº 2 diz: *“deficiência é quando alguém tem*

alguma limitação, mas no entanto, tenho vindo a descobrir que as pessoas com deficiência são pessoas normalíssimas". O entrevistado, nº 3, o Márcio, mostrou-se bastante seguro em definir deficiência: *"A deficiência é a dificuldade ou ausência de determinada parte corporal, psíquica ou fisiológica."* Sem fugir muito a esta definição, o entrevistado nº 2 define deficiência como. *"Uma dificuldade física ou mental de alguém que precisa de apoio para ultrapassar um prejuízo"*. O entrevistado nº 4 define deficiência como uma limitação que implica diferenças no desempenho de atividades, *"deficiência são limitações motoras ou mentais que limitam o desempenho de determinadas atividades"*. O entrevistado nº 5, respondeu de uma forma bastante argumentada, refere: *"Ausência ou a disfunção em estruturas psíquicas, fisiológicas, anatómicas e/ou sensoriais, sendo que esta ausência ou disfunção é algo permanente e que leva os indivíduos que as detêm a serem incapazes ou terem dificuldades para a realização de diferentes tarefas tendo, por isso, alguma desvantagem social quando comparados às pessoas que não têm qualquer tipo de deficiência."*

O entrevistado nº1 define paralisia cerebral como *" ter o cérebro congelado que o impede de certos movimentos, sabendo nós que o cérebro é a base do movimento"*. A Vânia refere-se à Paralisia Cerebral como uma paragem, *"Paralisia cerebral é uma paragem ou limitação motora e mental"*. O Márcio associou a patologia à malformação de problemas motores. O entrevistado nº 4 associa a patologia à falta de oxigenação do cérebro que afeta por isso o controle de determinados movimentos, podendo também afetar determinadas competências mentais. O entrevistado nº 5 mais uma vez, de forma bem argumentada refere-se à patologia salientando as causas e os sinais desta: *" Pode ocorrer nos períodos pré, peri ou pós-natal e também denomina-se encefalopatia crónica não progressiva da infância. Numa das fases anteriormente mencionadas o sistema nervoso central sofre uma lesão que vai acarretar, na maioria das vezes, disfunções sensoriomotoras."*

	João (entrevistado 1)	Vânia (entrevistado 2)	Márcio (entrevistado 3)	Sérgio (entrevistado 4)	Raul (entrevistado 5)
Importância da Educação Musical em Relação às outras Áreas	A Educação Musical desenvolve um conjunto de competências.	A Educação Musical tem uma grande importância na multidisciplinaridade.	A experiência/estudo de Educação Musical é essencial para um crescimento pessoal e cognitivo tão útil e importante quanto as outras disciplinas.	A Educação Musical tem tanta importância como as outras Disciplinas no desenvolvimento geral dos alunos.	O ensino artístico é tão importante quanto qualquer área académica, independentemente de estarmos a falar de alunos com ou sem necessidades educativas especiais.
Música como meio de inclusão de alunos com PC/NEE'S	Além de os ajudar na integração, enriquece-os em termos gerais.	Ninguém fica indiferente à música, ela transmite emoções e aproxima	As atividades conjuntas desenvolvidas por todos os alunos da	A música é uma das disciplinas que motiva mais os alunos, favorece o	A música pode ser um meio de inclusão para alunos com paralisia cerebral

		as pessoas.	turma favorecem a estimulação sensorial e a interação com os outros.	convívio entre todos os alunos.	porque tenho a certeza que esta forma de expressão artística pode acompanhar estes alunos em diferentes fases do seu processo educativo.
Música como fator de desenvolvimento cognitivo e motor do aluno com PC/NEE'S	É um fator que favorece claramente o desenvolvimento do aluno de forma motivadora.	A música favorece o desenvolvimento do raciocínio e da expressão corporal.	A estimulação sensorial ajuda o aluno a alcançar melhores resultados.	A música favorece o desenvolvimento dos alunos através da estimulação.	É uma disciplina onde podem ser trabalhados diferentes objetivos como a concentração, a coordenação motora, o ritmo, a acuidade auditiva, o raciocínio lógico, entre outros.
Contributo da música para a	A música não só favorece a	Os alunos expressam-se muito melhor	A estimulação origina uma maior	A música contribui para o relaxamento	Música pode ajudar a expressar sentimentos

<p>comunicação do aluno com PC/NEE'S</p>	<p>comunicação como melhora-a de forma significativa.</p>	<p>quando estão em contato com a música.</p>	<p>comunicação com o meio ambiente.</p>	<p>muscular do aluno, daí que contribui para o melhor desempenho motor e comunicativo.</p>	<p>e emoções de forma não verbal. No âmbito da comunicação oral, também pode ser um meio para motivar os alunos com paralisia cerebral</p>
<p>Estimulação rítmica como contributo para a integração Social/Escolar dos alunos com PC</p>	<p>A estimulação rítmica da música tem um efeito multiplicador, origina comportamentos. Pode ajudar na tarefa de comer por exemplo.</p>	<p>A música pode ajudar na competência de tarefas como o vestir por exemplo.</p>	<p>A estimulação consegue proporcionar determinados movimentos dos seus colegas, fazendo-o sentir-se igual aos colegas</p>	<p>A música aproxima os alunos uns dos outros. Melhora as relações afetivas entre todos e facilita a integração.</p>	<p>Pode contribuir se o aluno desenvolver com os demais uma atividade.</p>
<p>A música facilita o controlo muscular,</p>	<p>O efeito multiplicador permite</p>	<p>O aluno, através da música sente-se mais</p>	<p>A Música relaxa o aluno, isso permite</p>	<p>O relaxamento muscular</p>	<p>Pode facilitar e se este for o caso</p>

<p>o que faz com que o aluno com PC fique mais confiante.</p>	<p>que venha a ter cada vez mais sucesso nos seus movimentos, logo fica mais confiante.</p>	<p>solto para realizar as suas tarefas. Sente algum entusiasmo com o ritmo que lhe transmite.</p>	<p>que os seus movimentos sejam mais confiantes.</p>	<p>proporcionado pelos efeitos musicais torna o aluno com PC mais confiante para melhorar a sua autonomia.</p>	<p>também poderá haver ganhos na auto-imagem deste indivíduo, aspeto este que pode contribuir com a sua autoestima.</p>
--	---	---	--	--	---

Tabela Nº 6 - Educação Musical e os alunos com PC/NEE'S

Para o João, a Educação Musical desenvolve um conjunto de competência e valores que complementam o ser humano, *“o domínio da própria música que a considero como uma linguagem universal, além disso a atividade musical permite desenvolver competências ao nível da disciplina”*. O entrevistado nº 2 refere: *“a Educação Musical é muito importante no desenvolvimento dos alunos, a música permite ao ser humano tornar-se harmoniosamente global”* diz ainda que *“todas as disciplinas deveriam agir por uma multidisciplinaridade”* *“a música pode trabalhar conteúdos da Matemática e do Português”* *“a música permite aprender utilizando o corpo, para mim é muito importante aprender através do corpo”*. O Entrevistado nº2 define Educação Musical como uma forma de trabalhar competências musicais e humanas através de atividades planeadas. O Márcio, que é o entrevistado nº 3 não concorda com a premissa de que a Educação Musical é menos importante que as outras áreas, ele recusa aceitar que a música deva ser vista em segundo plano, quer a nível da educação, quer a nível social, *“A Educação Musical pode ser um veículo muito importante para chegar ao mais íntimo dos alunos”*. O entrevistado nº 4 diz que a Educação Musical é tão importante como as outras disciplinas, esta permite que o aluno desenvolva conhecimento e competências de uma forma bastante motivante: *“a Educação Musical é das disciplinas em que eles se sentem mais motivados.”* O entrevistado nº 5 considera o ensino da música tão importante como as outras áreas com a benesse de poder ser desenvolvida com qualquer tipo de aluno: *“considero o ensino artístico tão importante quanto qualquer área académica, independentemente de estarmos a falar de alunos com ou sem necessidades educativas especiais.”* Segundo Brécia (2003) a música ajuda na aprendizagem, na sociabilização e no conhecimento do que nos rodeia.

O entrevistado nº1 acha que a música é um meio de inclusão com sucesso porque esta permite ao aluno passar informação através dela. A Vânia refere que: *“a música é uma forma de expressão e comunicação, é uma linguagem que transmite emoções. Permite desenvolver aptidões, a música é uma das áreas mais completas. Toda a gente é conquistada pela música, ela já nasce connosco.”*. A entrevistada nº 2 diz ainda que a música transforma o comportamento dos alunos e por isso põe toda a gente que a ouve em igualdade, logo sentem-se todos incluídos. O entrevistado nº 3 diz que a música é um excelente instrumento de inclusão de alunos com PC, ele refere que a música desenvolve várias competências: *“A estimulação sensorial e as atividades*

corporais conjuntas com a turma ajuda na interação e consolidação de afectos com todos os intervenientes, logo, ajuda a incluir o aluno. O entrevistado nº 4 patenteia o facto de a música ser bastante motivante para todos os alunos e de ser favorável ao convívio. O entrevistado nº 5 esclarece que concorda com a música como meio inclusivo de alunos com PC não só na fase educativa como também em fases futuras das suas vidas: *“Acho que a música pode ser um meio de inclusão para alunos com paralisia cerebral porque tenho a certeza que esta forma de expressão artística pode acompanhar estes alunos em diferentes fases do seu processo educativo. Desde a sua formação inicial até a sua profissionalização.”*

Relativamente ao desenvolvimento cognitivo e motor e começando pelo entrevistado nº 3, ele salienta os benefícios que a música provoca no desenvolvimento humano, ele concorda com o desenvolvimento cognitivo e motor nos alunos com PC através da utilização da música, ele diz o seguinte: *“A música contribui para o desenvolvimento cognitivo e motor dos alunos com PC. A estimulação sensorial, psíquica e funcional através da música ajuda o aluno a alcançar melhores resultados. Alcança mais facilmente determinados pormenores cognitivos.”* O entrevistado nº 1 diz que a música melhora o desenvolvimento cognitivo e motor, as atividades que tem desenvolvido têm comprovado o mesmo facto, salienta o efeito multiplicador que a música provoca nos alunos e que isso os ajuda no desenvolvimento. A Entrevistada nº 2 refere a importância da música no desenvolvimento dos alunos com PC num todo, ela acha que a música ajuda o aluno a conhecer-se melhor por dentro e por fora. O entrevistado nº 4 acha que a estimulação musical é sem dúvida muito importante no desenvolvimento cognitivo e motor destes alunos: *“a música mexe com eles e motiva-os para a aprendizagem”*. O entrevistado nº 5 faz referência aos processos envolventes das atividades musicais e o que daí poderá advir: *“A concentração, a coordenação motora, o ritmo, a acuidade auditiva, o raciocínio lógico, entre outros. Tais objetivos, entre tantos outros, podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo e motor de qualquer aluno, incluindo-se os alunos com paralisia cerebral”*.

Não houve grandes dúvidas por parte dos entrevistados quando lhes foi perguntado se a música contribui para a comunicação dos alunos com PC. O entrevistado nº 3 salienta que além de se conseguir perceber mais do que se passa no íntimo dos alunos, a estimulação musical também origina uma maior comunicação com

o meio envolvente. O entrevistado nº 1 diz que a música melhora claramente a comunicação de alunos com PC e outras deficiências, tem um efeito multiplicador porque estimula o movimento. A entrevistada nº 2 encara a música como um bem essencial para estes alunos: *“a música faz bem a tudo! A música permite desenvolver o controlo dos movimentos destes alunos”*. O entrevistado nº 4 salienta o papel do relaxamento muscular da música nos alunos com PC: *“a música permite que estes alunos se sintam mais relaxados, o que favorece na sua comunicação”*. O entrevistado nº 5 refere a importância da música na transmissão de emoções, *“a música pode ajudar a expressar sentimentos e emoções de forma não verbal”*, salienta ainda o contributo positivo na comunicação verbal deste tipo de deficiência.

O João diz que a coordenação rítmica estimula todos os sentidos, a Vânia acha que a música pode ajudar no desempenho de determinadas tarefas: *“a coordenação rítmica ajuda a coordenação do corpo, logo faz todo o sentido trabalhar a música para desenvolver competências. Atividades como vestir, podem ser treinadas com a música”*. O Márcio acha que a estimulação rítmica contribui para a integração social/escolar do aluno com PC: *“Através desta estimulação consegue acompanhar determinados movimentos dos seus colegas, fazendo-o sentir-se igual aos colegas.”* O Sérgio confessa que a música aproxima os alunos uns dos outros: *“melhora as relações afetivas entre todos e facilita a integração.”* O Raul realça o fato das atividades por si já serem benéficas à integração uma vez que são feitas em grupo.

Todos os entrevistados confessam que a música aumenta a confiança do aluno com PC. Facilita o controlo muscular e isso faz com que eles se sintam mais integrados. O aumento da autonomia e da autoestima do aluno foram evidenciados por todos os professores. O entrevistado nº 3 vai ainda mais longe, ele confessa que a música tem um poder relaxante: *“Sim, facilita. A música vai relaxá-lo e através desse relaxamento e movimentos mais suaves ele irá conseguir mover determinadas partes dos seus músculos consoante a sua vontade. Logo sentir-se-á mais confiante com o seu desempenho.”*

	João (entrevistado 1)	Vânia (entrevistado 2)	Márcio (entrevistado 3)	Sérgio (entrevistado 4)	Raul (entrevistado 5)
Que atividades são utilizadas nas aulas com estes alunos.	Manuseamento dos instrumentos musicais.	Expressão dramática, dança e manuseamento de instrumentos de percussão e flauta de bisel.	Relaxamentos, movimentos com níveis de coordenação, estimulação rítmica, sensorial, acompanhamentos musicais através de instrumentos musicais.	Atividades de Educação Musical, manuseamento de instrumentos musicais essencialmente.	Eu não realizo. Quando necessitamos de trabalhos específicos neste âmbito convidamos profissionais qualificados para tal. Já tivemos aulas de canto, percussão e percussão corporal.
Avaliações	Avalio com a própria prática dos	Avalio quantitativamente	A avaliação é importante para fazer	Avaliar faz parte do processo para se	Avaliar aquilo que fazemos é de vital

	instrumentos, a sua evolução e performance.	para ver como estão a evoluir.	um balanço dos processos que se vão desenvolvendo, funciona como feedback.	saber o caminho que estamos a levar.	importância para mudarmos a rota, quando sentimos esta necessidade
Número de alunos com PC	Um aluno.	Cinco alunos.	Um aluno.	Um aluno.	Um aluno.

Tabela Nº 6 – Prática Docente

A nível das atividades desenvolvidas pelos professores nas suas aulas, os entrevistados mostram-se um pouco mais abrangentes. O entrevistado nº 1 salienta a importância do treino musical, *“eles têm de ensaiar para tocarem cada vez melhor e para se conhecerem cada vez mais”*. A entrevistada nº 2 acrescenta nas suas atividades além da música a dança e a expressão dramática uma vez que são atividades que estão envolvidas. A Vânia refere: *“A envolvência destas atividades é muito enriquecedora para eles”*. O entrevistado nº 3 dá mais importância a atividades como o relaxamento: *“faço vários exercícios, relaxamentos, movimentos com níveis de coordenação, estimulação rítmica, sensorial, acompanhamentos musicais através de instrumentos musicais”*. O entrevistado nº 4 refere a importância dos instrumentos musicais, *“o manuseamento dos instrumentos musicais é muito importante para estes alunos se expressarem”*. Como o entrevistado nº 5 não leciona Educação Musical, apesar de trabalhar com música quando quer trabalhar mais especificamente nesta área, ele convida profissionais qualificados para realizarem este tipo de atividades.

Todos os professores entrevistados fazem uma avaliação. Não só para avaliar as suas competências mas também para avaliar a forma como se estão a adaptar em relação aos outros como respondeu o entrevistado nº 3: *“Avaliamos os alunos para perceber o seu nível de adequação às diferentes etapas do desenvolvimento pessoal.”* Para os alunos que pertencem à orquestra, o professor João indica que a própria atuação é uma forma de avaliação. A professora Vânia avalia os alunos de forma quantitativa, ela diz que sente essa necessidade para que o ensino/aprendizagem funcione. O entrevistado nº 5 utiliza-a para avaliar o progresso de cada um mas também do seu grupo como indicador de futuro: *“Avaliar aquilo que fazemos é de vital importância para mudarmos a rota, quando sentimos esta necessidade. Seja porque algo não correu da melhor forma ou porque pensamos que podemos ir mais longe daquilo que atingimos”*. O entrevistado nº 4 diz que a avaliação faz parte de um processo como é o do ensino/aprendizagem.

Quanto ao número de alunos com PC que estão a ser acompanhados pelos entrevistados, o entrevistado nº 1 diz ter um aluno, a entrevistada nº 2 diz ter 5 alunos, os entrevistados nº3, 4 e 5 dizem ter 1 cada.

	João (entrevistado 1)	Vânia (entrevistado 2)	Márcio (entrevistado 3)	Sérgio (entrevistado 4)	Raul (entrevistado 5)
Relacionamento dos alunos com PC e NEE'S com o resto do grupo.	É positiva, confraternizam uns com os outros, bastante são felizes.	É bastante positivo, relacionam-se bem e uns tentam-se proteger aos outros.	Tanto o grupo como o aluno relacionam-se muito bem e interagem uns com os outros.	Reagem bem, gostam do convívio com os outros alunos.	O relacionamento de aluno no seu grupo de trabalho é bom, por vezes um pouco passivo.
Dificuldades em incluir alunos com PC.	Não há grandes dificuldades.	Adequar as atividades de acordo com as suas limitações, por vezes é difícil chegar até eles.	Desconhecimento sobre a patologia de quem os rodeia, falta de algumas condições.	Fazer esquecer as diferenças e os limites que existem em relação aos outros.	Detetar os seus reais interesses e adequá-los às suas capacidades.

<p>O que falta no Ensino para incluir estes alunos.</p>	<p>Formação específica dos professores, Musicoterapia.</p>	<p>Mais formação dos professores sobretudo a nível de dinâmicas para lidar com eles.</p>	<p>Mais formação docente e não docente para uma melhor inclusão.</p>	<p>Uma consciencialização na sociedade, apoio para as famílias e mais condições.</p>	<p>Um sistema educativo que realmente inclua, respeitando as diferenças e cobrando resultados e desenvolvimento das capacidades.</p>
<p>O que é crucial para incluir estes alunos.</p>	<p>Formação específica e vontade pessoal.</p>	<p>Criar laços e empatia com os alunos. Disponibilidade pessoal.</p>	<p>Disponibilidade, dedicação e motivação por parte dos professores.</p>	<p>Acreditar na causa mesmo quando as condições são muito difíceis.</p>	<p>Ter competências pessoais e profissionais para fazê-lo.</p>

Tabela N° 7 A Educação Musical e o aluno com PC/NEE'S

Todos os entrevistados mostraram haver um bom relacionamento dos alunos com PC e NEE'S em relação ao resto do grupo. O entrevistado nº 1 salienta: *“o relacionamento é positivo, uns aprendem com os outros”*, a entrevistada nº 2 diz: *“é bastante positivo o seu relacionamento”*, o entrevistado nº 3 conta que: *“Tanto o grupo como o aluno relacionam-se muito bem e interagem uns com os outros”*, o entrevistado nº 4 diz que: *“estes alunos gostam do convívio e são bem aceites pelos outros”*, o entrevistado nº 5 diz ser bom embora por vezes seja um pouco passiva.

A maior dificuldade na inclusão de alunos com PC, segundo estes docentes fica pelas limitações físicas dos próprios e também devido a algum desconhecimento das próprias pessoas que fazem parte do processo de integração. O entrevistado nº 1 mostra-se bastante positivo neste aspeto até porque sente que já tem alguma experiência nesta situação: *“na RAM penso que a inclusão se faz de uma forma positiva, já se faz desde há muitos anos e talvez por isso seja mais fácil fazê-lo”*. A entrevistada nº 2 salienta a grande dificuldade em conquistar estes alunos inicialmente, ela diz: *“a maior dificuldade para incluir alunos com PC é adequar as atividades, quando consigo chegar a eles é mais fácil, costumo usar objetos que os motivem para os fazer esquecer das diferenças para chegar melhor a eles”*. O entrevistado nº 3, por sua vez, não tem dúvidas em apontar as principais dificuldades: *“O nível de desconhecimento das pessoas da comunidade escolar em relação à doença e alguma barreira arquitectónica”*. O entrevistado nº 4 sente dificuldades quando vê o aluno menos incluído: *“por vezes é difícil para mim fazer esquecer as diferenças e os limites que existem em relação aos outros.”* O entrevistado nº 5 sente dificuldade em detetar os interesses destes alunos e na adequação às suas capacidades.

A formação é essencial para melhorar o processo de inclusão especialmente neste tipo de crianças. Foi esta a resposta dada pelos entrevistados nº 1 e nº 3. O João diz: *“falta formação específica nos professores de Educação Musical, é essencial haver formação para melhorar a inclusão destes alunos”*. O Márcio diz: *“Para melhorar a inclusão destes alunos, é essencial haver mais formação docente e não docente para uma melhor inclusão.”* A entrevistada nº 2 também refere a formação como um fator importante mas salienta que o fator humano e a dinâmica são muito importantes. O entrevistado nº 4 destaca a uma maior consciencialização da sociedade neste sentido, *“deveria haver mais apoio para as famílias e mais condições para os professores e*

escolas”. O entrevistado nº 5 vai de encontro aos principais objetivos da escola inclusiva: “Um sistema educativo que realmente inclua, respeitando as diferenças e cobrando resultados e desenvolvimento das capacidades.”

“O que é crucial para um professor poder trabalhar com estes alunos é a vontade pessoal” (João). A entrevistada Vânia aponta como característica fundamental os laços humanos, “é essencial estar aberto a eles, sem receios, criando laços”. O entrevistado nº 3 refere que a motivação é um fator determinante, “É crucial o professor ter disponibilidade para se dedicar e para se incluir nas aprendizagens do aluno. A motivação para trabalhar com este alunos é fundamental para um aprofundamento cognitivo sobre o aluno.” O entrevistado nº 4 apela à vontade e ao acreditar naquilo que se faz “Acreditar na causa mesmo quando as condições são muito difíceis.” O entrevistado nº 5 refere a competência a nível profissional e a nível pessoal no desempenho das tarefas.

Capítulo 5

(Apresentação e discussão dos resultados)

Depois da revisão da literatura, da consulta de trabalhos de investigação mais pertinentes sobre o tema, depois de termos recolhido os dados através dos questionários e das entrevistas, de os termos tratado de forma descritiva através de tabelas, de textos e dos gráficos mais significativos, chegou o momento de os discutirmos. Os dados serão discutidos e confrontados com a revisão da literatura e com os resultados cujo instrumento de investigação criou no estudo «de que forma a música contribui para a inclusão de alunos com NEE na sala de aula».

Relativamente aos resultados dos questionários concluímos em primeiro lugar que a grande maioria já trabalhou com alunos com Necessidades Educativas Especiais, o que torna a amostra feita por conveniência, uma amostra que ajuda na resolução do nosso problema de estudo.

A grande maioria dos professores situa-se ainda na parte inicial das suas funções, recolhemos essa informação através dos dados do tempo de serviço, 75% dos inquiridos tem entre 5 e 15 anos de serviço. Estes dados podem refletir que ainda existe alguma «frescura» sobre a aprendizagem do curso de formação inicial, daí a pertinência em procurar saber se estes se lembravam de ter tido alguma formação na área do Ensino Especial no seu curso. Grande parte dos inquiridos diz ter tido pelo menos uma cadeira sobre o Ensino Especial no curso e em grande número também são os professores que dizem já ter tido alunos com essas necessidades dentro das suas salas de aula. Já a nível de especialização na Área do Ensino Especial é reduzido o número dos docentes que a dizem ter.

Através do resultado das entrevistas e da questão relativamente à formação específica, sentimos necessidade em confrontar alguns dados com os dos questionários. O entrevistado nº 1, o João diz que a formação e a vontade pessoal são muito importantes no desempenho do docente no Ensino Especial: “*a formação específica é muito importante para o bom desempenho do profissional.*” No caso da Entrevistada nº 2, a Vânia, refere essa importância mas salienta também o dinamismo da própria pessoa: “*é importante criar laços com os alunos e ser dinâmico na pedagogia de situação.*”

A **hipótese nº 4** levantada neste estudo vai de encontro a este dilema. Será que quanto maior for a formação a nível do Ensino Especial, maior será a sua preparação para a inclusão de alunos com PC e NEE's?

Um estudo feito no Brasil sobre formação de professores em Educação Especial e a experiência conclui que a formação permite oferecer ao professor um repertório de conhecimentos específicos no que diz respeito aos alunos e às suas deficiências.

(...) *“Podemos concluir que o que havia sido cuidadosamente pensado e repensado sobre a proposta de articular as disciplinas oferecidas pela Habilitação em Educação Especial do curso de Pedagogia acabaram se concretizando de forma a oferecer ao futuro professor especializado, um repertório de conhecimentos específicos voltados para cada tipo de deficiência.”* Silva (2009). P. 104.

Florian (1998), citado por Coelho (2001), refere que por mais que um professor seja bem-intencionado, se não tiver a formação apropriada, não irá conseguir dar uma educação apropriada a alunos com NEE's.

Através das opiniões dos Docentes do Núcleo de Arte Inclusiva da DREER da RAM chegámos à conclusão que a formação é muito importante mas que a experiência também tem a sua importância na aplicação dos conhecimentos. Correia (2003) expõe que ainda há muito a fazer para que as escolas inclusivas tenham bons resultados. Devido à heterogeneidade de alunos, a inclusão é importante mas é mais importante ainda gerar condições para haver as respostas certas. Segundo o autor, os pais, os professores e os colegas ainda não estão completamente sensibilizados com esta mudança ao ponto de poderem passar para os alunos com NEE's toda a confiança para que estes sejam integrados. É preciso ajudar os professores que ainda não estão completamente preparados e os espaços físicos têm de ser reorganizados

A nível do conhecimento de conceitos, os docentes inquiridos no questionário mostraram-se competentes e com alguma eficácia de resposta. Grande parte deles optou pelas respostas mais apropriadas. Alguns assumiram respostas menos apropriadas, não deixando de estar completamente erradas mas sim menos assertivas.

Concretamente na definição sobre deficiência, a grande maioria, 66% dos inquiridos acertou na resposta mais correta, embora outros, em menor número escolhessem outras respostas parecidas mas menos corretas. Com este desempenho,

os docentes demonstraram reconhecer que a deficiência é algo que falta a nível do ser humano mas alguns esqueceram-se o que essa limitação afeta no seu desempenho. Segundo A Revista de Saúde Pública de São Paulo (2000), deficiência é (...)“*perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente.*” Amiralian et al, (2000) P. 98. Citado por Matheus e Schielemann (2000). Ainda segundo a mesma revista, é referenciado que essa perda afeta estruturas e funções: (...) “*órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais.*” Amiralian et al, (2000) P. 98. Citado por Matheus e Schielemann (2000)

Grande maioria dos inquiridos referenciou já ter trabalhado com alunos com deficiência e segundo as descrições, este grupo já lidou com casos bastante diferentes. No que diz respeito ao relacionamento dos alunos com Necessidades Educativas Especiais com a turma, segundo Vayer (1989) os alunos com NEE’S são alunos que se relacionam bem com os outros. A entrevistada nº 2 do Núcleo de Arte Inclusiva da RAM refere que por vezes tem dificuldades em descobrir as necessidades desses alunos mas que depois de conseguir ganhar confiança e criar laços é muito fácil adquirir boa relação. O livro sobre integração da criança deficiente na classe (1989) refere que as crianças deficientes quando estão integradas com outras crianças mostram ter benefícios: (...)”*crianças deficientes integradas com outras crianças, advêm daí efeitos muito positivos no planos comportamental*” Vayer (1989) P. 159. A entrevistada nº2 Vânia refere que os alunos com idade mais avançada demonstram vontade em proteger e ajudar os alunos com maiores dificuldades. Este pode ser um bom «trunfo» para que a inclusão resulte de forma «simbiótica» segundo Nielsen (1999), “*O professor deve selecionar um aluno da classe para assumir as funções de companheiro mais íntimo do aluno com paralisia cerebral (...) a escolha do professor deve recair sobre um aluno merecedor de confiança que não só proporcionará apoio mas que muito mais importante, será também um companheiro.*” Nielsen (1999). P. 98.

Especificamente na Patologia da Paralisia Cerebral, do que conseguimos apurar no estudo através principalmente das entrevistas é que têm um bom relacionamento com o resto da turma, todos os entrevistados fazem essa referência. Nas respostas dos questionários, numa escala estilo Likert quanto ao relacionamento dos alunos com

NEE's em relação ao resto do grupo, 94% dos docentes escolheram razoável e bom. De acordo com o livro de integração da criança deficiente de Pierre Vayer (1989) P. 159: *“Os sujeitos com Paralisia Cerebral são bem aceites pelas outras crianças quando não exigem cuidados especiais.”*

No que diz respeito à definição de Paralisia Cerebral, mais uma vez os professores inquiridos demonstraram estar bem preparados para a escolha da resposta mais acertada. Apesar de nem todos os Professores já terem prestado serviços a alunos com esta patologia, demonstraram estar minimamente inteirados sobre os traços principais da doença. Nos inquiridos, 89% dos inquiridos escolheram a opção mais acertada na definição da patologia. O entrevistado nº 3, o Professor Márcio descreve Paralisia Cerebral de uma forma correta e sucinta como: *“Malformação ou inconstância dos problemas motores corporais”*. Segundo a revista de Educação Especial e Reabilitação (1989), Paralisia Cerebral é: *“uma desordem permanente, mas não imutável, da postura e do movimento, devida à sua disfunção do cérebro antes que o seu crescimento e o seu desenvolvimento estejam completos.”*P. 19.

Ainda em relação aos conceitos e ao conhecimento dos docentes, notou-se um grande acerto na resposta mais aproximada à verdade dentro das opções de definição de inclusão. Uma notória maioria, 87% optou pela resposta *“A inclusão é um processo que respeita diferenças nas crianças promovendo-as socialmente ao mesmo tempo que lhes proporciona aprendizagem.”* Segundo a Declaração de Salamanca de 1994 da UNESCO (1994), a inclusão prevê que: *“(…) As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através de uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades.”* O entrevistado nº 5, na sua resposta em relação ao conceito de inclusão expôs o seguinte: *“A inclusão para mim é um processo que acontece em dois sentidos. Num deles devemos preparar as pessoas com deficiência para assumir os seus papéis sociais, sempre com competência e assertividade. No outro sentido devemos dar condições para que a sociedade as receba, aceitando as suas diferenças, sem preconceitos ou condescendências.”* Segundo o entrevistado tem de existir, além de uma preparação por parte de quem faz a inclusão, também um trabalho no sentido de consciencializar o aluno dos seus próprios limites, aceitando-os. Além disso, refere que o mais importante é procurar desenvolver mecanismos para que estes alunos

façam o que gostam de fazer tanto na vida académica como profissional. O equilíbrio entre os objetivos pretendidos no processo de inclusão e os meios necessários para o fazer será a melhor opção para que assim a inclusão seja positiva. Uma das respostas do inquérito a esta questão referia-se ao que os próprios alunos da turma que «acolhem» os alunos com deficiência desenvolvem, “estratégias de convivência que suavizem as suas limitações perante a sociedade”, ou seja, tanto para o aluno com NEE que necessita de convivência, como os outros que necessitam de aprender a viver com essas situações, precisam da criação destes laços. A harmonização entre as condições necessárias para que os alunos com necessidades sejam apresentados ao mesmo tempo que haja convivência saudável em simbiose é para Vayer (1989) a melhor opção. Segundo Vayer (1989) P. 13, há que equilibrar dois fatores importantes na integração de alunos com NEE’S: (...) *“a necessidade vital da diferença entre os indivíduos e a necessidade social da boa convivência, dois dados que devem ser harmonizados.”*

Uma das questões que gerou maior especulação por parte dos inquiridos foi a questão que sugeria aos docentes 2 razões pelas quais a inclusão escolar deveria ser realizada em alunos com Paralisia Cerebral. Grande maioria remeteu-se aos benefícios causadores tanto na criança com a patologia como para o próprio meio escolar. Alguns evidenciaram os direitos da educação e igualdade mas outros, embora numa minoria significativa, realçaram que esta teria mais benefícios quando existisse maior preparação no seio que acolhe estes alunos, saber incluir primeiro para que seja benéfico tanto para o aluno a ser incluído como para o resto da turma. O entrevistado nº 3 do Núcleo de Arte Inclusiva da RAM refere que tem de existir um trabalho bem organizado por todos os elementos responsáveis por este processo para que o aluno a ser incluído se possa sentir como uma pessoa igual às outras e não uma pessoa que está ali para tentar estar como as outras. Correia (2003) refere que há ainda muito a fazer para que a inclusão seja feita com sucesso, a escola inclusiva deve defender um trabalho de equipa desenvolvido por todos os órgãos da escola, desde a gestão, aos professores, técnicos, terapeutas, psicólogos, auxiliares e pais. Todos eles são responsáveis pela integração e aprendizagem dos alunos. Alguns dos inquiridos, embora em pouco número (cerca de 5%), mostram-se críticos em relação à inclusão destes alunos: *“não concordo com a inclusão”* ou *“estes alunos deveriam estar noutra tipo de instituições”* foram as respostas dadas pelos que não concordam. Segundo

Nunes (2001), *“o aluno com Paralisia cerebral pode e deve ser integrado no ensino regular, todavia, por vezes, poderá ter necessidade de frequentar Centros mais especializados, onde equipas transdisciplinares, intervindo junto da criança e da família, garantem um melhor desenvolvimento e a continuidade de cuidados específicos de que ela necessita, de forma a tornar possível uma maior autonomia e uma futura integração na escola e na sociedade”*. Citado por Fontes M. (2008) P. 28. Rodrigues (2003) afirma que colocar a criança na escola comum não indica que ela está efectivamente incluída; é necessário ajudar os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças nas escolas e prepará-los para ensinarem aquelas crianças que estão atualmente excluídas das escolas por qualquer razão. Um estudo sobre a inclusão de alunos com PC na RAM, concluiu que os pais são agentes também importantes na integração dos alunos de PC, segundo Mendonça A. (1999), *“Os pais devem ter uma participação ativa para que os filhos se sintam integrados”*. Bobath (1980), citado por Mendonça A. diz que *“Os pais representam o principal papel na estruturação da personalidade da criança, e, no caso das crianças com paralisia cerebral, não consegue tornar-se independente do apoio da mãe.”* (...) *“Não apenas fisicamente, mas também emocionalmente e intelectualmente.”* P. 53.

97% Dos inquiridos não tem dúvidas em concordar que a música contribui de forma positiva para o processo ensino/aprendizagem de alunos com Paralisia Cerebral. **A hipótese nº 2** do nosso estudo referia-se de uma forma específica a esta situação: *“A música melhora a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo/motor dos alunos com NEE e PC.”* O entrevistado nº 5 refere que a música pode sem dúvida ser um veículo inclusivo tanto no processo educativo como profissional. O entrevistado nº 3 confere que *“a estimulação sensorial e as atividades corporais conjuntas com a turma ajuda na interação e consolidação de afectos com todos os intervenientes.”* O entrevistado nº 5 diz que a música pode ser uma área onde se podem trabalhar imensas competências: *“é uma disciplina onde podem ser trabalhados diferentes objetivos como a concentração, a coordenação motora, o ritmo, a acuidade auditiva, o raciocínio lógico, entre outros. Tais objetivos, entre tantos outros, podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo e motor de qualquer aluno, incluindo-se os alunos com paralisia cerebral.”* Além do fator motivação, os inquiridos referiram-se à música como uma forma de gerar conhecimento e competências de uma forma global, tanto a nível racional como

emocional. Em relação ao estudo anterior «De que forma a música contribui para a inclusão de alunos com NEE na sala de aula», este resultado mostra-se mais positivo nos benefícios da música em relação à aprendizagem dos alunos. Apenas 57% dos 14 professores anteriormente inquiridos concordavam com esse fenómeno. Segundo Campbell (2000), a música transmite nossa herança cultural, é tão importante conhecer Beethoven e Louis Armstrong quanto conhecer Newton e Einstein. A música, segundo Snyders (1996), citado por Barreto e Silva (2004), é *“Uma atividade criativa e integradora. Ela atrai e envolve os alunos, serve de motivação, estimula áreas do cérebro, desenvolve a criatividade, autoestima, capacidade de concentração, raciocínio lógico, socialização e expressão corporal.”* Segundo Barreto (2004), a musicalização na escola desenvolve a concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina.

Relativamente ao papel da música no desenvolvimento das capacidades motoras, os inquiridos mostraram-se em completo acordo. Foi a questão onde nenhum se manifestou de forma negativa ou menos positiva, numa escala de valores tipo Likert 93% disse que contribuía «muita coisa» e os restantes 7% escolheu «alguma coisa». O entrevistado nº 3 refere que o desempenho motor do aluno melhora significativamente quando lhe é estimulada a música: *“A música vai relaxá-lo e através desse relaxamento e movimentos mais suaves ele irá conseguir mover determinadas partes dos seus músculos consoante a sua vontade. Logo sentir-se-á mais confiante com o seu desempenho.”* O facto de o aluno com PC reagir bem com a música faz com que este melhore os seus movimentos e até a sua comunicação. Segundo o entrevistado nº 5 *“a música pode ajudar a expressar sentimentos e emoções de forma não verbal”*. A comunicação e desempenho motor relacionam-se com a autoconfiança do aluno, na **hipótese nº 3**, referíamo-nos ao facto de o aluno com PC reagir bem o deixava mais confiante, segundo os resultados sim, o aluno consegue ficar mais confiante no seu desempenho quando lhes são introduzidos momentos musicais. Segundo APMT (1998), *“A música pode ajudar a criança no controlo da motricidade, na sua organização espaço-temporal e na expressão oral dando-lhe ao mesmo tempo oportunidade de expressão livre e prazer evitando bloqueios emocionais.”* Textos de musicoterapia I (1998). P. 84. A música tem um grande papel no controlo da postura de um aluno com PC como demonstra o seguinte texto: *“O professor de música ou musicoterapeuta tem um papel importante na equipa que se propõe apoiar a criança e a família. A criança*

com paralisia cerebral tem grandes dificuldades no controlo da postura e movimento, devido à paralisia ou parésia dos membros, coordenação motora, movimentos involuntários e perturbações de equilíbrio.” Textos de musicoterapia I APMT (1998). P. 84. Através da revisão da literatura e das respostas dadas pelos inquiridos, confirma-se que a música transmite confiança aos alunos portadores desta patologia.

No contributo da música para a sociabilização dos alunos com PC os professores mostraram-se igualmente concordantes, sendo que 90% respondeu que contribuía muita coisa, 9% contribuía alguma coisa e apenas uma pessoa diz contribuir mas pouco. Foi aproximadamente nos mesmos valores que esta questão obteve os seus resultados, 85% dos inquiridos tinham respondido que a música contribui muito para a sociabilização. O entrevistado nº 3 refere a importância de momentos musicais através dos quais o aluno se possa sentir como eles imitando-os. Segundo APMT (1998) “*Os aspetos lúdicos que a música proporciona à criança ajudam-na no seu equilíbrio emocional e na sua maturação e integração social.*” Textos de musicoterapia I (1998). P. 84. Estando os alunos mais integrados, através de momentos musicais, confirma a **hipótese nº 1** levantada no início do trabalho: “Introduzir momentos musicais dentro da sala de aula melhora o relacionamento dos alunos com NEE e PC em relação à turma”.

A nível de competências de grupo, a música é um grande meio para promover valores como a sociabilização, a cooperação e o respeito pelas diferenças. “*É um meio muito importante de sociabilização, uma vez que permite a participação e comunicação em grupo, favorecendo o equilíbrio socio-afetivo da criança.*” P. 84. Textos de musicoterapia I (1998). Campbell; D. (2000) refere que a música ensina os alunos sobre seus relacionamentos com os outros, tanto em sua própria cultura quanto em culturas estrangeiras, o mesmo autor refere que a música exalta o espírito humano. A entrevistada nº 2 refere que aproveita a relação protectora que os alunos mais velhos da turma sentem em relação aos alunos com mais dificuldades, assim favorece a relação social entre todos de forma motivadora. Segundo Nielsen (1999): “*O professor deve seleccionar um aluno da classe para assumir as funções de companheiro mais íntimo do aluno com paralisia cerebral (...) a escolha do professor deve recair sobre um aluno merecedor de confiança que não só proporcionará apoio mas que muito mais importante, será também um companheiro.*” Nielsen (1999) P.98. Mendonça

(1999) no estudo «A paralisia cerebral e a comunicação alternativa», realizado na RAM, conclui que o convívio com os pares na escola permite a procura de novas soluções, realizações e satisfações no campo pessoal, educacional e ou profissional. “*Será na interação com os outros que criança com PC se irá comparar e trocar as respectivas experiências que lhe permitirão obter e desenvolver uma vivência na comunidade circundante.*” Mendonça (1999) P. 57. Segundo Monteiro A. (2004), num estudo também realizado na RAM, denominado «Projeto de inclusão – Estudo de caso – Teatro como forma inclusiva», chegou-se à conclusão de que a arte, neste caso através do grupo «oficina versus», promove a inclusão de pessoas portadoras de deficiência.

Através das informações fornecidas pela revisão da literatura, comparadas com as respostas dadas pelos inquiridos, confirmamos a validade da **hipótese nº 5**: “Quanto maior for o contacto com a música maior será a probabilidade de inclusão de alunos com PC e NEE”.

A nível do contributo da música na comunicação dos alunos com PC, uns consideráveis 96% dos inquiridos responderam que sim. O entrevistado nº 2 refere que: “*A estimulação musical origina uma maior comunicação com o meio envolvente.*” Brécia (2003) refere que “*A terapia musical foi usada para melhorar a coordenação motora nos casos de paralisia cerebral e distrofia muscular. Também é usada para ensinar controlo de respiração e da dicção nos casos em que existe distúrbio da fala*” P. 50, referido por Barreto e Silva (2004). A criança com PC não se relaciona apenas com os colegas de escola, ela está sujeita a comunicar e a conviver com outras pessoas: “*Este é um trabalho de equipa ente os pais, os terapeutas o educador ou professor da classe e o professor de música.*” Textos de musicoterapia I APMT (1998) P. 85. Segundo Campbell; Dickinson (2000), a música é criativa e auto-expressiva, permitindo a expressão de nossos pensamentos e sentimentos mais nobres. Brécia (2003), citado por Barreto e Silva (2004), refere que as atividades musicais a expressão de todos e desenvolvem a autoestima geral. O autor refere ainda que a música alivia a tensão e facilita a linguagem.

Quando a Educação Musical é comparada a nível de importância a outras áreas como, a Matemática, os professores inquiridos revelaram-se decididos em não

inferiorizar esta disciplina. Uns exemplares 94% dos inquiridos respondeu que não, a Educação Musical não é menos importante que as outras disciplinas. A entrevistada nº 2 diz que esta disciplina tem características multidisciplinares e que melhora a aprendizagem global. O entrevistado nº 2 salienta o crescimento pessoal: *“a experiência/estudo de Educação Musical é essencial para um crescimento pessoal e cognitivo tão útil e importante quanto as outras disciplinas.”* Dos inquiridos no questionário houve em grande parte respostas como: *“a música proporciona equilíbrio emocional e desenvolve a atenção”*, *“a música é uma linguagem universal”* e tem um *“grande valor educacional”*. Outros disseram que desenvolve várias competências, tais como: motoras, sociais e intelectuais. O Decreto-Lei Nº 344/90 refere que a educação artística é imprescindível na formação global equilibrada da pessoa. Segundo APMT (1998), competências como a disciplina, ou a entreajuda são aspetos importantíssimos a desenvolver em qualquer turma onde se desenvolva o processo ensino/aprendizagem, ainda mais quando se trata de uma escola inclusiva. *“A capacidade de manter a atenção é também um aspeto que pode ser desenvolvido através da música.”* Textos de musicoterapia I (1998) P. 84. Campbell; D. (2000) refere que a música é uma aptidão inerente a todas as pessoas e que merece ser desenvolvida, o mesmo autor refere que a música oferece aos alunos rotas de sucesso que eles podem não encontrar em parte alguma do currículo. Segundo Snyders (1996), citado por Barreto e Silva (2004), as expressões nas escolas são uma mais-valia porque além de se poderem articular de forma multidisciplinar com as outras disciplinas, são bastante motivadoras tanto na aprendizagem como no comportamento dos alunos. Relativamente à **hipótese nº 6**, levantada no início do trabalho: *“A Música é tão importante no desenvolvimento das capacidades dos alunos como as áreas da Matemática ou Português”*, segundo a revisão da literatura e a opinião dos professores inquiridos, confirma-se que a Educação Musical pode ser tão enriquecedora ou mais que as outras disciplinas, mesmo aquelas que têm mais carga horária como a matemática.

Quanto à utilização da música nas aulas dos docentes inquiridos, tivemos de ter em conta que alguns deles sendo professores de Educação Musical desde logo que utilizam a música na sua estratégia de ensino. Apenas 3 inquiridos responderam que não a utilizam nas suas aulas, os restantes utilizam-na de desatascar que 60% dizendo sim utilizar com alguma frequência. Em relação ao estudo «De que forma a música contribui

para a inclusão de alunos com NEE na sala de aula», os inquiridos deste novo estudo reconhecem ter mais uso de momentos musicais na sala de aula. a entrevistada nº 2 refere que é muito importante a música no 1º ciclo, “*esta ajuda na articulação das matérias de forma bastante motivante para os alunos.*”

Em relação ao estudo realizado anteriormente «De que forma a música contribui para a inclusão de alunos com NEE», constatámos que a nível de conceitos sobre Educação Especial, os professores se mantêm na mesma «fasquia» de conhecimento, com algumas dúvidas, mas mostrando de forma global ter boa noção. Na amostra desse anterior estudo, todos esses 14 professores do 1º ciclo pertencentes à RAM deram indicações de que a música seria um bom instrumento de inclusão para alunos com NEE, de que estes alunos se relacionavam relativamente bem com os restantes mas, como não tinham respostas abertas, não deram um contributo crítico sobre a actual situação da inclusão escolar. Através deste novo estudo, focado especificamente para a inclusão de alunos com PC, mas incluindo sempre todos os outros alunos portadores de deficiência, os inquiridos emitiram algumas críticas sobre a utilização deste instrumento inclusivo e sobre a forma como se inclui nas nossas escolas.

Capítulo 6

(Conclusão)

6.1- Conclusão

O caminho para a investigação é longo e requer muito sacrifício, como refere Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1998). As dificuldades fazem parte desse caminho, o sacrifício e os contratempos fazem igualmente parte integrante da investigação. Mesmo quando as circunstâncias nos obrigam a parar ou a retroceder, vale sempre a pena continuar a caminhada e a vontade de procurar gerar novos conhecimentos porque é também com os erros que se adquirem aprendizagens.

A igualdade é um direito que nos assiste a todos, como tal, não deve ser esquecida principalmente para aqueles que se encontram em desvantagem em relação aos outros.

A aceitação é um valor por vezes esquecido na nossa sociedade. Todos nós temos os nossos próprios limites que teremos de reconhecer tal e qual como temos de aceitar os limites dos outros. É neste sentido que o desenvolvimento da investigação foi realizado, é importante haver uma sensibilização dos direitos de oportunidade que estão dispostos na nossa sociedade e o que se pode fazer para evitar discriminações e para promover a convivência em harmonia.

Os alunos com NEE'S apresentam dificuldades específicas na aprendizagem e precisam, além de interagir com outras crianças, de um ensino apto a responder às suas necessidades. Os alunos com Paralisia Cerebral têm dificuldades no controlo dos movimentos, necessitam de estimulação e de conviver de forma harmoniosa com os outros para se sentirem integrados. A UNESCO (1995) resolveu criar uma chamada para a sociedade na inclusão de todos os alunos apelando à igualdade de condições.

A música é uma linguagem universal que nos une a todos como seres humanos. Desde que este nasce que convive com os sons que o rodeia. Incluindo os mais agradáveis ou os menos agradáveis, tornam-se parte de nós e da nossa comunicação em sociedade. É mediante um conjunto de sons e de silêncios que a música se constitui. Ela pode ser uma manifestação de alguém ou pode tornar-se manifesta quando observamos alguém a ouvi-la, escutá-la, por exemplo.

Ninguém fica indiferente à música, quando um aluno com Paralisia Cerebral ouve os sons, torna-se mais calmo para realizar os movimentos e mais confiante para interagir com os outros. Foi esta uma das conclusões à qual o trabalho se manifestou. A música é um meio bastante favorável para aproximar as pessoas, neste caso para incluir os alunos com mais dificuldades e necessidades entre o resto dos companheiros.

Os resultados dos questionários aplicados a Professores do 1º Ciclo da RAM e das entrevistas aos Professores de Educação Musical do Núcleo de Arte Inclusiva da RAM, assumiram um papel crucial na realização do estudo qualitativo descritivo.

Chegou-se à conclusão que alguns professores, que apesar de não terem tido qualquer cadeira sobre Educação Especial, todos no geral têm noções base sobre os conceitos Deficiência, Inclusão e Paralisia Cerebral.

O tema experiência/formação é gerador de controvérsias. Os professores consideram que a experiência permite a criação de mais alternativas no desenvolvimento deste processo, por outro lado, a formação também é considerada pelos mesmos como sendo uma mais-valia no desempenho das suas atividades especialmente perante alunos com necessidades especiais.

A escola inclusiva adquire um conjunto de objetivos que são bastante bem recebidos pela maioria dos professores. Incluir alunos com NEE'S junto dos demais é benéfico para ambos. Devido à falta de formação e de condições por parte de todos os agentes envolvidos e por a inclusão ser ainda um processo em construção, muitos professores contestam a viabilidade deste sistema como está a ter uso em algumas situações.

A música é, além de um instrumento de integração, um contributo para: o desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento das capacidades motoras, da sociabilização, da comunicação, aprendizagem e confiança dos alunos com Paralisia Cerebral.

A Educação Musical é uma disciplina que enriquece o currículo dos alunos e tem características que a diferenciam de todas as outras. Tem uma capacidade multidisciplinar, motivadora de aprendizagem, incute o ensino globalizado e desenvolve valores de disciplina e criatividade.

Apesar de a música beneficiar a inclusão destes alunos, alguns professores de Educação Musical sentem ainda a dificuldade em perceber as necessidades e em adequar algumas atividades.

Os alunos com Paralisia Cerebral têm um bom relacionamento com os demais e para os professores é bastante gratificante trabalhar com eles porque além de serem empenhados, as mais pequenas «conquistas» no processo ensino/aprendizagem, repercutem-se no desejo de querer continuar a melhorar tanto por parte dos profissionais que os acompanham como pelos mesmos.

O estudo realizado serve para se aprender que é necessário o apoio de todos para o sucesso de uma escola inclusiva. Uma escola onde todos possam ter as mesmas oportunidades de aprender e, particularmente onde todos possam ser compreendidos pelos outros, tudo isso é capital para que o futuro da sociedade seja unido e saudável. É evidente a importância da valorização das aptidões artísticas dos alunos para que o rendimento geral na escola seja bem-sucedido e equilibrado, sem emoção e envolvimento é difícil criar laços que perdurem, e a música tem um papel fundamental nesse semblante.

6.2- Linhas futuras de investigação.

Num trabalho de investigação há sempre algo que fica por fazer ou para melhorar. Por vezes as circunstâncias constituintes do processo da investigação são determinantes para a ocorrência de erros ou de decisões menos conseguidas. É importante haver sempre trabalhos que possam ser confrontados para assim diminuir as margens de erro.

Seria interessante que este estudo pudesse ser realizado a nível do ensino em Portugal continental. Uma vez que a inclusão pela Arte já se faz na Região Autónoma da Madeira há cerca de 30 anos, seria curioso ver o que os professores de Educação Musical, que façam inclusão através da arte, teriam para dizer numa amostra em meios diferentes e com maior população.

Bibliografia

- APMT (1998) – Associação Portuguesa de Musicoterapia. *Textos de Musicoterapia I*.
- Benezon, R. (1985) - *Manual de Musicoterapia*: Enelivros.
- Bréscia, Vera Lúcia Pessagno (2003). *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo.
- Campbell D. (2000). - *O efeito Mozart – Descobrir na música o poder de curar o corpo, fortalecer a mente e desbloquear o espírito criativo*.
- *Educação Especial e Reabilitação*: Revista Volume 1, Nº 1 – (1989)
- Correia, M. L. (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*. Porto: Porto Editora.
- Costa, C. (1995): Musicoterapia na reabilitação de pessoas com deficiências mentais. *In Integrar*. N. °6.
- Decreto – Lei n.º 139 /90, de 16 de Agosto – estabelece as bases gerais da organização da educação artística pré-escolar, escolar e extra-escolar.
- Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro. *Diário da República n.º 4/2008 – I Série*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Decreto – Lei n.º 344 / 90, de 2 de Novembro – Regulamenta a Educação Artística em Portugal.
- Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro. *Diário da República n.º 15/2001 – I Série A*. Lisboa: Ministério da Educação
- Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Gainza, Violeta Hemsy (1988) *Estudos de Psicopedagogia Musical*. 3. ed. São Paulo: Summus,.
- Ganganrd, M. (1974). “*Iniciação Musical dos Jovens*”. Editorial Estampa. São Paulo (Brasil).

- Gresh, E. (2007). Problemas clínicos e tratamentos. In Geralis, E. (2ª ed.). *Crianças com Paralisia Cerebral – Guia para pais e educadores*. Porto Alegre: Artmed.
- Hoffmann S. Orientação e Mobilidade(1998): *Um processo de alteração positiva no desenvolvimento integral da criança portadora de cegueira congénita*. Porto Alegre.
- Lei n.º 46 / 86, de 14 de Outubro - Lei de Bases do Sistema Educativo (alterada pela Lei n.º 115 / 97, de 19 de Setembro).
- Louro, S.V. (2006). *Educação Musical e Deficiência: propostas pedagógica*. Estúdio Dois. Brasil.
- Matheus e Schielemann (2000) – *Definição de deficiência*. *Revista de saúde de São Paulo*.
- Mendonça A. (1999) – *A paralisia cerebral e a comunicação alternativa – O papel da escola como meio inclusivo*.
- Miller, Geoffrey e Clark, Gary D. (2002) - *Paralésias Cerebrais – Causas, Consequências e conduta*, Brasil, Editora Manole.
- Monteiro A. (2004) - *Projeto de inclusão – Estudo de caso – Teatro como forma inclusiva*.
- Nielsen L. B. (1999) - *Necessidades educativas especiais na sala de aula – Um guia para professores*. Porto Editora.
- Nunes C. (2001) - *Aprendizagem ativa da criança com multideficiência – guia para educadores*. Ministério de Educação de Lisboa.
- *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo* (2004). Ministério da Educação. 4.º Edição.
- Pérez F. J. e Martínez B. U. (1986) - *Para la integracion del deficiente*: Edicion Sexta.
- Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Revista Olhar Nº 26127 (2010) – *Jornal da Madeira. Realidades*.

- Revista Diversidades (2009) Nº 24 *Expressões: O Liberal*, Empresa de Artes Gráficas, LDA.
- Revista Diversidades (2010) Nº 30 *Sem Barreiras: O Liberal*, Empresa de Artes Gráficas, LDA.
- Rodrigues, D. (2003). *Perspetivas sobre a Inclusão*. Porto. Porto Editora.
- Silva E. (2009) – *Formação de Professores em Educação Especial: A experiencia da UNESP*.
- Silva, L.R.I (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação. Lisboa.
- Silva M. (2010) - *Jornal da Madeira - Reportagem Sol – Realidades*.
- Soares C. *Revista visão* (2003) - *Terapia pela música*. Visão, 17 de Abril.
- Sousa, A. L. L. (2005) – *Extensao Universitaria na UFG: Olhando para o passado. Revista da UFG, Vol. 7, Nº. 2, Dezembro*,
- Tuckman, B. (2008). *Manual de Investigação em educação*. Lisboa. Edição da Calouste Gulbenkian.
- *Uma Escola Inclusiva a partir da escola que temos* (1999). Edição do Conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação. 1.^a Edição.
- UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Vayer P. e Roncin C. (1989). - *Integração da criança deficiente na classe*: Editora Mandle LTDA.

Referências electrónicas

- Arte Inclusiva - Grupo dançando com a diferença http://www.aaidd.com/index.php?option=com_content&task=view&id=5&Itemid=8. Consultado em 12/01/2011.
- Bieler R. (2005): *A deficiência como parte do ciclo de vida e o desenvolvimento inclusivo*. <http://siteresources.worldbank.org/EXTLACREGTOPHIDAIDS/Resources/DeficienciaCiclodeVidaeDesenvInclusivo.doc> Consultado em 13/01/2011.
- Barreto e Silva (2004) *A Música Como Meio de Desenvolver a Inteligência e a Integração do Ser* http://www.musicaeadoracao.com.br/tecnicos/musicalizacao/importancia_educacao.htm Consultado em 05/01/2011.
- Beck J. – Educação Musical inclusiva. (2009) <http://artigospanambi.blogspot.com/2009/08/educacao-musical-inclusiva.html> Consultado em: 12/01/2011.
- Bieler, B.R. *Desenvolvimento Inclusivo: Uma abordagem universal da Deficiência*. http://bica.cnotinfor.pt/images_news/PDF./old/Paper_Rosangela.pdf . Consultado em 03/01/2011.
- Coelho D. (2011) *Inclusão e necessidades educativas*. <http://principezinho11.blogspot.com/2011/05/inclusao-e-necessidades-educativas.html>. Consultado em 23/01/2011.
- Decreto – Lei n.º 319 / 91, de 2 de Agosto – Ensino Especial em <http://www.educare.pt>. consultado em 11/01/2011.
- Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação. <http://www.madeira-edu.pt/dreer/tabid/1284/Default.aspx> Consultado em: 13/01/2011.
- Esteireiro P. *Gabinete de coordenação artística*. <http://www.madeira-edu.pt/gcea/tabid/2355/Default.aspx>. Consultado em 13/01/2011.

- Federação Mundial da Musicoterapia. *Defenição de Musicoterapia* (1996) <http://www.musicoterapia.mus.br/musicoterapia.htm>. Consultado em [21/01/2011](#).
- Fontes M. (2008) – *Educação e Expressão Musical em crianças com Lesão Cerebral – Paralisia Cerebral*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/67/PG-EE-2008MartaFontes.pdf?sequence=1> Consultado em 02/02/2011.
- Frases sobre música http://www.mensagenscomamor.com/frases_sobre_musica.htm. Consultado em 05/01/2011.
- Freire P. - (2009) *Os grandes crescem com as críticas*. <http://angellamaria314.blogspot.com/2009/08/mulheres-e-homens-somos-os-unicos-seres.html>. Consultado em 21/01/2011.
- Hoffmann R. – *Paralisia Cerebral e a aprendizagem: Um estudo de caso inserido no Ensino Regular* (2000). <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-12.pdf>. consultado em 15/01/2011.
- Louro, C. (2001). *Ação social na deficiência*. Lisboa: Universidade aberta. <http://angellamaria314.blogspot.com/2009/08/mulheres-e-homens-somos-os-unicos-seres.html>. Consultado em 20/01/2011.
- Mitre e Souza – *O brincar na hospitalização de crianças com paralisia cerebral*. (2009). <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a07v25n2.pdf>. Consultado em [17/01/2011](#).
- Projeto Educativo (2009/2013) - *EBI/ Jardim de Infância do Couço* (2009). <http://www.anossaescola.com/couco/ficheiros/documentos/Projecto%20Educativo%202009-13.pdf> Consultado em 16/01/2011.
- Revista n.º 27. São Paulo - *Educação e o Espectáculo do Aprendizado* (1999). <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas>. Consultado em 12/01/2011.
- Simões J. – *Jornal de parede – fala-me de música. 5ª Punkada*. <http://falamedemusica.net/Newspaper/5Punkada.php?lang=pt> Consultado em 16/01/2011.

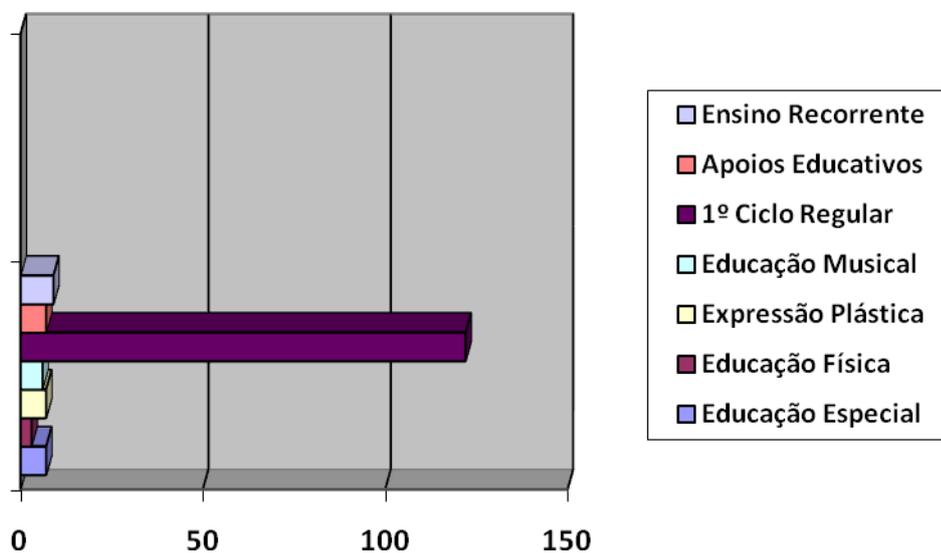
Anexos

Anexo I

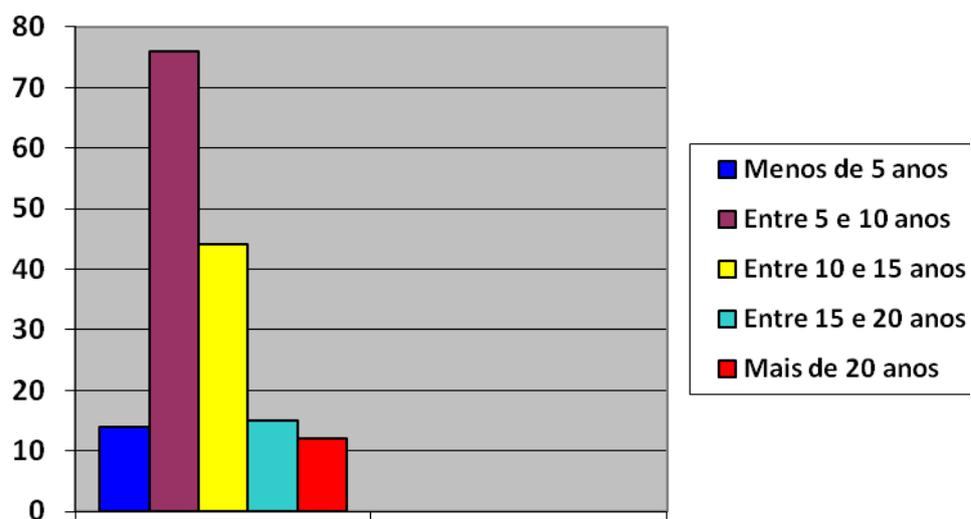
Gráficos

Gráficos das respostas ao questionário de Professores do 1º Ciclo

1- Que disciplina leciona?



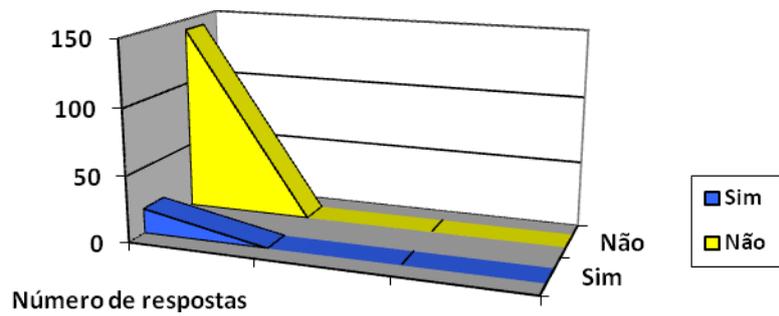
2- Tempo de serviço.



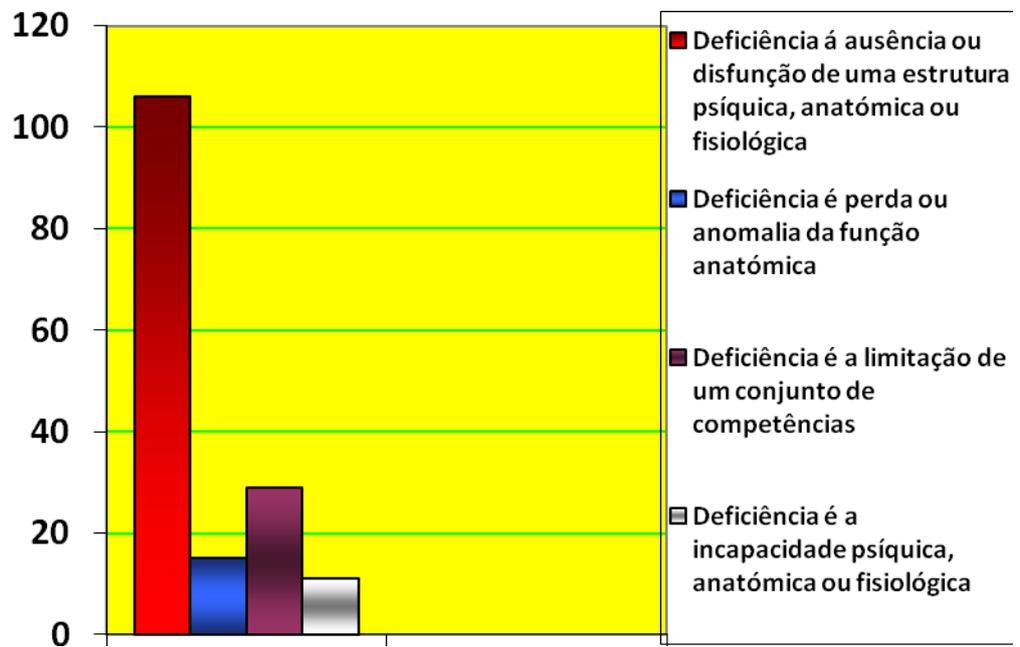
3- No curso de formação inicial, foi dada alguma cadeira sobre NEE'S?



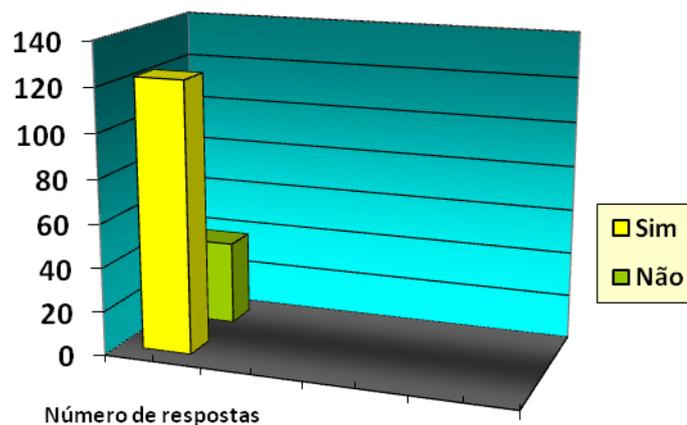
4- Possui alguma formação específica na área do Ensino Especial?



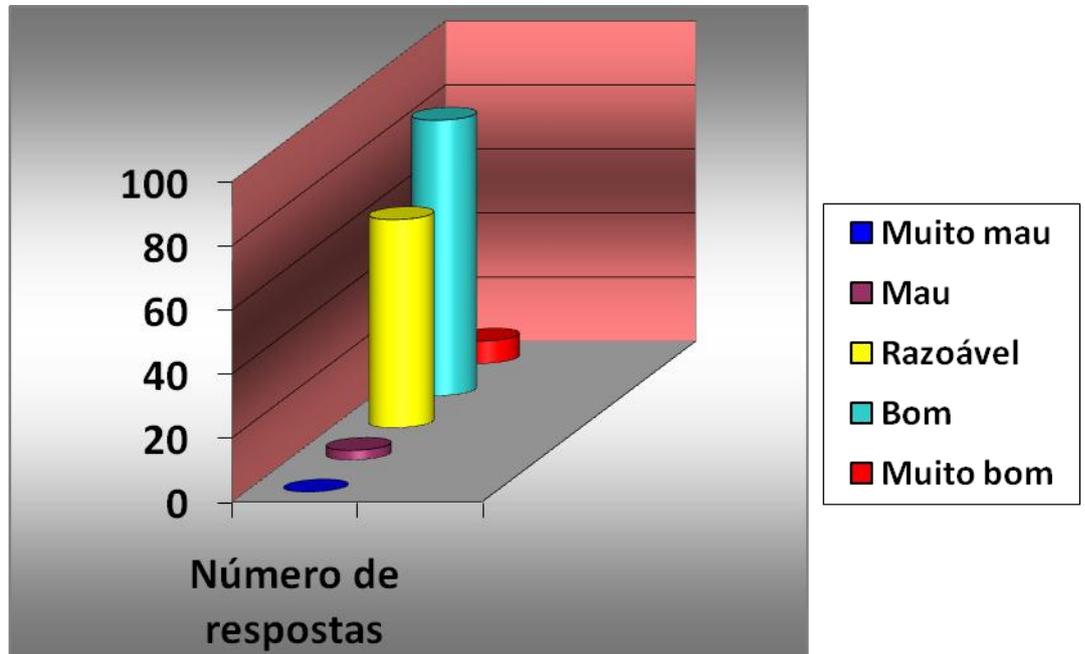
5- Escolha das seguintes opções, a que acha mais correta para a definição de deficiência.



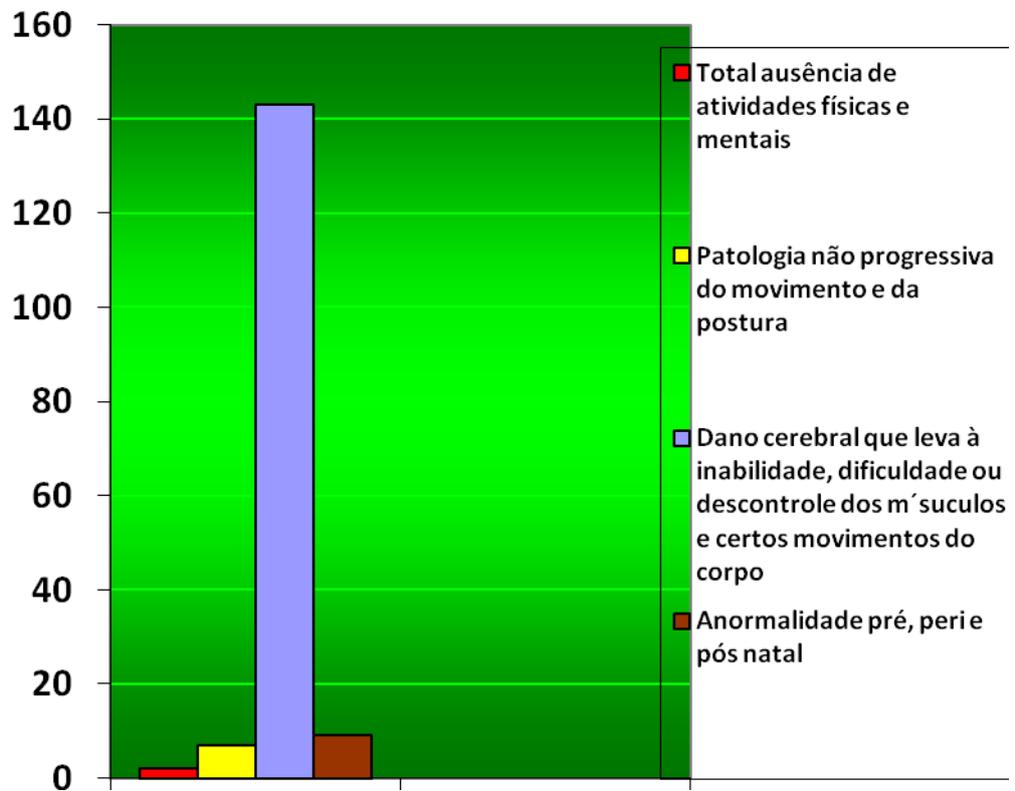
6- Já trabalhou com alunos com NEE'S?



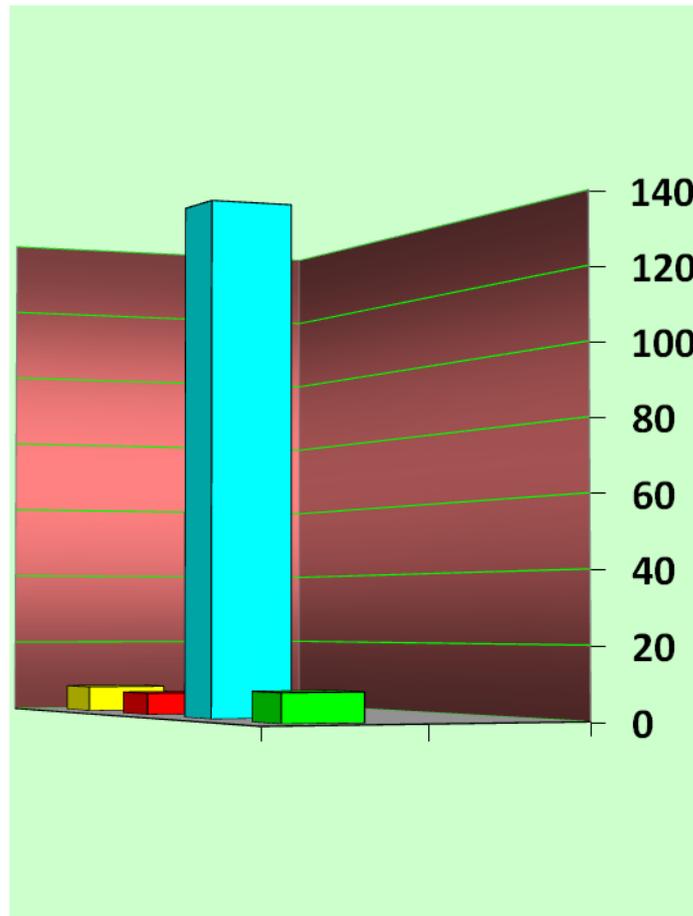
7- Como é o relacionamento do(s) aluno(s) com NEE'S em relação ao resto do grupo?



8- Escolha das seguintes opções a que melhor define Paralisia Cerebral.

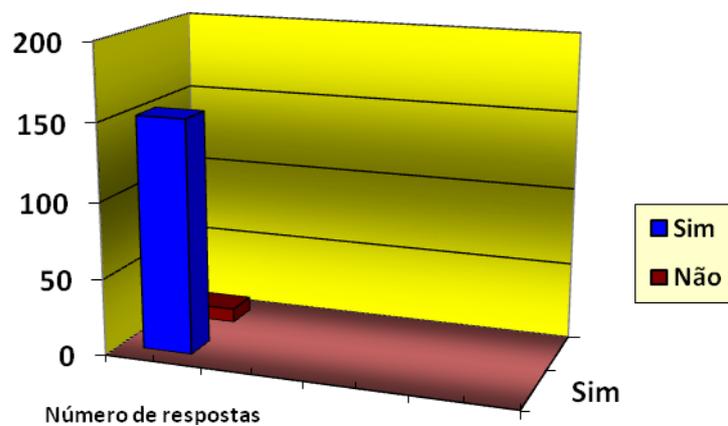


9- Escolha das seguintes opções a que acha mais correta para a definição de inclusão.

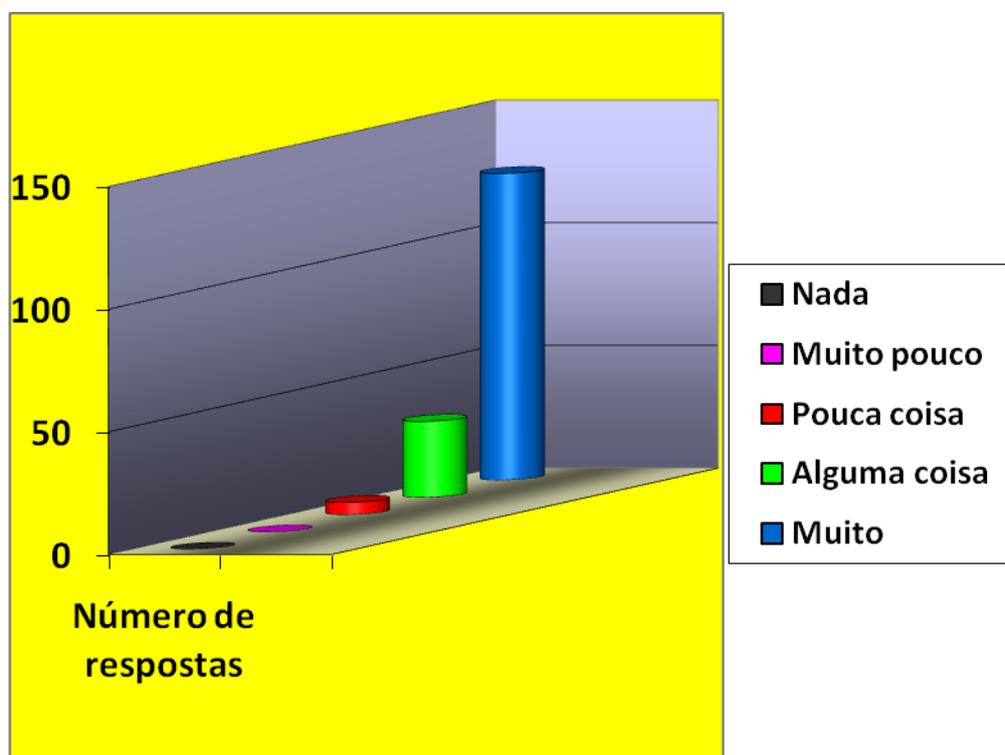


- Inclusão é um processo que favorece a participação de todos os alunos dentro de um grupo
- Inclusão é um processo que respeita diferenças nas crianças promovendo-as socialmente ao mesmo tempo que lhes proporciona aprendizagem
- Inclusão basicamente consiste em juntar crianças com deficiência com crianças normais
- Inclusão é criar oportunidades para todos os alunos para a aprendizagem

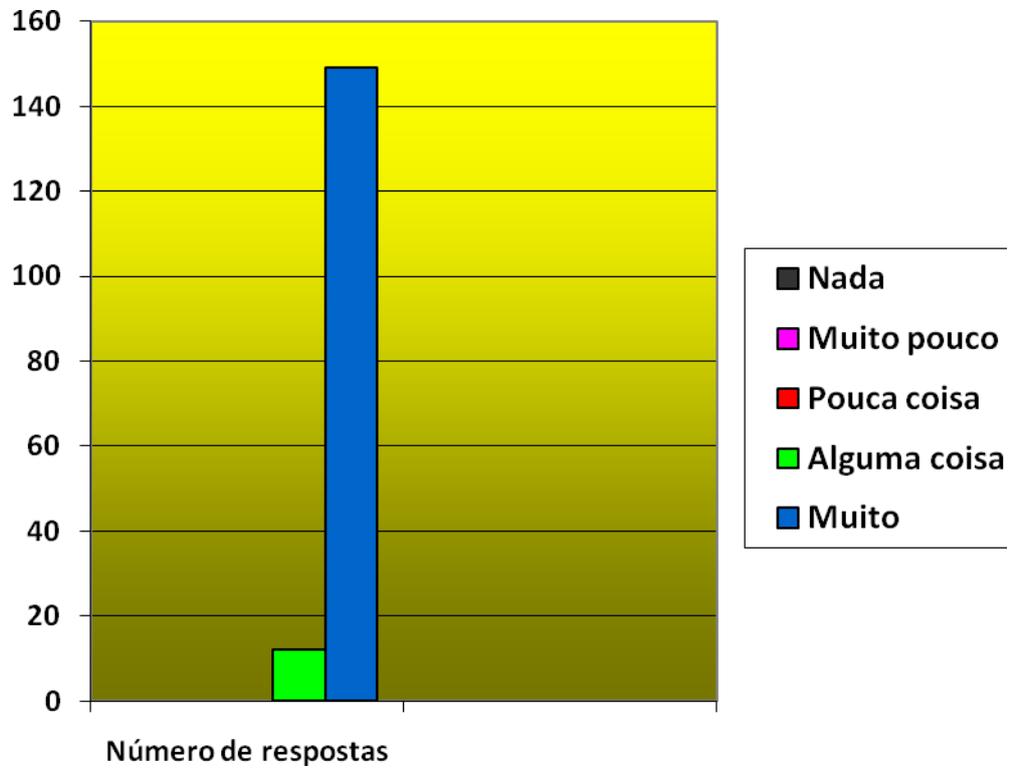
10- Acha que a música contribui de forma positiva para o processo ensino/aprendizagem de alunos com Paralisia Cerebral?



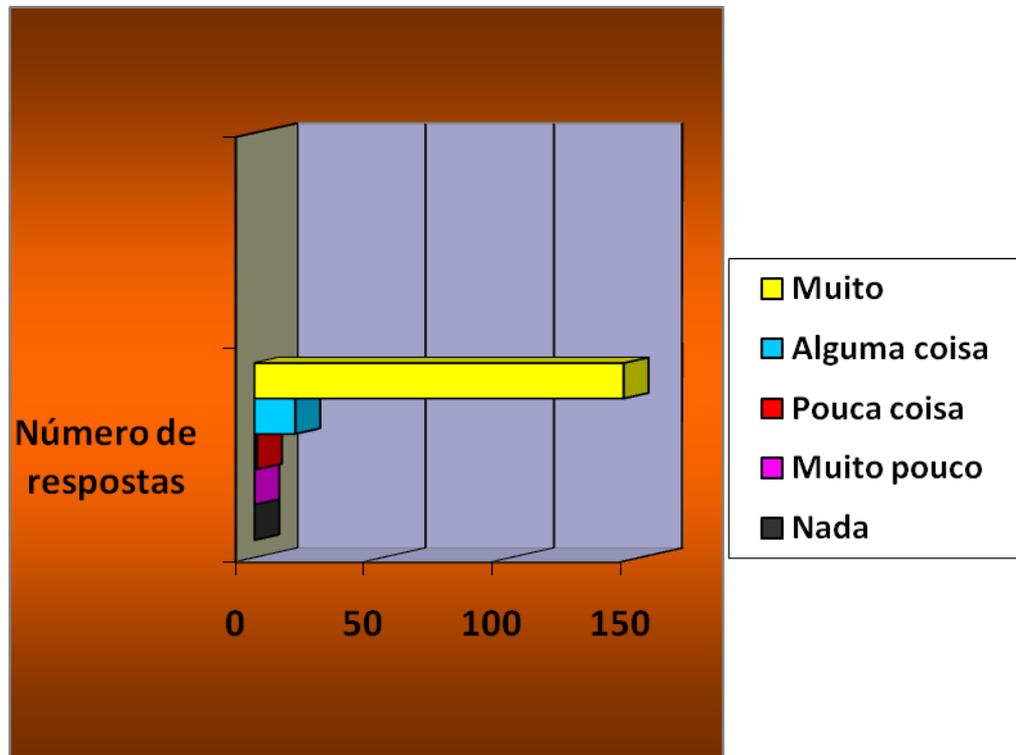
11- Na sua opinião a música contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno com Paralisia Cerebral?



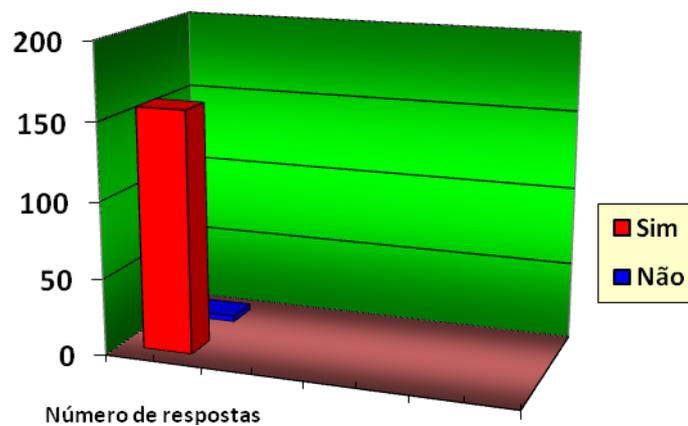
11.1- A música tem um papel importante no desenvolvimento de capacidades motoras?



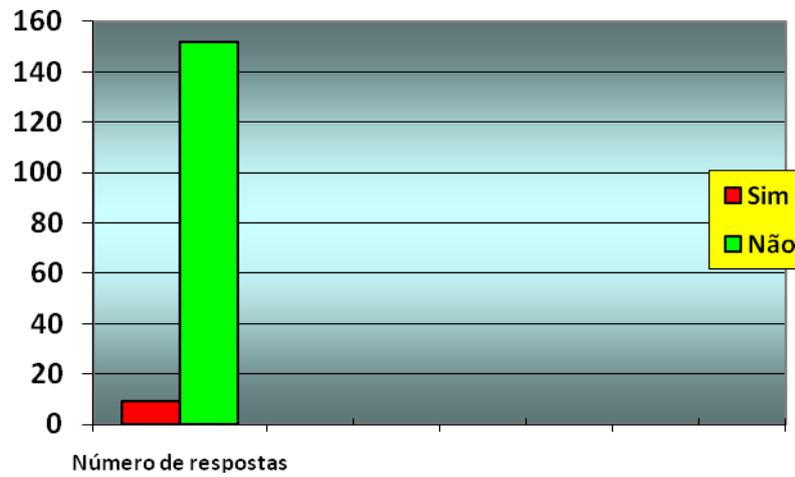
11.2- A nível da sociabilização dos alunos com Paralisia Cerebral, a música contribui:



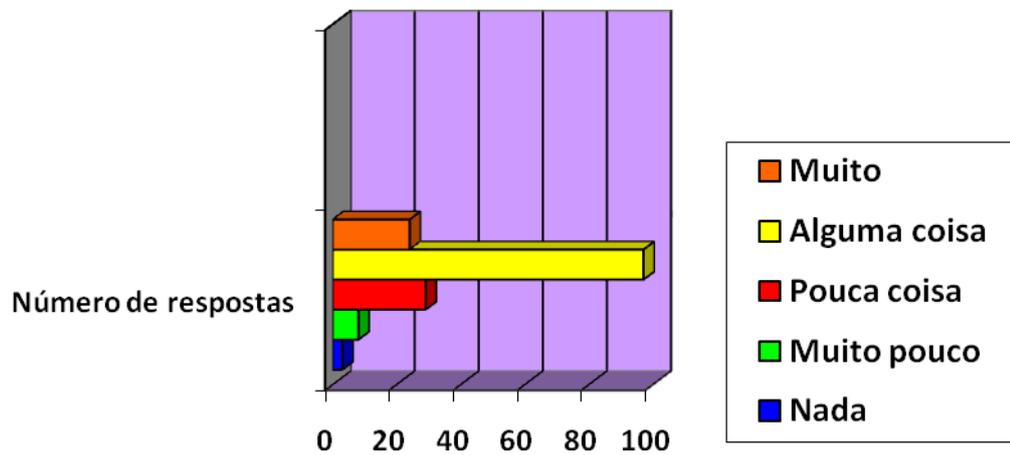
11.3- A música facilita a comunicação dos alunos com Paralisia Cerebral?



12- Acha que a Educação Musical é menos importante que as outras áreas (Português, Matemática)?



13- Utiliza a música com que frequência nas suas aulas?



Anexo II

Inquéritos

Inquérito para Professores de Educação Musical

Estimado(a) colega

Sou aluno de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, na Escola Superior de Educação Almeida Garrett e venho por este meio apelar à sua colaboração para um trabalho académico que estou neste momento a desenvolver. Este pretende ser uma base de análise para um estudo sobre: “Contributos da Música na Inclusão de alunos com Paralisia Cerebral”.

Quero ainda informá-lo que garanto o total e completo anonimato. Para responder assinale com **X** a respectiva resposta em que se enquadra ou então preencha as linhas com letra legível.

Peço a cada colega o máximo de objectividade e sinceridade no seu preenchimento.

Agradeço a sua colaboração.

Jorge Paulos

1- Disciplina que leciona:

2- Tempo de serviço:

Menos de 5 anos

entre 5 e 10 anos

Entre 10 e 15 anos

entre 15 e 20 anos

Mais de 20 anos

3- No curso de formação inicial foi dada alguma cadeira sobre NEE`S?

Sim

Não

3.1- Se respondeu sim, justifique.

4- Possui alguma formação específica na área do Ensino Especial?

Sim

Não

4.1- Se respondeu sim, justifique.

5- Escolha das seguintes opções a que acha mais correta para a definição de deficiência.

- Deficiência é ausência ou disfunção de uma estrutura psíquica, anatômica ou fisiológica.
- Deficiência é perda ou anomalia da função anatômica.
- Deficiência é a limitação de um conjunto de competências.
- Deficiência é a incapacidade psíquica, anatômica ou fisiológica.

6- Já trabalhou com alunos com NEE`S?

Sim

Não

6.1- Refira as patologias com as quais já trabalhou.

7- Como é o relacionamento do(s) aluno(s) com NEE'S em relação ao resto do grupo?

Muito mau Mau Razoável Bom Muito bom

8- Escolha das seguintes opções a que acha que melhor define Paralisia Cerebral.

- Total ausência de atividades físicas e mentais.
- Patologia não progressiva do movimento e da postura.
- Dano cerebral que leva á inabilidade, dificuldade ou descontrole de músculos e certos movimentos do corpo.
- Anormalidade pré, peri e pós-natal.

9- Escolha das seguintes opções a que acha mais correta para a definição de inclusão.

- A inclusão é um processo que favorece a participação de todos os alunos dentro de um grupo.
- A inclusão é um processo que respeita diferenças nas crianças promovendo-as socialmente ao mesmo tempo que lhes proporciona aprendizagem.
- A inclusão basicamente consiste em juntar crianças com deficiência com crianças normais.
- A inclusão é criar oportunidades para todos os alunos para a aprendizagem.

9.1- Indique 2 razões pelas quais acha que a inclusão escolar deva ser feita em alunos com Paralisia Cerebral:

10- Acha que a música contribui de forma positiva para o processo ensino/aprendizagem de alunos com Paralisia Cerebral dentro de uma sala de aula?

Sim

Não

10.1- Se a resposta foi sim, diga porquê.

11- Na sua opinião a música contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno com Paralisia Cerebral?

Nada Muito pouco Pouca coisa Alguma coisa Muita coisa

11.1- A música tem um papel importante no desenvolvimento de capacidades motoras?

Nada Muito pouco Pouca coisa Alguma coisa Muita coisa

11.2- A nível da sociabilização dos alunos com Paralisia Cerebral, a música contribui:

Nada Muito pouco Pouca coisa Alguma coisa Muita coisa

11.3- A música facilita a comunicação com alunos com Paralisia Cerebral?

Sim

Não

12- Acha que a Educação Musical é menos importante que as outras áreas (Português e Matemática)?

Sim

Não

12.1- Se a resposta foi não, justifique.

13- A estimulação auditiva e rítmica pode ajudar o aluno com PC na integração Social/Escolar?

Sim

Não

14- A integração do aluno com PC na sociedade/escola pode ser influenciada e facilitada pelos sons do quotidiano?

Sim

Não

15- A música facilita o controlo muscular do aluno com PC, aumentando a sua autoconfiança. Concorda?

Sim

Não

16.1- Se a resposta foi Sim, justifique.

Obrigado pela sua colaboração.

**Inquérito por
Questionário para
Professores do 1º
Ciclo**

Estimado(a) colega

Sou aluno de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, na Escola Superior de Educação Almeida Garrett e venho por este meio apelar à sua colaboração para um trabalho académico que estou neste momento a desenvolver. Este pretende ser uma base de análise para um estudo sobre: “Contributos da Música na Inclusão de alunos com Paralisia Cerebral”.

Quero ainda informá-lo que garanto o total e completo anonimato. Para responder assinale com **X** a respectiva resposta em que se enquadra ou então preencha as linhas com letra legível.

Peço a cada colega o máximo de objectividade e sinceridade no seu preenchimento.

Agradeço a sua colaboração.

Jorge Paulos

1- Disciplina que leciona:

2- Tempo de serviço:

Menos de 5 anos

entre 5 e 10 anos

Entre 10 e 15 anos

entre 15 e 20 anos

Mais de 20 anos

3- No curso de formação inicial foi dada alguma cadeira sobre NEE`S?

Sim

Não

3.1- Se respondeu sim, justifique.

4- Possui alguma formação específica na área do Ensino Especial?

Sim

Não

4.1- Se respondeu sim, justifique.

5- Escolha das seguintes opções a que acha mais correta para a definição de deficiência.

- Deficiência é ausência ou disfunção de uma estrutura psíquica, anatômica ou fisiológica.
- Deficiência é perda ou anomalia da função anatômica.
- Deficiência é a limitação de um conjunto de competências.
- Deficiência é a incapacidade psíquica, anatômica ou fisiológica.

6- Já trabalhou com alunos com NEE`S?

Sim

Não

6.1- Refira as patologias com as quais já trabalhou.

7- Como é o relacionamento do(s) aluno(s) com NEE'S em relação ao resto do grupo?

Muito mau Mau Razoável Bom Muito bom

8- Escolha das seguintes opções a que acha que melhor define Paralisia Cerebral.

- Total ausência de atividades físicas e mentais.
- Patologia não progressiva do movimento e da postura.
- Dano cerebral que leva à inabilidade, dificuldade ou descontrole de músculos e certos movimentos do corpo.
- Anormalidade pré, peri e pós natal.

9- Escolha das seguintes opções a que acha mais correta para a definição de inclusão.

- A inclusão é um processo que favorece a participação de todos os alunos dentro de um grupo.
- A inclusão é um processo que respeita diferenças nas crianças promovendo-as socialmente ao mesmo tempo que lhes proporciona aprendizagem.
- A inclusão basicamente consiste em juntar crianças com deficiência com crianças normais.
- A inclusão é criar oportunidades para todos os alunos para a aprendizagem.

9.1- Indique 2 razões pelas quais acha que a inclusão escolar deva ser feita em alunos com Paralisia Cerebral:

10- Acha que a música contribui de forma positiva para o processo ensino/aprendizagem de alunos com Paralisia Cerebral dentro de uma sala de aula?

Sim

Não

10.1- Se a resposta foi sim, diga porquê.

11- Na sua opinião a música contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno com Paralisia Cerebral?

Nada

Muito pouco

Pouca coisa

Alguma coisa

Muita coisa

11.1- A música tem um papel importante no desenvolvimento de capacidades motoras?

Nada

Muito pouco

Pouca coisa

Alguma coisa

Muita coisa

11.2- A nível da sociabilização dos alunos com Paralisia Cerebral, a música contribui:

Nada

Muito pouco

Pouca coisa

Alguma coisa

Muita coisa

11.3- A música facilita a comunicação com alunos com Paralisia Cerebral?

Sim

Não

12- Acha que a Educação Musical é menos importante que as outras áreas (Português e Matemática)?

Sim

Não

12.1- Se a resposta foi Não, justifique.

13- Utiliza a música com que frequência nas suas aulas?

Nada

Muito pouco

Pouca coisa

Alguma coisa

Muita coisa

Obrigado pela sua colaboração.

Anexo III

Entrevistas

**ENTREVISTA PARA DOCENTES DE MÚSICA NÚCLEO DE INCLUSÃO
PELA ARTE / DREER - RAM**

1- Graduação

Curso: _____

Universidade: _____

Ano de início e conclusão: _____

Habilitações Literárias: _____

2- Experiência profissional:

a) Tempo de serviço? _____

**b) Refira algumas facilidades e dificuldades encontradas ao longo da sua
carreira com alunos do ensino especial:**

**c) Considera a sua formação suficiente para o seu desempenho enquanto
professor de educação / expressão musical de alunos do ensino especial?**

d) No curso inicial teve alguma cadeira sobre NEE'S?

e) Possui alguma formação específica na área do ensino especial?

3- Conceitos:

a) O que é para si a inclusão? Perante um aluno com deficiência, o que acha mais importante fazer para o fazer sentir incluído?

b) O que entende por deficiência?

c) Como define a Patologia Paralisia Cerebral?

4- Educação Musical / PC

a) Acha que a Educação Musical é menos importante que as outras áreas (Português e Matemática)? Porquê?

b) Diga porque é que acha que a música pode ser um meio de inclusão para alunos com PC?

c) Acha que a música contribui para o desenvolvimento cognitivo e motor dos alunos com PC? Porquê?

d) A música contribui para a comunicação dos alunos com PC? Porquê?

e) A estimulação rítmica contribui para a integração social / escolar do aluno com PC? Porquê?

f) A música facilita o controlo muscular do aluno com PC? Ele sente-se mais confiante por isso?

5- Prática docente:

a) Que tipos de atividades musicais realiza com os seus alunos?

b) É realizada algum tipo de avaliação? Qual?

c) Tem alunos com PC? Quantos?

6- O Aluno com NEE / PC

a) Qual é o relacionamento destes alunos com o resto do grupo?

b) Qual é para si a maior dificuldade na inclusão de alunos com PC?

c) Para incluir este tipo de alunos o que acha que falta no nosso ensino?

d) O que considera crucial para um professor poder trabalhar com crianças com PC / NEE?

Anexo IV

Autorizações

Trabalho: “Contributos da Música na Inclusão de alunos com Paralisia Cerebral”

CONSENTIMENTO INFORMADO

Reconheço que os procedimentos de investigação me foram explicados e que todas as minhas questões foram esclarecidas de forma satisfatória.

Compreendo que tenho o direito de colocar agora e durante o desenvolvimento do estudo, qualquer questão relacionada com o mesmo. Tendo-me sido garantido que os dados que me dizem respeito serão guardados de forma confidencial que nenhuma informação será publicada ou comunicada, incluindo a minha identidade, sem a minha permissão.

Compreendo que sou livre de, a qualquer momento, abandonar o estudo.

Pelo presente documento, consinto a minha participação plena no estudo acima mencionado.

___/___/___

Assinatura: _____

Confirmo ter explicado a natureza e finalidades dos procedimentos de investigação. Declaro total disponibilidade para fornecer esclarecimentos a dúvidas surgidas antes ou durante a execução de tais procedimentos.

___/___/___

Assinatura: _____

Autor: Jorge Paulos

(Aluno do Mestrado do Mestrado em Ciências da Educação – Ensino Especial na Escola Superior de Educação Almeida Garrett)

Orientador: Professor Doutor Horácio Pires Gonçalves F. Saraiva

Este trabalho de investigação consiste no estudo sobre os Contributos da Música na Inclusão de alunos com Paralisia Cerebral nas Escolas da Região Autónoma da Madeira.

Os dados recolhidos serão tratados de forma confidencial. Os resultados serão apresentados mais tarde, nunca sendo os participantes identificados de forma individual, ficando os resultados à disposição dos interessados.

A decisão de participar ou não no estudo é voluntária. Se decidir participar, poderá abandonar o mesmo a qualquer momento.

Dado que só com a sua participação nos será possível concretizar este estudo, agradecemos desde já, a atenção e o tempo disponibilizado.

Grato pela sua colaboração.

Exmo. Senhor Director regional
Da Educação da RAM
Dr. Rui Anacleto Mendes Alves

Assunto: Pedido de autorização para realização de estudo de opinião de Professores por questionário.

Eu, Jorge Miguel Monteiro Paulos, aluno do Mestrado em Ciências da Educação – Ensino Especial na Escola Superior de Educação Almeida Garrett, estou a realizar um trabalho de investigação sobre “Contributos da Música na Inclusão de alunos com Paralisia Cerebral”, sob orientação do Professor Doutor Horácio Pires Gonçalves F. Saraiva.

Venho assim, pedir a vossa excelência, autorização para realizar o estudo de campo através da aplicação de um Questionário de opinião nas Escolas da Região Autónoma da Madeira. Na realização deste estudo de investigação serão considerados os aspetos éticos, será igualmente garantida a confidencialidade dos dados e anonimato de todos os que aceitarem participar no estudo. Os resultados serão apresentados mais tarde, nunca sendo os participantes identificados de forma individual, ficando os resultados à disposição dos interessados.

Com os melhores cumprimentos.
Subscrevo-me atentamente.

Funchal, 4 de Abril de 2011

Jorge Paulos